



PPGCULT

Programa de Pós-graduação Estudos de Cultura e Território

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E
TERRITÓRIO PPGCULT - UFNT

Rosaldina Sinhá de Sousa

**MEMÓRIAS DE MULHERES CAMPONESAS DESCASCADEIRAS DE
MANDIOCA NA PRODUÇÃO DE FARINHA NO POVOADO FLORESTA EM
WANDERLÂNDIA (TO)**

Araguaína/TO

2025

Rosaldina Sinhá de Sousa

**MEMÓRIAS DE MULHERES CAMPONESAS DESCASCADEIRAS DE MANDIOCA
NA PRODUÇÃO DE FARINHA NO POVOADO FLORESTA EM WANDERLÂNDIA
(TO)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) – Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Campus de Araguaína – TO, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Estudos de Cultura e Território.

Linha de pesquisa: L2 –Paisagens, Narrativas e Linguagens.

Orientadora Profa. Dr^a Rejane Cleide Medeiros de Almeida.

Araguaína/TO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S617m Sinhá de Sousa, Rosaldina.
MEMÓRIAS DE MULHERES CAMPONESAS
DESCASCADEIRAS DE MANDIOCA NA PRODUÇÃO DE
FARINHA NO POVOADO FLORESTA EM WANDERLÂNDIA
(TO) / Rosaldina Sinhá de Sousa. - Centro de Ciências Integradas -
CCI, TO, 2025.
150 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) (Pós-Graduação - Programa de
Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território - PPGCult) --
Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientadora: Rejane Cleide Medeiros de Almeida..

1. Povoado Floresta. Mulheres camponesas. produção de farinha.
Memórias. Modos de vida. . 2. . 3. . **CDD 301.09**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Rosaldina Sinhá de Sousa

**MEMÓRIAS DE MULHERES CAMPONESAS DESCASCADEIRAS DE MANDIOCA
NA PRODUÇÃO DE FARINHA NO POVOADO FLORESTA EM WANDERLÂNDIA
(TO)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) – Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Campus de Araguaína – TO, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Estudos de Cultura e Território.

Linha de pesquisa: L2 –Paisagens, Narrativas e Linguagens.

Orientadora Profa. Dr^a Rejane Cleide Medeiros de Almeida.

Data de aprovação: 03 de Setembro de 2025.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida - Orientadora (UFNT)

Profa. Dra. Olivia Macedo Miranda de Medeiros - Membro Interno (UFNT)

Prof.^a Dr.^a Herli de Sousa Carvalho - Membro Externo (UFMA)

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão especial, não posso deixar de expressar minha profunda gratidão a Deus, cuja luz e orientação iluminaram meu caminho ao longo desta jornada. Sinto-me eternamente grata pela força, sabedoria e coragem que recebi em momentos de desafios e incertezas.

Agradeço a Deus por ter me proporcionado oportunidades de aprendizado e crescimento, e por ter colocado pessoas incríveis em meu caminho, que contribuíram para meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Sua presença constante foi um alicerce nas horas de dificuldade e uma fonte de inspiração nas conquistas.

Reconheço que cada passo dado nesta trajetória foi possível graças à Sua graça e amor incondicional. Que eu possa continuar a honrar esses ensinamentos e a usar o conhecimento adquirido para fazer a diferença no mundo.

Às descascadeiras de mandioca do povoado Floresta Dheime Aparecida Ferreira Costa, Maria de Jesus Alves da Silva, Raimunda Pires Santana, Lucivânia Pereira dos Santos, Eliane Feitosa Araújo, Iranilde Sousa da Silva, Alzenir Pires Feitosa, que generosamente compartilharam suas histórias e modos de viver, doando seu tempo para dialogar e conversar conosco. Agradeço pelas entrevistas e por narrarem suas lutas em torno do trabalho com a mandioca, pois sem ouvi-las, a realização desta pesquisa não teria sido possível. Sou grato pela generosidade e por abrir um pouco da janela de suas almas, partilhando suas experiências.

Ao meu esposo, Júnior Marques pelo carinho e compreensão ao longo dessa jornada. Sua parceria em todos os momentos dessa caminhada foi essencial. Agradeço por compreender minhas ausências e por me incentivar nos momentos em que senti o chão sumir debaixo dos meus pés. Você está e estará sempre ao meu lado, sendo meu companheiro nesta vida.

Aos meus filhos, Ester de Sousa Reis, Saymon de Sousa Reis e Eloá de Sousa Brito, agradeço pelo amor incondicional e pela paciência nos momentos em que estive distante, mergulhado em estudos e pesquisas. Vocês foram minha maior motivação e fonte de inspiração. Cada sorriso e cada abraço de vocês me lembraram da importância de perseverar e buscar meus sonhos.

À minha família, por todo o apoio e pela ajuda, que muito contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos colegas da turma de Mestrado em Estudos de Cultura e Território – PPGCult UFNT, Antônio Hugo Rabelo de Castro, Dahra Hadassa Rosa Martins, Iago Silva Dias, Jeana Maria de Moura Telles, Lorena Costa Franco Maria, Maria Márcia Barbosa de Araújo, Manuel Barbosa da Silva, Maria Elza Peixoto, Martinha Dias da Silva, Marcos Fernandes Araújo do Nascimento, Maria Raimunda Rodrigues Soares Barros, Thamires Marques Ferraz Saraiva, Thiago Batista de Araújo Pereira, Wellton Jonh Pereira Santos.

Ao meu amigo Juscelino Laurindo Dos Santos, quero expressar minha sincera gratidão a você, cuja amizade e apoio foram fundamentais na minha decisão de embarcar nessa jornada do mestrado. Desde o início, suas palavras de encorajamento e sua confiança em meu potencial me motivaram a seguir em frente, mesmo nos momentos de dúvida, pois você sempre acreditou em mim e me lembrou da importância de buscar meus sonhos e objetivos. Agradeço por estar ao meu lado, oferecendo conselhos e compartilhando suas próprias experiências; sua presença fez toda a diferença e, sem dúvida, ajudou a iluminar o caminho que escolhi.

Aos professores do Mestrado em Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins, Prof. Dr. Dernival Venâncio Ramos Junior, Prof^a Dr^a Renata Rauta Petarly, Prof. Dr. Elias Silva, Prof. Dr. Vinícius Gomes de Aguiar, Prof^a Dr^a Sariza Oliveira Caetano Venâncio, Prof^a Dr^a Rosária Helena Ruiz Nakashima, Prof. Dr. Jean Carlos Rodrigues Prof. Dr. Plábio Marcos Martins Desidério, Dr^a Kênia Gonçalves Costa e ao professor Dr^a Olivia Macedo Miranda de Medeiros, meu sincero agradecimento por compartilharem seus saberes e experiências ao longo desses dois anos de Mestrado.

Agradeço profundamente à Prof^a Dr^a Rejane Cleide de Medeiros, minha orientadora, por sua orientação inestimável e apoio constante ao longo de toda a minha jornada acadêmica. Sua sabedoria, paciência e dedicação foram fundamentais para o meu desenvolvimento e aprendizado. Agradeço não apenas pelos ensinamentos teóricos, que enriqueceram meu conhecimento, mas também pelas valiosas lições de vida que me proporcionou. Suas recomendações de leitura, como Alessandro Portelli O que faz a história oral diferente!, O patriarcado do salário de Sílvia Federici entre outros que ampliaram minha visão crítica e me inspiraram a buscar sempre mais. Sou grato por ter tido a oportunidade de aprender com uma profissional tão exemplar e inspiradora.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo geral compreender como ocorre o trabalho e os modos de vida das mulheres camponesas descascadeiras de mandioca, evidenciando a relação de gênero implícita nesse contexto, povoado Floresta, município de Wanderlândia, Tocantins. Nesse sentido observa-se como as mulheres carregam um conhecimento enraizado na tradição camponesa, incluindo técnicas de manejo da mandioca, métodos de preparo, uso de ingredientes tradicionais e práticas de preservação da cultura alimentar. Essas formas de saberes valorizam a conexão com a terra, o ciclo natural das plantas e a sustentabilidade, resistindo às imposições do capitalismo e às rápidas transformações sociais. Busquei estabelecer diálogos com autores que sustentaram o desenvolvimento deste estudo. Do ponto de vista teórico, dialogo com Silvia Federici (Economia e Política), Stuart Hall (2006) sobre identidade cultural, Rogério Haesbaert (2001) sobre território e identidade, e Saquet (2007) sobre o conceito de território. Quanto à abordagem metodológica, utilizei a história oral, fundamentada nas concepções de Alessandro Portelli (1992) por meio de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistadas (07) sete mulheres, que teve como critério de escolha a faixa etária de idade entre (32) Trinte e dois a (56) cinquenta e seis anos, as que trabalhavam a mais tempo na atividade, na casa de farinha. A questão que norteia a pesquisa é de que forma as dinâmicas de poder e as estruturas patriarcais se manifestam nas casas de farinhas, contribuindo para as subalternizações e limitações enfrentadas pelas mulheres camponesas descascadeiras de mandioca em um espaço de trabalho tradicionalmente associado à produção e à reprodução social? O resultado da pesquisa nos permitiram compreender os modos de vida das mulheres descascadeiras de mandioca no povoado Floresta e como, por meio de seu trabalho, elas se transformaram em símbolos de resistência, identidade e esperança. A análise das narrativas e memórias dessas mulheres, nossas interlocutoras, revelaram a importância do trabalho na preservação cultural e na afirmação de seus direitos, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos processos de resistência e de construção de identidades nesses contextos.

Palavras - Chaves: Povoado Floresta. Mulheres camponesas. produção de farinha. Memórias. Modos de vida.

ABSTRACT

The study aims to understand, in general terms, how the work and livelihoods of cassava-peeler women in the village of Floresta, in the municipality of Wanderlândia, Tocantins, occur, highlighting the implicit gender relations in this context. The analysis shows how these women carry knowledge rooted in peasant tradition, including cassava cultivation techniques, preparation methods, use of traditional ingredients, and practices that preserve the food culture. These forms of knowledge value the connection to the land, the natural cycle of the plants, and sustainability, resisting the impositions of capitalism and rapid social changes. I sought to establish dialogue with authors who have underpinned the development of this study. Theoretically, the work engages with Silvia Federici (Economy and Politics), Stuart Hall (2006) on cultural identity, Rogério Haesbaert (2001) on territory and identity, and Saquet (2007) on the concept of territory. Methodologically, I used oral history, grounded in Alessandro Portelli's (1992) ideas, through semi-structured interviews. Seven women were interviewed, selected based on age between 32 and 56 years, those who had worked longest in the activity in the cassava flour house. The guiding question is: How do power dynamics and patriarchal structures manifest in the cassava flour houses, contributing to the subalternization and limitations faced by cassava-peeler women in a space traditionally associated with production and social reproduction? The study's results allowed us to understand the living modalities of cassava-peeler women in the village of Floresta and how, through their work, they have become symbols of resistance, identity, and hope. The analysis of the narratives and memories of these women, our interlocutors, revealed the importance of work in cultural preservation and in the assertion of their rights, contributing to a deeper understanding of processes of resistance and identity construction in these contexts.

Keywords: Floresta Village. Peasant women. Flour production. Memories. Lifestyles.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Apresentamos a lista de interlocutoras, identificando as mulheres que participaram ativamente da pesquisa e contribuíram com suas perspectivas e experiências para enriquecer nossa análise.

Figura 1 - Isabel Sinhá de Sousa	28
Figura 2 - Dheime Aparecida Ferreira Costa	29
Figura 3 - Maria de Jesus Alves da Silva	30
Figura 4 - Raimunda Pires Santana	31
Figura 5 - Lucivânia Pereira dos Santos	33
Figura 6 - Eliane Feitosa Araújo	34
Figura 7 - Iranilde Sousa da Silva	35
Figura 8 - Alzenir Pires Feitosa	36
Figura 9 - Distribuição casas de farinha	39
Figura 10 - Vista aérea do povoado floresta município de Wanderlândia	50
Figura 11 - Casa e/ou Forno de Farinha onde as mulheres descascam mandioca	66
Figura 12 - Plantio de mandioca crescida	68
Figura 13 - Plantio de mandioca brotando	69
Figura 14 - Sacas de farinha produzidas	70
Figura 15 - Sacas de farinha produzidas	70
Figura 16 - Coxo	72
Figura 17 - Banca	72
Figura 18 - Forno	73
Figura 19 - Prensa	73
Figura 20 - Rodo	74
Figura 21 - Bacia	74
Figura 22 – Faca de madeira	75
Figura 23 - Peneira	75
Figura 24 - Carrinho de mão	75
Figura 25 - Litro	76
Figura 26 - Cuia	76
Figura 27 - Faca lâmina	77
Figura 28 – Tamborete	77
Figura 29 - Lenha	77

Figura 30 – Cepo	78
Figura 31 - Divisão das atividades da produção de farinha por gênero	102
Figura 32 - Mulheres descascando mandioca	109
Figura 33 - Faca ponteaguda utilizada para descascar mandioca	111
Figura 34 - Retalho de pano para apoiar a descascar mandioca depois de despontada	111

LISTA DE SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
RURALTINS	Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins
S E B R A E	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

MEMORIAL

A TRILHA DA MINHA HISTÓRIA: UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Passado. Aquilo que já se foi, mas persiste em estar presente nas lembranças guardadas em nossa mente, desde a mais remota infância. Época que desperta saudades, de poder reviver detalhes, encontros e casualidades de grande felicidade. Para outros, que a borracha apague as tristezas e frustrações que esse tempo produziu, mas, por favor, eu peço, não permita que se esqueçam das lições que ele deixou. Passado, são raízes fincadas no da existência, espaço livre e inabalável para quem nasceu, cresceu e alegria ofereceu. Não fosse o passado eu jamais seria, não fosse ele eu jamais teria, do que falar, do que sentir e do que compartilhar. Meu passado, minha escola, meu mestre e minha história.

(Gilberto F. Coelho)

O poema de Gilberto F. Coelho provoca uma reflexão profunda sobre a importância do passado em minha vida. Ele nos lembra que o passado não é apenas uma coleção de eventos que já ocorreram, mas uma parte fundamental da nossa identidade.

As memórias, sejam elas de alegria ou dor, moldam quem somos e como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Ao revisitar o passado e refletir sobre o presente, sinto-me desafiada, mas, ao mesmo tempo, envolto por uma intensa emoção. É um grande compromisso comigo, mergulhar nas memórias da minha infância, adolescência e idade adulta. Para compartilhar minha história em suas múltiplas facetas, é necessário enfrentar e superar alguns desafios.

A história que se desenrola diante de mim é repleta de lágrimas que, embora furtivas, se fazem presentes neste momento mágico, repleto de recordações. É como se eu estivesse assistindo a um filme, onde sou a protagonista que se revela em diversas camadas e cenas: sonhos, conquistas, perdas, alegrias, tristezas, medos, ousadia, frustrações e triunfos. Uma vida exposta, cheia de nuances.

Acredito que cada um vê o mundo através de sua própria perspectiva, interpretando a realidade a partir de suas experiências e vivências. Dessa forma, como coautora da minha própria história, mergulho em uma profunda reflexão sobre as lições que a vida me ensinou, sobre o mundo que me cerca e sobre a

trajetória que trilhei até aqui.

Então vamos lá. Onde? Vamos até o povoadinho chamada Dois Buritis, lugar onde nasci aos 27 dias do mês de junho de 1977 sob os cuidados de uma ¹parteira. Recebi o nome de Rosaldina Sinhá de Sousa, este é o meu nome de registro e batismo, como todo mundo tem seu nome próprio, eu também ganhei um. Fui registada pelo meu pai na cidade de Piraquê que antes era município de Babaçulândia até sua emancipação. O povoado onde nasci se deu origem pela ocupação de fazendeiros em busca de explorar a terra para plantio de roça de mandioca. Minha avó era uma das migrantes em busca de terras para plantar, ali se instalaram e formaram o povoado que ainda hoje tem por esse nome, não teve desenvolvimento, pois não tem apoio político em nem infra estrutura. Os moradores buscam alternativas no povoado mais próximo chamado Araçulândia e se deslocam para Araguaína para comprar os suprimentos alimentares, em busca de emprego, saúde e educação.

Nasci e fui criada nesse povoado por minha avó materna, pois fiquei órfã desde os três aninhos de idade. Tenho duas irmãs materna e um irmão, que foram doados aos tios por minha mãe antes dela falecer, ela adquiriu uma doença chamada barriga d'água, hoje conhecido como câncer, naquela época não tinha muitos recursos médicos, então, a doença foi só se alastrando e os médicos despacharam ela para casa e assim sabendo que não ia ter muitos dias de vida, chamou os irmãos dela e doou os filhos, eu fiquei com minha avó que me criou e hoje sou o que sou devido a ela, apesar de não ter estudos me ensinou a viver neste mundo com humildade e honestidade. Sobre a minha avó: sempre trabalhava na lavoura, plantava de tudo, inclusive a mandioca para fazer farinha, a plantação ocorria no próprio quintal de casa, e assim criou os dez netos contando comigo. Ao compreender a formação territorial do povoado onde nasci e fui criada, pude compreender as razões que fizeram minha avó migrar movida pela busca e melhores condições de vida, vejo, que esse fluxo se deu em razão ao processo de valorização e ocupação de terras do povoado chamado dois Buritis, na perspectiva

¹A palavra “parteira” refere-se a uma profissional que auxilia no parto, geralmente em contextos de parteiras tradicionais ou em comunidades onde o parto natural é comum. As parteiras são frequentemente mulheres com experiência e conhecimento sobre o processo de nascimento, e podem oferecer suporte às gestantes durante a gravidez, o trabalho de parto e o pós-parto. Em algumas culturas, a parteira desempenha um papel fundamental na assistência ao parto, especialmente em áreas onde o acesso a cuidados médicos formais é limitado. Além disso, a parteira pode também ser um símbolo de cuidado e tradição na passagem da vida.

do desenvolvimento. O povoado foi ocupado e formado de maneira desordenada, políticas territoriais descontínuas onde até hoje não houve crescimento populacional e nem desenvolvimento econômico.

Observando a trajetória da minha avó o que se pode notar como traço marcante na sua fuga às situações de sobrevivência foi a extrema mobilidade espacial, enfatizando, sobretudo, que essas relações de poder sobre o espaço, aconteceram em busca de melhores condições de vida, principalmente no que tange a alimentação. Assim, percebi que o trajeto realizado por ela foi bastante longo, a fim de possuir um pedaço de terra, e nela se fixar e extrair o sustento para os filhos e netos. Esse processo histórico e de lutas pela permanência na terra são guardados na memória desses sujeitos, é a partir delas que construímos a nossa identidade social e cultural.

A itinerância e o êxodo pela terra, cujas causas estruturais remontam ao predomínio econômico foi sem dúvidas um dos motores da ocupação do povoado Dois Buritis. A luta travada pela terra foram constantes, porém a relação com a mesma no cultivo de hortaliças, quebrar coco para tirar o azeite, no plantio da mandioca até a produção da farinha, criar animais entre outros recursos é chave que me fazem guardar na lembrança das vivências do campo, pois foi assim que obtive sustento de vida enquanto filha neta.

As dificuldades permeadas pelas atividades do campo não eram fáceis, muitas vezes submetidas as condições precárias de trabalho, mesmo assim, minha avó não desistiu de lutar para garantir a subsistência familiar. Foram esses, entre outros motivos que me fizeram sempre querer ouvir e entender suas narrativas, que perpassam desde a falta de políticas públicas voltadas para fortalecer a agricultura familiar desde as dificuldades no manejo e cultivo do solo.

Eu me lembro que, na minha infância, os medos eram companheiros constantes. Afinal, quem não teria um pouco de receio naquela fase da vida? Éramos ingênuos, e os adultos, com suas histórias de assombração, fantasmas e ²alma penada, alimentavam nossa imaginação com os mais diversos temores.

²Alma penada" é uma expressão que se refere a uma alma ou espírito que está preso entre o mundo dos vivos e o além, geralmente por não ter encontrado paz após a morte. Essas almas são frequentemente associadas a pessoas que faleceram de maneira trágica, violenta ou que têm questões não resolvidas durante sua vida. Na cultura popular e em várias tradições folclóricas, as almas penadas são retratadas como assombrações que podem vagar por lugares específicos, buscando algo que não conseguiram alcançar enquanto estavam vivas. A expressão pode ser usada também de forma figurativa para descrever alguém que vive atormentado por lembranças ou arrependimentos do passado.

Eram eles que, muitas vezes, nos ensinavam a temer o desconhecido.

Recordo das noites em que, envolta em meu próprio medo, contava os minutos até que a escuridão se dissipasse e o dia voltasse a brilhar, trazendo consigo o alegre canto dos passarinhos. Aquela época, embora semelhante à atual em alguns aspectos, possuía uma essência única. Não havia eletricidade, telefone ou computadores; as noites eram longas e repletas de silêncios que amplificavam os sons da casa, o sussurro do vento e o grito distante do quero-quero.

Muitas vezes, o despertador que nos tirava do sono era o canto dos pássaros, o mugido dos animais ou o latido dos cães. Em um contexto onde a vida se desdobrava em sua simplicidade, aprendi a valorizar cada momento, cada minuto e cada hora. Essa lição de carinho e simplicidade me acompanhou antes mesmo de entrar na escola

Na escola, novas aprendizagens me aguardavam, tanto do mundo real quanto do imaginário. Aos poucos, fui percebendo que muitos dos meus medos eram infundados, e a descoberta do conhecimento me ajudou a desmistificá-los. A vida é feita de histórias e aprendizados, e, com o tempo, fui deixando para trás aqueles temores, abraçando a curiosidade e a alegria de viver. E foi assim toda minha infância na zona rural, um tempo de grandes descobertas de brincar, construir e destruir, inventar, imaginar e de muitas aventuras também, era muito traquina, subia nos pé de manga, tomava banho nas fontes, me divertia nas farinhadas, vivi momentos felizes brincando nos arredores de casa, não tinha mentalidade para saber que era feliz com tão pouco.

Conforme Paulo Freire:

“Toda criança que um dia fica” grande” e “vira” uma pessoa adulta”, carrega pela vida afora o menino ou menina que ela foi antes.”

Ao refletir sobre a citação de Paulo Freire, percebo que as experiências vividas na infância nos acompanham ao longo de toda a vida. Esses momentos, muitas vezes marcantes, moldam nossa forma de ver o mundo, nossas relações e até nossas escolhas. As lições aprendidas na infância, sejam elas positivas ou desafiadoras, têm o poder de influenciar minha trajetória, muitas vezes por longos períodos. Assim, é essencial valorizar e compreender essas vivências, pois elas desempenham um papel fundamental na construção de nossa identidade e na nossa capacidade de interagir com o mundo ao nosso redor. A infância, portanto,

não é apenas uma fase passageira, mas uma etapa que forma e guia ao longo de nossa jornada.

Minha avó sempre trabalhava na lavoura, plantava de tudo, inclusive a mandioca para fazer farinha, a plantação ocorria no próprio quintal de casa, e assim criou os dez netos contando comigo. Ao compreender a formação territorial do povoado onde nasci e fui criada, pude compreender as razões que fizeram minha avó migrar movida pela busca e melhores condições de vida, vejo, que esse fluxo se deu em razão ao processo de valorização e ocupação de terras do povoado chamado dois Buritis, na perspectiva do desenvolvimento. O povoado foi ocupado e formado de maneira desordenada, políticas territoriais descontínuas onde até hoje não houve crescimento populacional e nem desenvolvimento econômico.

Observando a trajetória da minha avó o que se pode notar como traço marcante na sua fuga às situações de sobrevivência foi a extrema mobilidade espacial, enfatizando, sobretudo, que essas relações de poder sobre o espaço, aconteceram em busca de melhores condições de vida, principalmente no que tange a alimentação.

Assim, percebi que o trajeto realizado por ela foi bastante longo, a fim de possuir um pedaço de terra, e nela se fixar e extrair o sustento para os filho e netos. Esse processo histórico e de lutas pela permanência na terra são guardados na memória desses sujeitos, é a partir delas que construímos a nossa identidade social e cultural.

As dificuldades permeadas pelas atividades do campo não eram fáceis, muitas vezes submetidas as condições precárias de trabalho, mesmo assim, minha avó não desistiu de lutar para garantir a subsistência familiar. Foram esses, entre outros motivos que me fizeram sempre querer ouvir e entender suas narrativas, que perpassam desde a falta de políticas públicas voltadas para fortalecer a agricultura familiar desde as dificuldades no manejo e cultivo do solo.

Iniciei meus estudos com 7 anos de idade num grupo onde funcionava multisseriado, era em média de 15 alunos, lá aprendi a ler, escrever e tirar continhas com as quatro operações básicas. Gostava dos professores, mas tenho um *in memória* que me traumatizou, ele costumava tomar a tabuada toda semana, eu não consegui aprender a tabuada do nove por completa, e acabei levando umas

³palmatorias daquelas que tinha um buraquinho feito com fogo, ah, como doeu, não aprendi a tabuada, mas fiquei com a dor gravada na memória e o medo daquele malvado professor, além dele teve uma outra professora que também gostava de judiar da gente, me colocou de joelhos nos caroços de milho⁴, não foi por muita coisa, me lembro que eram coisas simples. Mas também me lembro de muitas coisas boas, das amizades e das merendas deliciosas. O recreio era sempre livre: a gente corria no mato, brincava de jogar bola, pega-pega, amarelinha, queimada, roda, e muito mais.

No crepúsculo de uma era não tão distante, a sala de aula era um espaço onde o aprendizado e a disciplina conviviam em uma tensão constante. Evocar memórias desse tempo nos leva a um cenário onde a rigidez das regras muitas vezes se traduzia em punições físicas e humilhações. A educação, que deveria ser um porto seguro de conhecimento e crescimento, por vezes se transformava em um campo de batalha, onde o medo e a obediência eram os principais mestres. Cada palmada, cada grito, ressoava não apenas nas paredes da escola, mas também nas mentes e corações das crianças, moldando suas experiências e suas vidas de maneiras profundas e duradouras.

Esse tipo de abordagem era comum em diversas instituições de ensino, onde a autoridade do professor era mantida não apenas pela pedagogia, mas também pelo medo. O uso de palmatorias, castigos físicos como os joelhos nos caroços de milho, e outras formas de punição eram práticas que deixavam marcas, não apenas físicas, mas emocionais e psicológicas.

Ao concluir o ensino fundamental I tive que ir estudar no Povoado Araçulândia a 4km de onde morava, íamos e voltávamos a pé, minha mochila era um saquinho de arroz onde carregava os poucos materiais que possuía. De 3 a 4 semanas de estudo nessa nova escola comecei a pensar que o ensino que recebi na escola rural era bastante fraco, mas, ao mesmo tempo, muito significativo para mim. Quando cheguei a uma escola maior, com mais de trinta alunos em uma única série, a diferença foi impactante. A cada toque da campainha, trocávamos de

³**Palmatoria e Caroços de Milho como Castigos:** A palmatoria é um instrumento de punição corporal, geralmente uma tábua ou vara usada para dar palmadas nas mãos ou nas pernas.

⁴O ato de colocar crianças de joelho sobre caroços de milho é uma forma de punição dolorosa, que visava ensinar obediência e disciplina.

Essas práticas refletem tendências pedagógicas e sociais do passado, onde a disciplina rígida era valorizada e a educação muitas vezes incluía formas de castigo físico. Com o tempo, muitas dessas abordagens foram criticadas e abandonadas em favor de métodos mais positivos e construtivos de disciplina, que buscam promover o aprendizado e o respeito mútuo, em vez do medo e da dor.

matéria e, conseqüentemente, de professor. Os conteúdos eram completamente distintos do que eu havia aprendido no grupinho. Sabe aquela sensação de estar em um lugar onde você não deveria estar? Foi exatamente assim que me senti nos primeiros quatro meses nessa nova escola. Outra coisa que me fez falta foram os diálogos que tinha com minha professora na zona rural; as conversas eram sempre muito interessantes e estimulantes. Mas uma coisa que não me esqueci foi das bolinhas de papel com recadinhos que os meninos da aula mandavam para as meninas. Achava que tudo estava bem e que eu estava me adaptando à nova escola, quando, de repente, comecei a enfrentar ataques racistas.

É importante reconhecer como as experiências na infância podem ser moldadas por fatores sociais, culturais e raciais, impactando a autoestima e a identidade de crianças negras, como eu. As frases que escutei refletem preconceitos e estigmas que me afetaram profundamente, lembro-me de que estava na 5ª série do ensino fundamental (hoje quarto ano) quando sofri racismo pela primeira vez. Devido à minha pele escura meus cabelos crespos, alguns alunos da mesma sala que eu começaram a fazer piadas e constantemente degradava minha imagem. Eles diziam que meu cabelo era de bombril, "esquecida no sol" e "passou do ponto", essas frases podem se referir a padrões de beleza eurocêntricos que desvalorizam características como a pele mais escura e os cabelos crespos ou cacheados. Essas expressões não apenas perpetuam estereótipos negativos, mas também reforçam a ideia de que a beleza e a aceitação estão ligadas a conformidades que não são acessíveis a todos.

Por causa disso, ainda tão pequena, eu me sentia excluída e diferente dos outros, ainda na adolescência de tanto ouvir apelidos como nega do cabelo duro, alisei o meu cabelo, mudei de cabelos crespos para lisos, mas percebi que isso não mudava a cor da minha pele, e muito menos a consciência dos colegas que me atacavam e que mesmo tendo boas notas, era utilizada apenas como exemplo quando o tema era escravidão. Naquela época, eu não compreendia o que aquilo significava, mas hoje percebo que era um reflexo do racismo estrutural. O que não consigo entender é como um adulto pode fazer isso com uma criança. É uma forma devastadora de desumanização."

Este contexto descreve a situação das escolas em relação às questões de preconceito, discriminação e racismo. No passado, as instituições refletiam normas sociais que frequentemente permitiam e incentivavam a exclusão de grupos

marginalizados, reforçando hierarquias de valor humano. Estudantes de minorias enfrentavam opressões estruturais por parte de educadores que reproduziam esses padrões.

Atualmente, observa-se uma maior conscientização sobre a importância de um ambiente escolar inclusivo e respeitoso. Muitas escolas têm adotado práticas que promovem a empatia, a valorização da diversidade e a eliminação de punições físicas, buscando formar cidadãos críticos e conscientes das desigualdades sociais. Programas de formação de professores e políticas educativas têm sido implementados para ampliar o entendimento sobre diversidade racial e cultural, incluindo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena, conforme estabelecido pela Lei nº 10.639/2003.

Historicamente, o currículo escolar negligenciou as questões raciais, muitas vezes perpetuando estereótipos e desigualdades. No entanto, a partir da década de 1960, movimentos sociais e a luta por direitos civis impulsionaram a incorporação de temas relacionados à história e cultura de grupos marginalizados, promovendo uma abordagem mais crítica e inclusiva. Organizações da sociedade civil e movimentos sociais continuam a pressionar por uma educação antirracista, promovendo campanhas e capacitações que incentivam o diálogo e a reflexão sobre a diversidade.

Apesar dos avanços, desafios permanecem, como a resistência de algumas instituições e a persistência das desigualdades no acesso à educação de qualidade. Ainda assim, a trajetória da educação antirracista demonstra que é possível construir ambientes escolares mais justos e com equidades. A luta contra o preconceito e o racismo é contínua, exigindo reflexão, diálogo e a coragem de transformar antigas narrativas que, frequentemente perpetuam a discriminação.

Apesar dos ataques racistas que enfrentei ao longo da vida descobri que solidão não tem cor, nunca deixei de acreditar em mim e nas minhas capacidades. Nunca tive vergonha das minhas origens; pelo contrário, sempre busquei ser fiel à minha essência e ao que me torna única. Essas palavras e situações não são apenas lembranças dolorosas; elas representam marcas de violências cotidianas que, infelizmente, ainda atingem nossas crianças negras. Com o passar do tempo deixei o meu cabelo voltar ao normal, de lisos para cacheados. Me descobrir negra foi, sem dúvida, um dos processos mais desafiadores da minha vida, mas também um dos mais libertadores. Hoje, carrego com orgulho a minha identidade e a minha

cor, reafirmando que, apesar de tudo, a minha trajetória é marcada pela resistência, pela força e pelo amor a quem sou. E isso, para mim, é resistência.

Enfim..., concluí o ensino fundamental II e fui morar em Goiânia com uma amiga para estudar o ensino médio. Lá fiquei um ano sem estudar pois o Colégio em que estudava em Araguaína havia entrado de greve, e não pude levar minha transferência. Em Araguaína cursava magistério e quando comecei a estudar lá em Goiânia já tinha mudado a grade curricular passando a ser Ensino Médio, e assim, com muita dedicação terminei a segunda etapa dos meus estudos e retornei ao meu território de origem, o povoado onde morava com minha avó.

Mostrando alguns dos meus passos e dificuldades para chegar ao final do Ensino Médio e assim proporcionar uma melhor compreensão da nova visão que se adquire na busca de informações de uma profissional apta para ser atuante na mudança para um futuro educacional melhor, passo a estabelecer relações entre as fases mais marcantes da minha vida enquanto acadêmica universitária e vida profissional. Em cada fase busco relacionar a teoria e prática vivenciadas por mim.

Saliento que todas as etapas foram vividas com muito otimismo, pois era uma menina pobre e negra e não tinha muitas opções, mas sempre acreditando que quando há dedicação o resultado almejado será encontrado, a realização pessoal, profissional alcance do nível de maturidade em cada etapa vivida.

Na minha vivência docente, para além dos cursos da formação acadêmica, sempre tive abertura e compromisso em investir, continuamente no meu aperfeiçoamento, na minha atualização e nas aprendizagens de novas tendências relacionadas ao ensino, pesquisa, extensão, sempre considerando a indissociabilidade entre estes três pilares conforme descreve Cunha (1996). Também considerei relevante agregar elementos para o exercício da gestão e também acrescentei os conhecimentos adquiridos até então para melhorar meu desempenho nas minhas atividades diárias.

Minha motivação para a formação complementar me direcionou a participar de uma variedade de atividades que contribuíram para o meu aperfeiçoamento, a saber. Eu não tinha perspectiva nem sabia que curso gostaria de me formar, então recebi uma proposta de trabalho como professora substituta, não tinha formação nenhuma na área, somente o ensino médio completo. Não rejeitei, recebi muito apoio da coordenação pedagógica onde fui aprendendo a desenvolver minhas habilidades na área como mestre, busquei enriquecer minha prática pedagógica e

engajar meus alunos, e foi através da pedagogia progressista onde aprendi uma abordagem que realmente me inspirava, pois valoriza o indivíduo como um ser ativo na construção de sua própria história. Para mim, o desenvolvimento pessoal acontece quando compartilhamos ideias, informações e responsabilidades, e quando tomamos decisões juntos, sempre em um espírito de cooperação. Vi essa pedagogia como um caminho para a transformação social, pois promove o diálogo e a discussão coletiva, que são essenciais para uma aprendizagem significativa. Acredito que o trabalho em equipe, as parcerias e a participação crítica e reflexiva de alunos e professores são fundamentais nesse processo. Essa abordagem não apenas enriquece a experiência educacional, mas também nos prepara para enfrentar os desafios do mundo de forma mais consciente e colaborativa. É neste sentido que Paulo Freire (1991, p. 58) afirma que: “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”.

Logo me interessei pela formação acadêmica até mesmo para permanecer na área em que estava atuando, Nesse sentido, abri vestibular na Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS) e me inscrevi, passei e comecei minha nova vida como acadêmica na área de Pedagogia. Assim, recebi formação a atuar com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania promovendo aos meus alunos um saber mais investigador e prático.

Que experiência maravilhosa, além dos objetivos alcançados, construí novas amizades e saberes, descobri o que gratificante é estudar. Buscando ainda especializar-se na área educacional e movida pela curiosidade de pesquisa, investigação e experiência fiz o curso de Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Outra oportunidade de interagir com o conceito de gestão, entendendo-a como processo democrático de decisões, participações e de responsabilidades. Desde então, posso afirmar que minha formação acadêmica não chegou ao seu ponto final. Cursei em 2007 Especialização em Educação Especial Inclusiva pela Faculdade ESEA. Foram momentos ricos de socialização do conhecimento, principalmente para o processo que se iniciava nas escolas quanto à inclusão escolar. Os temas abordados proporcionaram uma compreensão singular, os quais beneficiaram na área de atuação no meu trabalho e na minha vida particular em especial. Entendi que a escola inclusiva deve reconhecer e atender às diversas dificuldades de seus alunos, adaptando-se aos diferentes

ritmos de aprendizagem. Assim, ela se torna um espaço que realmente valoriza a diversidade e promove a realização de sonhos para todos.

Impulsionada pelo meu desejo incessante de aprofundar meus estudos, em 2021 tive a oportunidade de cursar uma disciplina como aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território (PPGcult) e duas disciplinas especiais no Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Regionais (PPgdire). As vivências adquiridas nessas disciplinas não apenas enriqueceram meu conhecimento, mas também me proporcionaram momentos de reflexão sobre minha identidade e papel no mundo. Cada aula, cada discussão e cada interação contribuíram para que eu pudesse entender melhor o contexto em que estou inserida e como posso me relacionar com ele.

Essas experiências foram fundamentais para a minha formação acadêmica, proporcionando-me não apenas um conhecimento teórico valioso, mas também a chance de interagir com professores renomados e colegas apaixonados por suas áreas. Essa imersão no ambiente acadêmico foi a chave-mestra que abriu as portas para o tão almejado sonho de ingressar como aluna regular no PPGcult no ano de 2003, consolidando meu compromisso com a pesquisa e a construção de um futuro promissor na área.

Esse processo formativo me permitiu reavaliar minha história pessoal e profissional, levando-me a questionar e a me aprofundar em temas que considero essenciais. É a partir dessas reflexões que desenvolvo meu objeto de estudo e é por isso que desenvolvi este memorial: para que eu possa apresentar meu lugar de fala e o contexto em que desenvolvi minhas discussões.

Essas vivências fortaleceram meu sentimento de pertencimento e me lembraram da importância de valorizar nossas raízes, especialmente enquanto mulher preta. Como Djamila Ribeiro afirma, “ser preta é uma experiência de resistência, de afirmação da própria existência em um mundo que muitas vezes tenta apagá-la.” Para ela, o lugar de fala da mulher preta é fundamental para compreender as desigualdades e lutar por justiça social. Assim, visitar o campo foi mais do que uma oportunidade de rememorar minha trajetória de vida; foi um ato de reafirmação da minha história enquanto preta, neta e filha de uma camponesa, fortalecendo minha identidade e meu compromisso de valorizar as memórias e lutas das mulheres que vieram antes de mim.

Diante disso, concluo que a valorização das memórias e experiências das

mulheres negras e camponesas é essencial para fortalecer nossa resistência e construir uma narrativa mais inclusiva e justa. Como Djamila Ribeiro destaca, “como negra, não quero mais ser objeto de estudo, e sim a sujeita da pesquisa”, reforçando a necessidade de que as pessoas negras assumam o protagonismo na produção de conhecimento sobre suas próprias vidas. Assim, é fundamental que a academia deixe de marginalizar as vozes negras, promovendo espaços onde possam ser agentes ativos na construção do saber, contribuindo para a desconstrução de desigualdades e para a valorização de nossas histórias e identidades.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	24
1.1 Metodologia	38
1.2 Campo de pesquisa	45
1.3 Diálogos teóricos na pesquisa interdisciplinar: desafios e possibilidades	52
2 TRAJETÓRIA NA INFÂNCIA, NA EDUCAÇÃO E NA PROFISSÃO DAS MULHERES CAMPONESAS DESCASCADEIRAS DE MANDIOCA DO POVOA DO FLORESTA (TO)	57
3 HISTORICIDADE DO TERRITÓRIO POVOADO FLORESTA: LUGAR SIMBÓLICO DE RITOS E TRABALHO DE MULHERES CAMPONESAS DESCASCADEIRAS DE MANDIOCA	64
3.1 O Mantimento da Terra: A Cultura da Produção da Farinha de Mandioca	78
3.2 Se tem mulher descascando mandioca, tem farinhada: Os modos de viver das mulheres descascadeiras de mandioca do Povoado Floresta	86
3.3 Para nós, trabalhar é como ir à escola (Alzenir, 2024)	91
3.4 “Aqui não temos nenhum direito, só a diária que recebemos mesmo, Nada mais! E tchau, tchau”	100
4 CASA DE FARINHA: ONDE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA DE MULHERES CAMPONESAS SE ENCONTRAM	105
4.1 Condições de vida das mulheres camponesas descascadeiras de mandioca	109
4.2 A construção social do trabalho	116
4.3 Resistências e Relações de Gênero nas Atividades de Descascagem de Mandioca	123
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	132

1 INTRODUÇÃO

O que aconteceria se uma mulher despertasse uma manhã transformada em homem? E se a família não fosse o campo de treinamento onde o menino aprende a mandar e a menina a obedecer? E se houvesse creches? E se o marido participasse da limpeza e da cozinha? E se a inocência se fizesse dignidade? E se a razão e a emoção andassem de braços dados? E se os pregadores e os jornais dissessem a verdade? E se ninguém fosse propriedade de ninguém? (Galeano, 2007).

O trecho do livro "Mulheres", de Eduardo Galeano, aborda as histórias de mulheres latino-americanas. As questões levantadas pelo autor permeiam constantemente as reflexões da minha pesquisa, servindo como ponto de partida inspiradora para as análises a seguir.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender condições de trabalho das mulheres no processo de descascagem da mandioca, no município de Wanderlândia, Tocantins. Ainda hoje, essas mulheres mantêm vivas, práticas culturais construídas historicamente ao longo de gerações sobre um território específico, qual seja, a do Povoado Floresta. Por meio de suas vozes, buscamos entender a importância dessa pesquisa na perspectiva de conhecer como ocorre o dia a dia no trabalho na casa de farinha.

No Brasil, as condições de vida e trabalho nas áreas rurais sempre foram marcadas por precariedades, especialmente para as mulheres camponesas. No povoado Floresta, em Wanderlândia, essa situação é ainda mais evidente para as descascadeiras de mandioca, que enfrentam os desafios de um trabalho árduo e pouco valorizado, a pesquisa apontou para essa realidade. A expansão do agronegócio e a modernização agrícola têm intensificado o desmonte dos direitos trabalhistas, resultando em uma crescente precarização do trabalho no campo. Esse modelo econômico promove a exploração rural em nome do desenvolvimento capitalista, atuando como um mecanismo regulador e controlador das relações de vida e trabalho.

Assim, o sistema capitalista gera profundas desigualdades sociais, com impactos diretos na rotina dos sujeitos e, principalmente, das mulheres, que se veem forçadas a resistir e lidar com práticas de exploração e subordinação. No dia a dia das descascadeiras de mandioca, essas questões se tornam, especialmente

visíveis, mostrando as duras condições de trabalho nas casas de farinha, um cenário comum em várias regiões do Brasil, como no próprio povoado Floresta.

A produção de farinha de mandioca é uma atividade que envolve uma série de processos manuais, desde a colheita da mandioca até a transformação em farinha. As descascadeiras, mulheres, são responsáveis por um trabalho árduo e extenuante. Elas realizam o descascar da raiz, que é uma tarefa que demanda tempo e esforço físico considerável. Após o descascamento, a mandioca é ralada, prensada e, por fim, torrada nas casas de farinha, onde o calor intenso torna a jornada ainda mais desafiadora.

A agricultura familiar, que é uma das principais formas de cultivo na região, se destaca por sua capacidade de sustentar as comunidades locais e promover a segurança alimentar. As pequenas agricultoras, muitas vezes em regime de cooperativas, cultivam a mandioca e outras culturas, contribuindo para a economia local e para a preservação de tradições culturais. No entanto, essa forma de agricultura enfrenta muitos desafios, como a falta de acesso a crédito, assistência técnica e políticas públicas que fortaleçam a produção familiar.

As políticas públicas voltadas para o setor rural, embora existam, muitas vezes são insuficientes para atender às necessidades específicas das mulheres camponesas. Programas de capacitação, acesso a mercados e incentivos para a produção sustentável são algumas das ações que poderiam ser implementadas para melhorar as condições de vida e trabalho nessas comunidades.

Esse giro espacial/territorial, ao longo destas reflexões, não é exatamente uma novidade, de alguma forma, nós, “latino-americanos” sempre estivemos mais ligados ao espaço (Germani, 1964), as formas muito próprias de lê-lo/vivenciá-lo através das práticas territoriais. Isso começaria pela maior valorização do aqui agora de muitos grupos subalternos. Essa sobrevalorização do momento presente vem atrelada, contudo, à rememoração constante de uma ancestralidade, especialmente para os povos originários, ou à espera por um futuro (almejado) que nunca se alcança.

Apesar de ouvir e conviver com essas narrativas feitas pela minha avó, não possuía esboço teórico para entender o processo de território e de territorialidades nas diversas formas concretas e simbólicas de apropriação da terra. Nesse sentido

compreender as transformações do espaço na perspectiva de (Santos, 2008), e como os territórios são produzidos pelos sujeitos na compreensão de Saquet (2007) e Raffestin (1993), assim como entender o território em suas múltiplas forças do poder e nas diferentes escalas, dediquei-me a concorrer a seleção do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT).

Nesse sentido destaco aqui a primeira fase de minha pesquisa como marcas em minhas memórias de infância. O desenvolvimento de estudos sobre as casas de Farinha, a partir de experiências pessoais, pode ser interpretado como uma forma de dividir o tempo em dois momentos distintos, sendo o primeiro, as memórias uma ferramenta valiosa para essa compreensão. Esses momentos são marcados pelas recordações da minha infância, em que a presença marcante da minha avó materna se torna evidente. Ela, com suas mãos calejadas e olhar sábio, não apenas me ensinava os segredos da produção da farinha, mas também me transmitia histórias e tradições que permeavam aquele espaço. Cada visita à Casa de Farinha se tornava uma aula sobre a importância da cultura local, revelando as ligações entre o passado e o presente. Assim, essas memórias não são meras recordações, mas sim elementos que constroem minha identidade e me conectam às minhas raízes, permitindo-me refletir sobre como as práticas e os saberes populares continuam a influenciar a vida contemporânea.

A segunda fase de minha pesquisa decorre da minha relação pessoal com a pesquisa, que começou no Mestrado em agosto de 2023, que ao longo desse trajeto, as casas de farinhas do povoado Floresta, município de Wanderlândia, TO se destacam como um tema central nos meus estudos e foram fundamentais para a minha formação como pesquisadora na área social.

Essa pesquisa tem por objetivo **Geral**: Compreender como ocorre as condições de trabalho da mulher camponesa no processo de descascagem da mandioca e a relação de gênero implícitas nesse trabalho. Como objetivos **específicos**, buscou-se: **1.** Identificar a trajetória educacional e profissional das mulheres descascadeiras de mandioca do Povoado Floresta/Wanderlândia TO, relacionando os fatores que influenciam seu desenvolvimento na infância e suas determinações ao longo de suas trajetórias. **2.** Analisar como ocorre o trabalho das mulheres na produção da farinha de mandioca no Povoado Floresta, Wanderlândia,

atravessadas pelas questões de trabalho. **3.**Compreender como se dá as resistências das mulheres descascadeiras de mandioca, destacando a relação de gênero implícitas nesse processo.

Este estudo é desenvolvido no povoado Floresta, em Wanderlândia (TO), e foi motivado por uma vivência próxima dessa realidade. Tendo nascido e crescido em contato com as atividades rurais locais, minha trajetória de vida está profundamente marcada pelas atividades rurais, uma realidade que moldou minha visão de mundo e minha identidade. Autores como Paulo Freire (1970) destacam a importância da educação contextualizada e do contato direto com a realidade do campo para a formação de uma consciência crítica. Mobilizamos, também, Celso Furtado (1961) que reforça a relevância do desenvolvimento regional e das atividades agrícolas na construção de uma sociedade mais justa e sustentável. Na pesquisa utilizamos como metodologia história oral para registrar e compreender as experiências dessas mulheres descascadeiras de mandioca, enquanto trabalhadoras. A pesquisa está exposta pela Introdução e por três capítulos, apresentados da seguinte forma: 1.Introdução, constando a justificativa da pesquisa, questões norteadoras, Objetivos gerais e específicos. 2.Capítulo 1: Memorial, trajetória da infância educacional e profissional. Este primeiro capítulo tem como objetivo compreender os fatores que influenciaram o desenvolvimento na infância dessas mulheres, bem como as consequências desses fatores ao longo de suas trajetórias de vida. A partir dessa análise, buscamos oferecer uma compreensão aprofundada das experiências vividas e dos desafios enfrentados por elas, contribuindo para refletir sobre as condições de vida, educação e oportunidades disponíveis em comunidades rurais tradicionais. No Capítulo 2: O Trabalho das Mulheres na Produção de Farinha de Mandioca no Povoado Floresta. Neste capítulo, será analisado o papel das mulheres na produção de farinha de mandioca no Povoado Floresta, em Wanderlândia, TO. Serão explorados as formas de trabalho, as tarefas desempenhadas e a importância econômica e social dessas atividades para a comunidade. Também serão abordados aspectos como a organização do trabalho, a divisão de tarefas entre homens e mulheres e como as práticas culturais influenciam esse contexto.

Capítulo 3: Resistências e Relações de Gênero nas Atividades de Descascagem de Mandioca. O terceiro capítulo trata das resistências das mulheres

descascadeiras de mandioca, com uma análise mais profunda das relações de gênero que permeiam esses processos. Serão discutidas as dinâmicas de poder, as formas de resistências às imposições sociais e as estratégias utilizadas pelas mulheres para reivindicarem seus direitos e fortalecerem sua posição na cadeia produtiva. A intersecção entre gênero, cultura e trabalho será um ponto central deste capítulo.

Ao falar das grandes mulheres que contribuíram com nossas histórias, é impossível não refletir sobre a força, a coragem que elas carregam em suas jornadas. Mulheres que, mesmo diante de desafios, permanecem firmes, nutrindo suas famílias e comunidades com dedicação.

Figura 1 - Isabel Sinhá de Sousa



Fonte: Sousa (2024)

Na Figura 01, apresento minha avó, uma mulher negra de coração generoso e alma acolhedora. Mulher camponesa que dedicou toda a sua vida ao trabalho na lavoura, plantando, quebrando coco babaçu e preparando farinha com dedicação e coragem. Sua trajetória foi um exemplo de força, resistência e amor pela terra na qual criou seis filhos e quatro netos com simplicidade e determinação.

Abaixo apresento as mulheres participantes da pesquisa que representam

não só a força feminina, mas também a riqueza cultural que as comunidades devem preservar, as vozes de história de vida.

Figura 2 - Dheime Aparecida Ferreira Costa



Fonte: Sousa (2024)

Dheime Aparecida Ferreira Costa 41 anos (Figura 02), conhecida carinhosamente como Cida, tem uma trajetória de vida marcada por determinação, resiliência e esperança. Nascida no Maranhão, ela cresceu em uma região onde as oportunidades eram limitadas, o que a motivou a buscar uma vida melhor para si e para sua família. Sua decisão de migrar do Maranhão para o Tocantins foi motivada pelo desejo de encontrar melhores condições de vida, trabalho e educação para seus filhos, além de oportunidades de crescimento pessoal e profissional que não estavam disponíveis em sua terra natal.

Ao chegar ao Tocantins, Cida enfrentou diversos obstáculos, como a adaptação a uma nova cultura, a busca por emprego e a necessidade de estabelecer uma nova rotina. Sem desanimar diante das dificuldades, ela se dedicou ao trabalho árduo de descascar mandioca, uma atividade que exige esforço físico e perseverança, mas que lhe permitia sustentar sua família de forma digna. Essa atividade, além de garantir o sustento diário, tornou-se símbolo de sua

força e determinação.

A trajetória de Cida também é marcada por seu papel como mãe dedicada. Ela busca transmitir aos seus filhos valores essenciais, como a ética do trabalho, a importância da educação e a esperança de um futuro melhor. Sua história inspira aqueles ao seu redor, demonstrando que, com força de vontade e perseverança, é possível superar obstáculos e conquistar sonhos.

Hoje, Cida é um exemplo de resistência e esperança, mostrando que a migrante do Maranhão ao Tocantins não apenas buscou uma vida melhor, mas também construiu uma história de coragem e amor pela família, sempre sonhando com um amanhã de oportunidades e realizações.

Figura 3 - Maria de Jesus Alves da Silva



Fonte: Sousa (2024)

Maria de Jesus Alves da Silva (figura 03) é uma mulher de 47 anos, casada e mãe de dois filhos, natural do povoado Inhumas, situado no município de Wanderlândia, no estado do Tocantins. Sua trajetória de vida reflete dedicação, esforço e uma forte ligação com suas raízes familiares e comunitárias.

Em 2015, Maria de Jesus mudou-se para o povoado Floresta, buscando novas oportunidades de vida e trabalho. Desde então, ela tem construído sua trajetória, tanto no aspecto profissional quanto no pessoal. Sua atividade principal é

a de descascadeira de mandioca, uma tarefa que demanda atenção, habilidade manual e cuidado, além de ser fundamental para a produção agrícola local.

A experiência de Maria de Jesus na atividade de descascar mandioca começou na convivência diária com suas companheiras mais velhas, dona Alzenir e dona Raimundinha. A convivência com essas mulheres mais experientes foi fundamental para que ela aprendesse as técnicas e os cuidados necessários para realizar a tarefa com eficiência e segurança. Essa transmissão de conhecimentos de geração em geração é comum em comunidades rurais, fortalecendo os laços comunitários e preservando técnicas tradicionais de trabalho.

Maria de Jesus destaca que o trabalho de descascar mandioca é mais que uma atividade econômica; é uma forma de manter viva a cultura e as práticas tradicionais de sua comunidade. Sua dedicação e habilidade têm contribuído para o sustento de sua família e para o desenvolvimento do povoado Floresta, além de representar uma história de resistência e perseverança de mulheres que, mesmo diante de desafios, continuam a desempenhar papéis essenciais na agricultura familiar e na economia local.

Sua trajetória exemplifica a força e de muitas mulheres rurais no Tocantins, que, através de seu trabalho diário, preservam tradições, sustentam suas famílias e fortalecem suas comunidades.

Figura 4 - Raimunda Pires Santana



Fonte: Sousa (2024).

Dona **Raimunda Pires Santana** (Figura 04) tem 54 anos e é uma pessoa central na vida de seu povoado, uma mulher de forte personalidade, que carrega no coração as tradições de sua terra natal. Viúva há alguns anos, ela dedica-se de corpo e alma à sua família e às suas raízes culturais, transmitindo os saberes ancestrais aos seus dois filhos, que crescem ouvindo histórias da terra, do cultivo e das práticas tradicionais.

Nascida e criada no povoado Floresta, Dona Raimundinha aprendeu desde cedo a descascar mandioca, uma tarefa que para ela é mais do que uma simples atividade doméstica — é uma conexão com suas raízes familiares e uma forma de honrar o legado de seus antepassados. Sua infância foi marcada por dias vividos no campo, ajudando seus pais no trabalho da roça, aprendendo a distinguir as melhores raízes, a cuidar do fogo para secar a farinha e a preparar o alimento com dedicação e amor.

Filha de um camponês e de uma camponesa que sempre trabalharam na agricultura, Raimunda cresceu em um ambiente onde a relação com a terra era sagrada. Seus pais migraram do Piauí para o Tocantins em busca de oportunidades e terras férteis para produzir alimentos, trazendo consigo a esperança de um futuro melhor. O movimento migratório de sua família foi motivado pelo desejo de encontrar um lugar onde pudessem cultivar a terra com dignidade, e esse esforço é uma das histórias que ela repassa com orgulho aos seus filhos.

No novo lar, estabeleceram-se no povoado, formando uma comunidade unida, onde as tradições de produzir farinha de mandioca e outros alimentos típicos são passadas de geração em geração. Essa prática, além de ser uma fonte de sustento, é uma expressão cultural que fortalece os laços entre os moradores, preservando costumes que resistem ao tempo. Dona Raimundinha é uma das principais guardiãs desse saber, participando ativamente das festas tradicionais, como o festejo do São João, e ajudando a organizar eventos comunitários que celebram a cultura local.

Sua rotina diária é marcada pelo trabalho duro na cozinha, na roça ou na feira, onde vende a farinha produzida por ela e por outros moradores. Ela conhece cada planta, cada técnica de secagem, cada segredo para obter uma farinha de

qualidade. Seu sorriso acolhedor e sua conversa animada fazem dela uma figura querida por todos, uma verdadeira matriarca que transmite valores de solidariedade, respeito às tradições e amor pela terra.

Além de seu papel como provedora e guardiã da cultura, Dona Raimundinha também é uma mulher de fé e esperança, sempre busca manter viva a memória de seus antepassados e incentiva seus filhos a valorizarem suas raízes. Ela acredita que a resistência das tradições é fundamental para preservar a identidade de seu povo e que, mesmo em tempos de mudanças, é possível manter viva a essência de uma cultura que pulsa forte em cada canto do seu lar e da sua comunidade.

Hoje, Dona Raimundinha é símbolo de resistência e esperança, demonstrando que o amor pela terra, pelas raízes e pelas tradições é o alicerce que sustenta uma história de luta, dedicação e orgulho de ser quem ela é — uma verdadeira representante da alma de seu povoado.

Figura 5 - Lucivânia Pereira dos Santos



Fonte: Sousa (2024)

Lucivânia Pereira dos Santos (Figura 05) tem 38 anos, nasceu e foi criada no Povoado Floresta, onde reside até hoje. Desde cedo, Lucivânia se destacou por

sua habilidade, dedicação e afinidade com as atividades relacionadas ao trabalho manual, especialmente na atividade de descascar mandioca. Ela aprendeu essa tarefa com seu pai, que também trabalhava com mandioca, e posteriormente com seu tio, proprietário de uma casa de farinha na região. Embora seu tio atualmente não produza farinha, ele continua a trabalhar com outros elementos derivados da mandioca, como polvilho, tapioca e puba, que fazem parte da produção tradicional da farinha. A experiência adquirida ao longo dos anos fez de Lucivânia uma referência na comunidade, valorizando suas habilidades tradicionais e contribuindo para a preservação das práticas culturais relacionadas ao processamento da mandioca.

Figura 6 - Eliane Feitosa Araújo



Fonte: Sousa (2024)

Eliane Feitosa Araújo (Figura 06) nasceu há 37 anos no Povoado Floresta, uma comunidade rural que forjou sua identidade e suas raízes. Filha de agricultor e agricultora, Eliane cresceu imersa na cultura local e nas tradições da agricultura familiar, aprendendo desde cedo o valor do trabalho duro e da conexão profunda com a terra. Sua infância foi marcada por jornadas de cultivo, cuidados com os animais e participação nas tarefas do dia a dia do campo, o que lhe proporcionou uma forte ligação com o ambiente rural. Concluiu o 2º grau, é formada em técnico

de enfermagem porém não atua na área, prefere trabalhar como descascadeira de mandioca.

Desde jovem, Eliane demonstrou dedicação e amor pelo seu povoado, valorizando as práticas tradicionais de sua comunidade. Concedeu sua entrevista com muita satisfação, contribuindo em muitos momentos nas rodas de conversa, sempre compartilhando suas experiências e saberes. Ela se mostra satisfeita com o que faz e gosta de morar no povoado onde nasceu, tendo criado sua filha com o mesmo carinho e dedicação que aprendeu com sua família. Além de suas atividades no campo, Eliane também participa de iniciativas locais que promovem o desenvolvimento sustentável e a preservação das tradições culturais do Povoado Floresta, sendo uma representante atuante de sua comunidade e um exemplo de resistência e orgulho da cultura rural.

Figura 7 - Iranilde Sousa da Silva



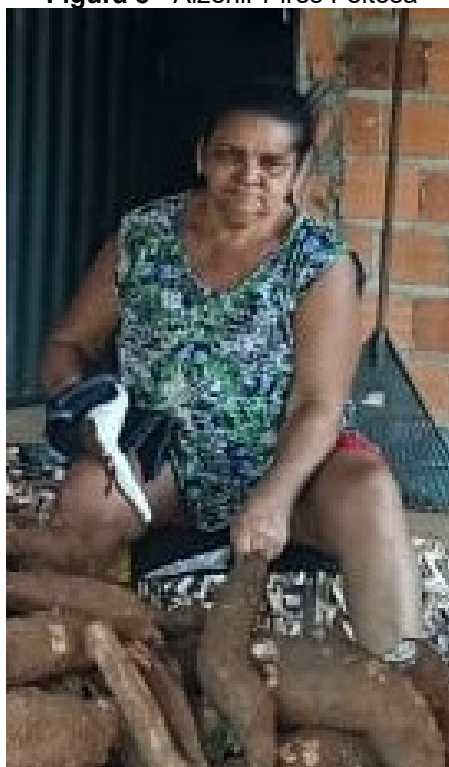
Fonte: Sousa (2024)

Iranilde Sousa da Silva, (Figura 7), é uma mulher de 45 anos, nas primeiras visitas ela não estava presente, entrou no lugar da Camila que saiu e era uma das concedentes da entrevista, como já trabalhava na casa de farinha, antes, saiu para trabalhar como doméstica e disse que não gostou, preferiu mil vezes descascar mandioca aceitando sem nenhuma restrição contar a sua história como

descascadeira de mandioca. Nasceu e cresceu também Povoado Floresta, nesta comunidade rural, filha de agricultores de mandioca, onde aprendeu desde cedo o valor do trabalho duro e a importância da agricultura para sua família e comunidade. Com muitas dificuldades permeadas por ser mãe solo, concluiu o ensino médio e não quis cursar graduação.

Ao longo de sua vida, a entrevistada, Iranilde (2024) buscou diversas oportunidades, envolvendo-se em atividades. Atualmente, ela se dedica à atividade de descascar mandioca, um ofício que representa não apenas seu sustento, mas também a preservação da tradição familiar. E disse que não quer sair mais dessa profissão, só quando não der conta mais de descascar mandioca.

Figura 8 - Alzenir Pires Feitosa



Fonte: Sousa (2024)

Dona Alzenir Pires Feitosa (Figura 8) é uma mulher de 57 anos, cuja história reflete uma forte ligação com suas origens culturais e o ambiente em que foi criada. Quando nos concedeu seu relato, percebi uma voz cansada, mas, carregada de experiência, ela narrou com muita calma sua trajetória de vida. Durante nossa conversa, ela comentou que gosta de fumar um cigarro durante o trabalho, fazendo uma paradinha para pitar, o que ela vê como uma oportunidade

para esticar as pernas e descansar um pouco.

Ao ouvi-la, identifiquei várias palavras e expressões que fazem parte da construção de sua identidade, revelando elementos que moldam sua visão de mundo e seu senso de pertencimento. Dona Alzenir nasceu no povoado Floresta, um lugar onde o cultivo e o processamento da mandioca eram atividades centrais na rotina diária da comunidade. Como a mais velha da família, ela desempenha um papel importante na preservação das técnicas tradicionais de preparo da mandioca, transmitindo saberes e práticas às gerações mais jovens. Seu trabalho de descascadora de mandioca não é apenas uma atividade econômica, mas uma expressão de sua cultura e identidade comunitária. Essa ocupação representa uma conexão profunda com suas raízes, simbolizando a continuidade de tradições que fortalecem o senso de pertencimento e orgulho de sua história. Dona Alzenir, é uma mulher que encarna a resistência e a preservação cultural, mantendo vivas as práticas que definem sua comunidade e sua própria trajetória de vida.

Diante das trajetórias apresentadas, fica evidente que as mulheres relatadas nesta pesquisa representam a espinha dorsal da vida rural e da continuidade cultural de seus povos. Entre lutas diárias, migrações, trabalho qualificado na mandioca e a transmissão de saberes ancestrais, elas constroem identidade, fortalecem as famílias e preservam práticas que ligam passado e futuro. Seus relatos revelam não apenas resistência e coragem, mas também um cuidado profundo com a terra, a comunidade e as tradições que lhes conferem significado. Que essas histórias sirvam de reconhecimento, valorizaram e inspiração para futuras ações que promovam justiça social, educação, autonomia econômica e a proteção de saberes tradicionais nas comunidades do Tocantins e além.

Quando discutimos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 01), todos manifestaram apoio ao uso de suas falas, nomes e imagens, que foram coletadas durante as visitas ao campo de pesquisa. Já em relação a pesquisa de campo, durante três dessas visitas, tive o privilégio de explorar o campo empírico com a Professora Rejane Medeiros, minha orientadora. Esses instantes foram cruciais para compreender que a pesquisa é, de fato, uma construção coletiva.

Ao visitar a casa de farinha, observei atentamente o dia a dia local, revisitei as práticas associadas às Casas de Farinha e dialoguei com as mulheres, tentando entender suas rotinas diárias no campo. Esta experiência me possibilitou aprimorar minhas anotações e observações, adotando uma visão que se estende "de dentro para fora".

As participantes entrevistadas desempenham um papel fundamental nesta etapa, contribuindo para a organização das várias escutas feitas no ambiente empírico. Essa contribuição foi significativa, pois os depoimentos, ora breves, ora mais extensos, ampliaram nossa compreensão além da receptividade oferecida pelas entrevistadas. O roteiro de entrevista semiestruturado, por vezes, também nos levou a romper com o planejado (ANEXO 2), permitindo que surgissem novas questões e reflexões.

Essas mulheres do campo evidenciaram o movimento perceptível na sociedade de conflitos e mudanças, possibilitando observações, além das metas principais da dissertação. Como na entrevista com Dona Eliane, onde notamos uma mulher à frente de uma casa e responsável pelo filho sozinho.

1.1 Metodologia

O método que adotaremos será precisamente explorar a realidade de maneira contemplativa, perambular por ela em vagarosas deambulações, investigando-a com um olhar curioso, buscando compreender o que ocorre mesmo quando parece que "nada acontece". Nesse vadiar sociológico, como se advinha, importa fazer da sociologia do cotidiano uma viagem e não um porto (Pais, 2003, p.33).

O autor quis dizer que o método escolhido para estudar a realidade será baseado em uma abordagem contemplativa e de exploração da realidade. Em vez de buscar respostas rápidas ou conclusões definitivas, o objetivo é percorrer o cotidiano de forma reflexiva e curiosa, observando o que acontece ao redor mesmo quando parece que nada de relevante está ocorrendo. Essa "vadiar sociológico" — ou seja, esse passeio pausado e atento pela vida cotidiana — deve transformar a

sociologia em uma espécie de viagem de descoberta, onde o foco está na compreensão do processo e das nuances do cotidiano, em vez de tentar chegar a um ponto final fixo ou um "porto" de chegada definitiva. Assim, o objetivo é valorizar o percurso e a observação cuidadosa como forma de entender a complexidade da vida social.

Figura 9 - Distribuição casas de farinha



Fonte: Sousa (2025)

Atualmente, a comunidade do Povoado Floresta, localizado no Município de Wanderlândia, abriga cerca de 16 casas de farinhas. Para a realização da pesquisa, optei por uma dessas casas, considerando minha familiaridade com o local e a disposição do proprietário em me receber e apoiar no desenvolvimento do trabalho.

As mulheres são as interlocutoras da pesquisa, desempenhando funções de descascamento e limpeza das raízes de mandioca, elas realizam o trabalho na casa farinha 01 e 10. Foram entrevistadas 07 mulheres, escolhidas com base na faixa etária entre 32 e 56 anos, mulheres que possuem maior tempo de trabalho na casa de farinha. As informações foram produzidas em campo por meio de entrevistas semiestruturadas.

A metodologia utilizada foi história oral, desenvolvida por meio da técnica de história de vida, visando conhecer a trajetória pessoal das interlocutoras e sua participação na atividade de descascagem da mandioca. Basearei minha abordagem na obra de Alessandro Portelli (1992), que destaca a importância da escuta na

construção do relato oral, valorizando a narrativa como método para compreender experiências subjetivas e contextos sociais de forma profunda e empática.

A metodologia da história oral se justifica por sua capacidade de captar experiências pessoais, práticas sociais, valores e lutas coletivas presentes na comunidade, além de conhecer os modos de vida das descascadeiras de mandioca do Povoado Floresta. Trabalhar com essa abordagem, especialmente à luz de Portelli (1992), garante uma escuta sensível às vozes das participantes, permitindo revelar suas trajetórias de forma autêntica e detalhada. Essa técnica favorece uma compreensão mais rica e humanizada das experiências, contribuindo para uma análise mais significativa do seu papel na comunidade.

Além disso, Portelli (1992) destaca que a história oral promove uma relação de confiança entre entrevistador e entrevistada, fundamental para acessar memórias delicadas e sentimentos profundos, resultando em narrativas mais genuínas e reveladoras. Dessa forma, a história oral se justifica por seu valor metodológico na construção de relatos empáticos e capazes de refletir a complexidade das experiências humanas.

Para Portelli (2016), a história oral não se resume ao relato de eventos, mas articula a história dos acontecimentos com a memória e a interpretação que os narradores fazem deles. A memória, nesse contexto, deve ser entendida como um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significados, não apenas um depósito de informações. Registrar e analisar essas memórias revela práticas culturais e sociais, dando visibilidade às histórias das mulheres e contribuindo para uma compreensão mais ampla da sociedade do Povoado Floresta. Além disso, Portelli afirma que a história oral envolve o significado do evento na vida dos narradores, considerando o lugar e a relevância que esses acontecimentos têm para eles. Assim, compreender o verdadeiro sentido de um evento exige uma atenção tanto ao conteúdo quanto ao contexto e às emoções envolvidas.

A história oral se revela uma ferramenta poderosa para ouvir diversas narrativas, oferecendo um olhar aprofundado sobre os modos de vida das descascadeiras de mandioca. A partir das histórias contadas, percebe-se que a produção de farinha representa uma fonte vital de sustento e resistência para essas mulheres. Essa técnica, portanto, não se limita ao registro factual, mas é uma arte

da escuta que valoriza a subjetividade e a diversidade das memórias, reconhecendo que cada pessoa possui uma perspectiva única. A escuta atenta e empática é fundamental para captar o significado pessoal das narrativas, contribuindo para uma compreensão mais completa do passado e das experiências vividas.

Nesse sentido, a escuta ativa é um componente primordial na coleta e interpretação da história oral. O pesquisador deve estar atento não apenas ao conteúdo das histórias, mas também ao contexto, às emoções e ao significado que elas carregam para quem as narra. Essa abordagem valoriza a subjetividade, reconhecendo que as memórias são construções individuais que refletem diferentes perspectivas sobre a história. Assim, a arte da escuta garante que as vozes dos indivíduos sejam ouvidas e respeitadas, enriquecendo a compreensão do passado. Segundo Portelli (1998), a entrevista é uma troca mútua, um diálogo onde ambos os sujeitos se veem e se escutam, possibilitando uma documentação mais viva e significativa das experiências das descascadeiras.

A elaboração dessas narrativas ocorre em um processo interativo, influenciado por referências e escolhas feitas pelo entrevistado e pelo entrevistador. Essa interação não garante total espontaneidade, pois há uma construção conjunta que pode envolver intenções conscientes ou inconscientes de manipulação, o que exige um olhar crítico por parte do historiador. Como qualquer fonte, a história oral possui limitações e riscos, mas seu valor reside na possibilidade de ampliar a compreensão das práticas, resistências e identidades dessas mulheres, especialmente quando incorporada ao entendimento mais amplo da história social. A análise cuidadosa e crítica dessas narrativas permite ao historiador construir um discurso fundamentado, consciente de que toda fonte, incluindo a oral, é uma representação mediada entre o vivido e o narrado. Diante disso, a busca por uma representação pura e verdadeira do passado dá lugar à compreensão de que uma certa subjetividade [...] é inerente ao trabalho do historiador. Conforme Thompson (1992, p. 25):

A história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto conteúdo, como finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação [...]; pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

Segundo Thompson (1992) considera que a história oral é um vislumbre da memória que evoca o passado, permitindo sua interpretação histórica e uma reflexão sobre como ele influencia o presente. Assim, reconhecemos que a História Oral, apesar de seus altos e baixos, desempenha um papel significativo na análise histórica, resgatando as lembranças do passado e possibilitando novas interpretações e produções historiográficas que se distanciam da narrativa tradicional.

A história oral, portanto, não apenas preserva as narrativas individuais, mas também destaca o tecido social e as dinâmicas culturais do grupo. No caso específico das mulheres descascadeiras de mandioca, suas histórias de vida e lutas diárias podem não ser amplamente documentadas em registros oficiais, tornando a história oral essencial para preservar e entender suas vivências. Ao documentar as memórias dessas mulheres, estamos resgatando e valorizando a memória coletiva do povoado Floresta, dando visibilidade a suas histórias e contribuindo para a compreensão mais ampla da sociedade em que vivem.

Como aponta Halbwachs, (2013, p.39) não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.

O autor argumenta que as memórias individuais são fortemente influenciadas pelos grupos sociais aos quais pertencemos e reforçam a importância da história oral como metodologia para valorizar as memórias individuais e coletivas, destacando como essas memórias são fundamentais para compreender a identidade e as experiências de grupos sociais específicos, como as mulheres descascadeiras de mandioca.

A história oral, portanto, não apenas preserva as narrativas individuais, mas também destaca o tecido social e as dinâmicas culturais do grupo. No caso específico das mulheres descascadeiras de mandioca, suas histórias de vida e lutas diárias podem não ser amplamente documentadas em registros oficiais, tornando a história oral essencial para preservar e entender suas vivências. Ao documentar as

memórias dessas mulheres, estamos buscando e valorizando a memória coletiva do povoado Floresta, possibilitando visibilidade a suas histórias e contribuindo para a compreensão mais ampla da sociedade em que vivem.

Para buscar os dados da realidade, utilizamos um conjunto de 10 perguntas, visando traçar o perfil das entrevistadas, suas trajetórias profissionais e suas percepções sobre direitos e condições de vida. Desde o início, mantivemos o mesmo roteiro de perguntas, sem alterações, garantindo a consistência dos dados e facilitando análises comparativas ao longo do tempo.

A elaboração de um documento oral envolve interação entre interlocutoras e entrevistador influenciadas por referências compartilhadas, recortes e escolhas feitas durante a produção. Como Thompson (1992, p. 25) afirma, a história oral pode transformar o conteúdo e a finalidade da história, permitindo novas investigações e devolvendo às pessoas que vivenciaram os fatos, o protagonismo de suas histórias. Acredito que a reflexão de Thompson é muito importante, pois destaca o poder da história oral em resgatar vozes que muitas vezes ficam à margem dos registros tradicionais. Quando ouvimos diretamente as experiências das pessoas, não só enriquecemos nossa compreensão do passado, mas também damos a elas o protagonismo que merecem, fortalecendo uma abordagem mais humanizada e participativa da história.

As entrevistas foram gravadas com uso de gravador, posteriormente transcritas, organizadas e analisadas. Para aprofundar a pesquisa, utilizei outros instrumentos, como anotações de campo, registros visuais e observações do cotidiano das mulheres.

Iniciamos a pesquisa em 8 de janeiro de 2024, estabelecendo os primeiros contatos com as interlocutoras e iniciando a captura de imagens. No dia 10 de janeiro, retornei ao campo e realizei uma entrevista. Posteriormente, no dia 16 de janeiro, conduzi três entrevistas adicionais. Durante o processo de transcrição, percebi a necessidade de realizar novas entrevistas e captar mais imagens das interlocutoras e do ambiente de pesquisa. Assim, nos dias 3 e 4 de dezembro, retornei ao campo para conduzir novas entrevistas e registrar mais imagens.

Esses dois dias foram extremamente produtivos. Consegui fotografar os objetos utilizados pelas interlocutoras, além de realizar imagens individuais delas e

quatro entrevistas. Embora estivessem previstas seis entrevistas, duas interlocutoras desistiram de trabalhar como descascadeiras de mandioca, mas retornaram três que já haviam trabalhado anteriormente na casa de farinha. Considerando a experiência delas, pedi permissão para entrevistá-las, e ambas aceitaram. Cada entrevista levou em média duas horas; cheguei ao local às 14h15 do dia 3 de dezembro e deixei por volta das 18h30. No dia 4 de dezembro, a pedido das interlocutoras, realizamos as entrevistas de forma coletiva, onde cada uma contribuiu com suas experiências. Muitas delas são tímidas e falam baixo, frequentemente pausam durante a fala, o que exigiu de mim um esforço constante para incentivá-las a se expressar.

No percurso que realizei, procurei observar e compreender, na trama das relações de (re)existência, os saberes e práticas que são construídos nas casas de farinhas no Povoado. Durante essa trajetória, busquei analisar experiências sociais que não se encaixam nos tradicionais modelos científicos regulados por teorias e conceitos fixos, buscando uma compreensão mais sensível e próxima da realidade vivida pelos mulheres.

O caminho percorrido para chegar a essas conclusões iniciou-se com a pesquisa de campo na prática, onde se realizou entrevistas e diálogos com as mulheres descascadeiras de mandioca. Essa etapa envolveu visitas ao povoado Floresta, encontros presenciais, registro das narrativas e observação de suas rotinas e contextos culturais. Essas ações permitiram compreender a importância da história oral como método de pesquisa, especialmente para populações cuja história muitas vezes não está registrada em documentos oficiais, valorizando suas vozes e experiências. Esse percurso também incluiu a análise das narrativas coletadas, a reflexão sobre o papel do saber popular e a compreensão do impacto social de documentar essas histórias, consolidando assim a relevância da história oral na pesquisa social e cultural.

As fotografias capturaram a essência dos objetos e do ambiente de trabalho, enquanto as entrevistas, tanto individuais quanto coletivas, revelaram a riqueza das histórias e vivências de cada uma delas. Apesar das dificuldades enfrentadas devido à timidez e à hesitação em se expressar, o esforço de criar um ambiente acolhedor e encorajador foi recompensado com relatos valiosos que enriquecerão a pesquisa. A adaptação às circunstâncias e a abertura para novas

conversas mostraram a importância da flexibilidade e da empatia no trabalho de campo, refletindo um compromisso genuíno com a voz e a experiência das mulheres envolvidas. Destacamos que passamos pelo comitê de ética para realizar a pesquisa.

Buscamos entender como a mandioca, agora apropriada pela grande indústria, influencia as transformações na vida das comunidades rurais. No contato com o campo empírico, conseguimos realizar sete entrevistas, nas quais foram transcritas, além de um conjunto de fotografias. Todas as entrevistas ocorreram dentro das Casas de Farinha, enquanto os entrevistados desempenhavam suas atividades, o que favoreceu a exteriorização de memórias no contexto específico do estudo. A fotografia tem um papel informativo, funcionando como uma recriação da realidade ao capturar breves momentos no tempo (Ciavatta, 2002). Ao fotografar diferentes ângulos da realidade, estabelecemos conexões entre eventos e fatos, permitindo-nos refletir sobre o que observamos (Montenegro, 2007, p. 10). (APÊNDICE 04).

Durante nossas visitas, enquanto realizávamos entrevistas, cuidamos também de registrar os espaços de vida e trabalho por meio de fotografias, reconhecendo que elas preservam memórias e oferecem interpretações da realidade. Além dos nossos registros pessoais, que somam mais de 50 imagens.

Conforme sugere Martins (2019) a fotografia, por ser um registro no tempo, evidencia as limitações da palavra como documento da consciência social. Ele ressalta que as imagens enriquecem as concepções de quem fotografa e documenta, uma vez que a composição fotográfica é também uma construção imaginária, uma forma de conhecer a sociedade através de recursos e perspectivas únicas. Os fotógrafos e documentaristas sociais são, portanto, produtores de conhecimento social, tornando a fotografia e o documentário ferramentas valiosas nas ciências sociais (Martins, 2019, p. 11). Assim, eles contribuem para ampliar a compreensão e a reflexão sobre realidades sociais diversas.

1.2 Campo de pesquisa

Aqui apresento o território onde ocorreu minha pesquisa sobre as

descascadeiras de mandioca. A história do território se dá com homens e mulheres viajantes, exploradores de horizontes desconhecidos. migrantes, agricultores em busca de terras para povoar, produzir e cultivar seus sonhos. Movidos por ventos incertos e pela vontade de atravessar vastos espaços, sem que ninguém pudesse prever, um novo povoado começava a se expandir.

As narrativas de imigração que permeiam a história do Povoado Floresta revelam essa busca por novos horizontes e oportunidades, construindo a identidade da comunidade ao longo do tempo. Os migrantes que chegaram à região na década de 1950 traziam consigo não apenas o desejo de prosperidade, mas também a esperança de reconstruir suas vidas em um território promissor. A decisão de deixar sua terras natal, muitas vezes motivada por fatores como escassez de recursos, luta por melhores condições de vida ou busca por liberdade, revela um profundo desejo de pertencimento e de um futuro mais promissor.

Esses homens e mulheres, ao se estabelecerem na região, encontraram além de um solo fértil, um novo contexto social onde suas experiências e saberes foram essenciais para a formação da comunidade. As histórias de migração se entrelaçam com sentimentos de acolhimento e de pertencimento à nova terra, onde cada colheita de mandioca e cada produção de farinha se tornam elos que conectam passado e presente. A mandioca, além de ser um alimento básico, simboliza resistência e adaptação — uma verdadeira metáfora para a vida desses migrantes, que, apesar das dificuldades, encontraram na agricultura uma forma de expressão cultural e de afirmação identitária.

Territorializar-se é criar mediações espaciais que conferem poder sobre a reprodução social, de forma multiescalar e multidimensional, envolvendo dominação e apropriação. As relações com o espaço variam: para alguns, o território é um abrigo e fonte de recursos local; para outros, é um articulador de conexões globais (Haesbaert, 2007, p. 97).

O autor nos mostra que o espaço ao nosso redor é muito mais do que um lugar físico. É algo que criamos e organizamos para nos sentir seguros, ter controle sobre nossas vidas e relações. Para algumas pessoas, o território é um espaço de proteção e recursos, mais local e concreto. Para outras, funciona como uma ponte que conecta diferentes partes do mundo, formando redes e possibilidades maiores. Tudo depende de como cada um enxerga esse espaço: como refúgio ou como

ferramenta de conexão. Isso revela que o território não é apenas um pedaço de terra, mas um espaço repleto de significados, dinâmico e permeado por relações de poder e troca.

A relação com o lugar é, portanto, multifacetada. Os migrantes não apenas ocupam o espaço geográfico, mas também reterritorializam suas experiências, trazendo tradições e práticas de suas regiões de origem. Essa movimentação resulta em um rico mosaico cultural, onde elementos da cultura local se mesclam às heranças trazidas pelos migrantes. A construção da identidade no Povoado Floresta ocorre por meio de um processo dinâmico, onde narrativas de resistências, luta e esperança são continuamente recontadas, não só na agricultura, mas também nas festividades e nas relações sociais do cotidiano.

Além disso, a busca por oportunidades econômicas e sociais, que caracterizou a imigração para o povoado, reflete uma necessidade de adaptação às novas realidades do mundo contemporâneo. As casas de farinha, que desempenham papel central na produção da mandioca, são mais do que simples estruturas de processamento. São espaços de convivência e fortalecimento dos laços comunitários. As mulheres descascadeiras, em especial, têm papel protagonista nesse processo, garantindo a produção de um alimento essencial e promovendo a preservação de saberes ancestrais, além de valorizar o trabalho feminino.

Essa reflexão é reforçada pela experiência dos agricultores que desbravaram o Povoado Floresta, dedicando-se à cultura da mandioca. A chegada desses homens e mulheres a um novo território foi marcada por esperanças e desafios. Ao se instalarem, descobriram não só um solo fértil, mas também uma oportunidade de recomeço, onde suas tradições, conhecimentos e métodos de cultivo se entrelaçam às potencialidades do ambiente que os acolhe.

O desbravamento dessa terra simboliza coragem e determinação, onde cada semente plantada representa resistência e construção. Aqui, a relação com a terra vai além da busca por riqueza: é um reencontro com a simplicidade, a vida em comunidade e o saber ancestral sobre a mandioca, alimento que nutre tanto o corpo quanto a cultura local.

Assim, a trajetória das agricultoras e agricultores do Povoado Floresta nos

convida a refletir sobre o significado da ocupação de um novo espaço: não apenas como um ato de conquista, mas como um diálogo com a terra, com a convivência entre os habitantes e suas práticas de agricultura familiar. Em cada colheita, elas e eles tecem narrativas de resistências e esperanças, formando uma nova identidade que valoriza tanto o passado quanto o futuro. As memórias construídas nesse povoado são, portanto, autênticas e carregadas de significados, mostrando que o ato de cultivar vai além do físico, sendo também um cultivo de sonhos e pertencimento.

Um novo território, para uma nova sociedade: para haver um novo território, é necessário uma sociedade que o sustente — e vice-versa. Essa sociedade deve valorizar saberes locais e populares, relações de ajuda mútua, confiança e o respeito à natureza, que está além do homem e da mulher. É fundamental definir novas práticas sociais e territoriais (i)materiais, que valorizem o patrimônio de cada lugar, referenciando-se em Saquet (2003; 2001), especialmente na mobilidade da força de trabalho. Os migrantes vivem, experimentam, estabelecem relações e territorialidades. Re-territorializando-se, reproduzem aspectos de suas formas de vida anteriores — cultural, econômica e politicamente.

Assim, a partir dessa construção, apresento o povoado onde estou realizando minha pesquisa. Neste território, as marcas de um passado implacável se misturam com vivências atuais, revelando um microcosmo onde heranças históricas, culturais e sociais se manifestam de maneira única. Através das narrativas das mulheres, podemos entender como experiências de migração e busca por pertencimento ainda ressoam na vida de seus habitantes, construindo suas identidades e relações com a terra (Silva, 2020). Dessa forma, as histórias dessas mulheres revelam não apenas suas trajetórias pessoais, mas também refletem as dinâmicas culturais e sociais que moldam a comunidade, evidenciando a importância do reconhecimento dessas experiências na compreensão da formação de suas identidades e vínculos com o território.

O lócus de pesquisa é o Povoado Floresta, localizado no município de Wanderlândia, às margens da BR-153, a 5 km de Araguaína. Sua ocupação teve início na década de 1950, quando os primeiros migrantes chegaram à região em busca de terras para se estabelecerem e desenvolverem atividades econômicas.

Mesmo o povoado Floresta sendo localizado no município de Wanderlândia, é em Araguaína que seus moradores comercializam produtos obtidos na lavoura, além de receber atendimentos hospitalares e educação. Segundo dados do IBGE (2022), o povoado possui uma população de 704 moradores, entre homens, mulheres e crianças. Originalmente chamado Quebra Vara, o nome surgiu devido à vegetação densa e à presença de muitas varas de madeira que eram quebradas para abrir caminho. Com o tempo, o nome foi alterado para Povoado Floresta, refletindo a vasta cobertura florestal da área. Seus primeiros habitantes eram, principalmente, agricultores e extrativistas, atraídos pela fertilidade do solo e pela abundância de recursos naturais. Ao longo dos anos, o povoado se desenvolveu mantendo suas raízes na agricultura e valorizando a preservação ambiental, o que contribuiu para a manutenção da floresta ao redor da área de forma, relativamente intacta.

O surgimento do povoado, como mencionado inicialmente, está diretamente ligado aos cursos d'água e à construção da rodovia. Os rios e ribeirões da região fornecem água essencial para a agricultura e para a vida cotidiana. Conforme aponta Santos (2019, p. 17), esses cursos d'água foram pontuais para o desenvolvimento do povoado, garantindo os recursos hídricos necessários para sustentar a população e impulsionar a agricultura. A construção da rodovia BR-153 facilitou o acesso ao povoado, conectando-o a outras regiões e permitindo o escoamento de produtos agrícolas e o transporte de mercadorias, o que contribuiu para a ocupação e o crescimento da área.

Em termos de infraestrutura, o povoado é pequeno e possui limitações. Recentemente, recebeu pavimentação asfáltica ligando os dois povoados Floresta/Araçulândia. Há uma escola de ensino fundamental, um posto de saúde recém-instalado, três igrejas evangélicas e uma católica, além de três restaurantes caseiros que atendem principalmente camioneiros que trafegam na BR-153. No entanto, há desigualdades na distribuição de terras, e a infraestrutura pública ainda é insuficiente para garantir conforto, segurança e lazer à população (Santos e Alves, 2021). Diante desse cenário, torna-se essencial implementar políticas públicas que promovam a redistribuição de terras de forma justa e investir em melhorias na infraestrutura, visando assegurar o bem-estar e a qualidade de vida de todos os

cidadãos.

Historicamente, o povoado foi territorializado por agricultoras e agricultores que viram na terra uma oportunidade de sustento e crescimento. Hoje, a comunidade é composta por uma população diversa, com tradições culturais ricas e festividades que celebram o trabalho rural no território. Os lugares, desse ponto de vista, podem ser vistos como um intermédio entre o mundo e o indivíduo, lembrando-nos, Mlinar (1990, p.57), para quem a lógica do desenvolvimento dos sistemas sociais se manifesta pela unidade das tendências opostas à individualidade e à globalização, impondo ao mesmo tempo a necessidade de revisitar o lugar no mundo atual e encontrar novos significados por meio da consideração do cotidiano. A padroeira do povoado é Nossa Senhora da Conceição. Todo ano, em setembro, a comunidade realiza uma grande festa em sua homenagem, incluindo missas, procissões e diversas atividades culturais e recreativas, um momento importante de união e celebração para os moradores.

Figura 10 - Vista aérea do povoado floresta município de Wanderlândia



Fonte: Imagens ©2024 Airbus, Maxar Technologies, Dados do mapa ©2024

A vista aérea do povoado Floresta, localizado no município de Wanderlândia, proporciona uma compreensão mais ampla de sua disposição espacial e organização urbana. Através dessa perspectiva, é possível observar a disposição das residências, áreas de circulação, espaços públicos e rurais, bem como a relação do povoado com as áreas de vegetação e recursos naturais ao seu redor. Essa caracterização visual reforça a compreensão do perfil do povoado, evidenciando

suas características ambientais e estruturais, essenciais para o entendimento do contexto social, econômico e ambiental do local onde foi realizada a pesquisa.

É no coração desta comunidade, que vivem as mulheres descascadeiras de mandioca, dedicadas, cuja habilidade e força são essenciais para a produção da farinha de mandioca. Seus esforços sustentam tradições e fortalecem os laços locais, mantendo viva uma cultura que valoriza o trabalho manual e a dedicação.

A forma generalizada de trabalho dessas mulheres denominada de raspadeiras, sempre no feminino, pelo motivo que os homens não participam desta atividade, referência dada às indígenas no período colonial da nossa história, lembrado em Cascudo (s.d). No entanto, as interlocutoras do povoado preferem ser chamadas de "descadeiradas de mandioca", possivelmente a expressão se refere a uma condição física ou social decorrente do intenso trabalho manual na lavoura.

Essas mulheres frequentemente participam de manifestações culturais que reforçam sua identidade e resistência. Elas estão envolvidas em danças tradicionais, como "festas juninas" ou outras danças folclóricas, que são expressões de sua herança cultural e servem como forma de celebração da vida comunitária. A música também é uma parte importante dessas manifestações, com canções que falam sobre a vida no campo, as tradições e a luta pela valorização do seu trabalho, bem como as músicas atuais. Além disso, a função dessas mulheres vai além do trabalho agrícola; muitas delas atuam como líderes comunitárias, organizando eventos que promovem a cultura local e a solidariedade entre as famílias do povoado. Isso inclui festivais, feiras de produtos locais e encontros de compartilhamento de saberes, onde as mais velhas transmitem suas experiências às mais jovens.

As "descadeiradas de mandioca" não vivem apenas do trabalho na lavoura; muitas delas também se dedicam a outras atividades, como a produção de artesanato e a venda de produtos derivados da mandioca, como farinha, polvilho, manguão, pão de queijo, bolinho frito e beiju, que são comercializados em feiras locais. Esse acúmulo de trabalho é uma estratégia de resistência econômica que lhes permite ter uma autonomia financeira, embora ainda enfrentem desafios significativos relacionados à valorização do seu trabalho. No povoado, há (02) duas benzedadeiras que utilizam saberes ancestrais acerca de plantas e ervas medicinais como tipo de instrumentos para rezar pela cura de males como quebranto, mau-

olhado, febre, engasgo com espinha de peixe, tristeza, dores em geral e outros males. Possuem idades entre (62) sesenta e dois a (94) noventa e quatro anos, tendo adquirido experiências e conhecimentos ao longo dos anos pela mãe ou avó e passam seus saberes para as mais jovens, fortalecendo a continuidade cultural.

As mulheres impactam os agrosistemas da região de diversas maneiras. Estão frequentemente envolvidas no cultivo da mandioca e de outras culturas, utilizando práticas agroecológicas que preservam a biodiversidade local e promovem a sustentabilidade. Além disso, suas práticas agrícolas incluem o uso de conhecimentos ancestrais sobre o solo, a rotação de culturas e o manejo sustentável da água, garantindo assim a fertilidade da terra para as futuras gerações. De certo, as "descadeiradas de mandioca" não são apenas trabalhadoras rurais, mas agentes culturais e sociais que desempenham um papel de resistência e valorização de sua identidade, contribuindo significativamente para a formação e continuidade da identidade da comunidade.

1.3 Diálogos teóricos na pesquisa interdisciplinar: desafios e possibilidades

Vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult), e, por este se tratar de uma área Interdisciplinar, busquei estabelecer diálogos com diversos autores que discutem modos de vida, resistências, território e relações de gênero, sustentando assim, o desenvolvimento do estudo. Do ponto de vista teórico, trabalhei com autores como Silvia Federici, Pollak (1992, 1989), Ecléia Bosi (1983), Stuart Hall (2006), Rogério Haesbart (2001), Olívia Macedo Miranda de Medeiros (2020) e Dernival Venâncio (2022). Em relação a abordagem metodológica utilizei Alessandro Portelli para fundamentar as concepções da história oral.

A partir da leitura de relatórios de estudos realizados no Povoado Floresta foi possível perceber que muitos dos problemas por qual passam a população local, especialmente a parcela que depende da pequena agricultura, como meio de trabalho e obtenção de renda, são comuns e têm raízes no processo histórico de desenvolvimento (ou não-desenvolvimento) no município.

Tomando a sustentabilidade em suas dimensões sociais, econômica e

ecológica, a pesquisa busca, ainda, a compreensão das inter-relações existentes entre estas dimensões, as quais circundam, envolvem e permeiam a produção de farinha na região. Se tratando dos trabalhos executados por mulheres nessas casas farinheiras, são permeados pela invisibilidade e estão relegados à categoria de ajuda, muitos dos trabalhos assumidos por elas em comunidades na descascagem da mandioca, que também são permeados por irregularidades, tendo as mesmas que compatibilizar o tempo com os afazeres de casa.

Conforme afirmado por Federici (2004), que corrobora nessa perspectiva que o trabalho das mulheres no setor agrícola é fundamental para a sustentação das economias locais, embora frequentemente invisibilizado e subvalorizado. A citação de Federici realmente ressoa muito bem o contexto, especialmente ao refletir sobre como o trabalho das mulheres, como a descascagem da mandioca, muitas vezes é visto como uma ajuda ou uma tarefa secundária, em vez de uma contribuição fundamental. Essa divisão de papéis reforça a ideia de que o esforço feminino é natural ou trivial, o que acaba invisibilizando a sua importância real na sustentação das comunidades e economias locais. Além disso, a necessidade de conciliar o trabalho na roça com as tarefas domésticas revela a sobrecarga que muitas mulheres enfrentam, muitas vezes sem reconhecimento ou valorização adequada. Essa perspectiva me faz questionar como podemos promover uma mudança nessa visão, valorizando o trabalho feminino e reconhecendo sua contribuição como essencial, e não como uma ajuda temporária ou secundária.

No contexto do povoado Floresta, no município de Wanderlândia, TO, as mulheres que trabalham na descascagem da mandioca desempenham um papel essencial na economia familiar e comunitária. Embora se observou na pesquisa de campo que esse grupo social não recebe a devida valorização por parte da comunidade, sociedade e poder público, também há uma ausência de autorreconhecimento por parte dessas mulheres enquanto executoras dessas atividades.

Nesse sentido, os estudos realizados por alguns sociólogos são referências importantes porque mostram como o ambiente é muito mais do que um simples cenário sobre o qual as pessoas desenvolvem suas atividades, devendo ser tomado como parte constitutiva da análise.

Tratando-se de uma situação dialética entre sociedade e ambiente, onde este, ao mesmo tempo em que constrói, também é construído pela sociedade, ao compreender a maneira como um grupo social se relaciona com o seu ambiente é possível chegar a outras esferas da estrutura social, e para isso Hall (2006), afirma que os indivíduos precisam sentir-se identificados a um grupo social, como ser vivente e atuante na sociedade.

A identidade é definida historicamente e não biologicamente [...] e se distingue em três tipos de sujeitos na construção da identidade: o sujeito do iluminismo, pautado numa concepção de sujeito unificado; o sujeito sociológico, que entende a importância da relação do eu com a sociedade para a formação da identidade, o sujeito não é mais unificado, a identidade, nessa visão é percebida entre espaço e “interior” e o exterior’ entre o mundo pessoal e o mundo público (Hall, 2006, p.11).

A partir da citação apresentada podemos compreender que a identidade se constrói ao longo da história, e não é uma característica fixa ou biologicamente dada. A ideia de que “a identidade é definida historicamente e não biologicamente” indica que ela é construída por fatores culturais, sociais, políticos e históricos, e não por características inerentes à biologia do indivíduo. No contexto da formação da identidade da mulher, essa construção é influenciada por discursos culturais e históricos que estão inseridos na narrativa oficial da história, muitas vezes reforçando a ideia de inferioridade feminina em relação ao sexo masculino. Esses discursos, ao serem naturalizados e vivenciados na experiência pós-colonial, limitam o protagonismo feminino ao tratar a mulher como sujeita de uma história que a marginaliza, negando sua condição de sujeito histórico.

Argumenta-se, entretanto, que a identidade vai se constituindo culturalmente na ideia e em discursos baseados na história oficial, que viola a liberdade do seu protagonismo, por não serem consideradas sujeitas históricas, sendo tratadas como inferior ao sexo masculino, esse discurso vai se fortalecendo e sendo vivenciado na experiência pós-colonial, pois, segundo o que nos afirma Lima, (2019, p. 52):

Quando nos referimos a mulheres colonizadas, não pensamos apenas nas mulheres que vivenciam o período colonial, mas, em todas quem mesmo vivendo no período posterior à colonização, continuaram e continuam sofrendo as consequências da violência simbólica, cultural e política da

colonização sobre seus corpos, suas vidas e seus processos de formação, sentindo o peso do racismo, do patriarcado e da inferiorização imposta às mulheres das antigas colônias europeias no sul da América na África e na Ásia importante contextualizar nesse movimento de luta das mulheres, a diferenciação entre sociedades modernas e tradicionais.

Segundo Lima (2019, p. 52), essa construção cultural viola a liberdade do protagonismo da mulher ao não reconhecê-la como um sujeito histórico capaz de influir e transformar sua própria trajetória, reforçando padrões de desigualdade e subordinação que são perpetuados por discursos dominantes e pela narrativa oficial. Então, a construção da identidade feminina, especialmente na perspectiva pós-colonial, está profundamente marcada por discursos culturais que perpetuam sua marginalização, dificultando o reconhecimento de sua agência e protagonismo na história. Assim, compreender a identidade como uma construção histórica e cultural é fundamental para desafiar essas narrativas e promover uma visão mais igualitária e inclusiva.

Já nas concepções de Hall (2006), a sociedade moderna é diferenciada da sociedade tradicional, devido a primeira sofrer mudanças constantes, rápidas, permanentes, envolvidas com a globalização que coloca a frente com o diferente, no qual a mulher possui múltiplos papéis, mãe, esposa, administradora do lar, profissionais de diferentes áreas de atuação; enquanto na segunda o passado é reverenciado, os símbolos se mantêm vivos, os saberes tradicionais se fortalecem continuamente entre as gerações, a mulher também assume diferentes papéis: mãe, esposa, cuidadora do lar, trabalhadoras, colaboradoras em diferentes espaços.

Embora haja uma compreensão clara da distinção entre a sociedade moderna e a tradicional, ainda prevalece fortemente a ideologia de um sistema patriarcal no qual as decisões do homem são consideradas determinantes. Mesmo vivendo sob um sistema patriarcal, é evidente que, em comunidades tradicionais, os conhecimentos e práticas relacionadas ao papel feminino são transmitidos de geração em geração por meio de atividades cotidianas, como uma forma de manter viva a herança de saberes e fazeres. Por isso, tradicionalmente, as crianças participam ativamente das tarefas junto aos seus familiares, integrando-se ao processo de formação e aprendizado.

Destacamos que a expressão “relações de gênero” busca diferenciar o aspecto social do biológico, ou seja, refere-se à construção social da identidade

feminina e masculina (Alvarez, 2008, p. 267), seja em sociedades modernas ou tradicionais.

A expressão da autora nos possibilita refletir sobre como as diferenças entre homens e mulheres vão muito além do aspecto biológico, sendo profundamente influenciadas pelas construções sociais. É interessante perceber que, independentemente de vivermos em sociedades modernas ou tradicionais, essas identidades de gênero são formadas por expectativas, papéis e normas que aprendemos ao longo da vida. Isso revela que a nossa compreensão de quem somos, em termos de gênero, está mais relacionada às experiências sociais e culturais do que a uma essência biologicamente determinada.

Mesmo que, ao longo dos últimos anos, as mulheres tenham conquistado, consideravelmente seu espaço no mercado de trabalho, ainda há muito por fazer, pois, infelizmente, grande parte do trabalho realizado por elas permanece ligado a tarefas rotineiras, manuais e repetitivas (Farias, 2014, p. 37-38).

O autor evidencia que, embora haja avanços no reconhecimento e na inserção das mulheres no mercado de trabalho, permanece a necessidade de intensificar a luta pelo respeito e pelo reconhecimento dessas mulheres em comunidades tradicionais. Nessas comunidades, elas desempenham papéis culturais, essenciais que asseguram a sobrevivência familiar, exercendo uma variedade de atividades que reforçam sua importância e contribuem para a preservação de suas identidades culturais.

O trabalho dessas mulheres, garantem a sobrevivência da família, além de gerar renda, e produtividade, logo o que fazem é fundamental na cadeia produtiva da mandioca e seus derivados, pois é a partir do seu trabalho que se faz produtos da cultura dessa comunidade como farinha, polvilho entre outros que movem a economia local.

A farinha, elemento fundamental na alimentação e na cultura de diversas comunidades ao longo da história, não é algo recente na trajetória humana. Ela formou nossas práticas, nossas relações e até a nossa territorialidade de várias formas, até os dias atuais. Essas mulheres, que continuam inseridas nesse universo de tradições, permanecem como guardiãs e protagonistas desse legado ancestral. Cormineiro (2010, p.14), apresenta uma perspectiva importante sobre a história e a

cultura dos sertanejos pobres.

[...] compreender e reconstruir os modos de viver dos sertanejos pobres a partir da percepção de que as lutas sociais e culturais são diferenciadas, mas são também parte de um mesmo processo de construção e transformação da vida que faz com que entender o passado ajude a compreender o presente e projetar o futuro.

A autora nos convida a reconhecer que as lutas sociais e culturais dos sertanejos são únicas e diferenciadas, mas que fazem parte de um todo mais amplo. Entender que o passado dos sertanejos não é um fato isolado, mas sim um elemento fundamental para compreender as realidades atuais e projetar as transformações futuras. Perceber que a vida é um processo contínuo de construção e transformação, onde as experiências do passado organizam o presente e o futuro. Nesse aspecto, a dinâmica das comunidades tradicionais e rurais muitas vezes depende de sua capacidade de se adaptar às condições ambientais e de recursos disponíveis.

Como aponta Dernival Venâncio Júnior (2022), a adaptação dos equipamentos de produção à disponibilidade de recursos naturais e a transmissão de conhecimentos entre as gerações permitem um certo grau de autonomia aos produtores. Essa característica é fundamental para a compreensão da resiliência dessas comunidades frente as mudanças socioeconômicas. A perspectiva de Dernival Venâncio Júnior (2022) destaca um aspecto essencial da sustentabilidade e da resistência das comunidades tradicionais: a capacidade de adaptação e transmissão de conhecimentos. Ao ajustar seus equipamentos de produção conforme os recursos naturais disponíveis, esses produtores demonstram uma relação sustentável com o meio ambiente, garantindo a continuidade de suas atividades mesmo diante de desafios socioeconômicos. Essa autonomia, fortalecida pela transmissão intergeracional de saberes é fundamental para que essas comunidades possam resistir e se adaptar às mudanças, preservando suas culturas e modos de vida perante as transformações externas.

2. TRAJETÓRIA DE MULHERES CAMPONESAS DESCASCADEIRAS DE MANDIOCA.

“Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la.”

Djamila Ribeiro.

Nesta sessão, buscamos compreender as trajetórias de vida de nossas interlocutoras, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento na infância, às experiências educacionais e às trajetórias profissionais que formaram suas identidades e perspectivas atuais. Através de suas narrativas, entenderemos não somente os desafios enfrentados ao longo do percurso, mas também as formas de resistências herança cultural e significado que atribuem às suas atividades laborais.

A iniciação do trabalho dessas mulheres começa ainda na infância, enquanto crianças ajudavam a seus pais nas diversas atividades realizadas nas casas de farinha como carregando objetos, buscando água nas fontes, limpando o ambiente e até mesmo descascando mandioca. Dona Raimundinha compartilha sua experiência, ressaltando que foi seu pai quem lhe ensinou o ofício:

Foi meu pai que me ensinou a trabalhar como descascadeira de mandioca, eu era menina ainda quando comecei a ajudar ele na casa de forno, eu ajudava meu pai em casa mesmo, é assim, em casa todos trabalhavam ajudando meu pai nas farinhadas (Entrevistada, Raimundinha, 2024).

A partir do relato de dona Raimundinha percebemos que a relação com as casas de farinha e o ato de cultivar são transmitidos de geração em geração, e as crianças se envolvem desde cedo nas atividades relacionadas à produção de farinha. Elas aprendem as técnicas de como lidar com os objetos, contribuindo para o processo familiar. Raimundinha, relembra que, em tempos passados, sua principal responsabilidade na casa de farinha era carregar objetos para seu pai: “Eu trabalhava bastante, atendendo aos pedidos dele. Desde cedo, as histórias de Dona Alzenir e Eliane demonstram a importância do ambiente familiar e comunitário na formação de suas identidades. Dona Alzenir, por exemplo, rememora suas memórias de infância com orgulho, destacando a influência de seu pai, cuja

atividade laboral ela aprendeu e passou a valorizar como uma herança preciosa. “Eu acho meu trabalho muito importante, porque é o que sei fazer e faço com amor. Meu pai fazia isso, ele me deixou essa herança e eu agradeço a ele todos os dias, faço com muito gosto “ Alzenir 2024). Sua fala revela uma conexão emocional profunda com o trabalho, que transcende a simples função econômica, assumindo um papel de continuidade familiar e de preservação de tradições culturais. Dona Iranilde, destaca na sua fala “Eu comecei a trabalhar na mandioca com 9 anos. Comecei a trabalhar junto com meus pais. Morava na roça, lá. Ele fazia farinha mas a mãe, levava nós pra ficar lá mulher” (Iranilde 2024).

As memórias de Iranilde revelam uma experiência de infância marcada pela convivência com o trabalho no contexto rural e familiar, tendo começado aos 9 anos ao ajudar seus pais na produção de farinha de mandioca, uma prática tradicional e fundamental nas comunidades rurais, evidenciando sua ligação direta com o meio agrícola onde o trabalho diário é comum. Ela destaca o papel da mãe, que a levava para o trabalho, reforçando a responsabilidade compartilhada na família e a participação das crianças no sustento familiar desde cedo.

Dona Alzenir demonstra que valoriza muito o trabalho que faz, pois ela realiza com amor e lembra com gratidão de seu pai, o que mostra como ela se sente conectada às suas raízes. Isso reforça quem ela é, evidenciando uma relação de gratidão e de pertencimento que fortalece sua identidade. Eliane, por sua vez, também remete ao passado, compartilhando uma experiência que revela a dimensão social e a satisfação de seu trabalho cotidiano. Sua narrativa evidencia que, mesmo em atividades repetitivas, há espaço para conexão, alegria e senso de comunidade. “Eu gosto do que faço, gosto de trabalhar com mandioca, de estar com as outras mulheres, da rotina diária. É um trabalho cansativo, mas prazeroso. Aqui a gente conversa, fala um pouco da vida” (Eliane 2024). Essa perspectiva demonstra que o trabalho, muitas vezes é visto apenas como uma obrigação, pode também ser uma fonte de satisfação emocional e social, contribuindo para o fortalecimento de vínculos afetivos e identitários.

Essas representações refletem as formas como as trabalhadoras percebem seu mundo, suas vivências e aspectos de sua personalidade. Cabral Filho (2004) destaca a dinamicidade dessas representações, ressaltando que elas estão em

constante transformação à medida que a consciência contemporânea evolui. As experiências vividas pelos sujeitos constituem a essência das representações sociais, sendo fundamental compreender as ações dos indivíduos nesse contexto. Para isso, é necessário ir além da simples análise de seus níveis educacionais, reconhecendo que fatores culturais, sociais e subjetivos também desempenham papel crucial na formação e transformação dessas representações.

A trajetória educacional das mulheres camponesas, também merece destaque, embora muitas vezes marcada por obstáculos e limitações devido às condições socioeconômicas e culturais de seus contextos. Suas experiências demonstram uma busca por autonomia e reconhecimento, muitas vezes impulsionadas por valores familiares e tradições locais. A educação informal, o aprendizado prático e a transmissão de conhecimentos de geração em geração se configuram como elementos centrais na construção de suas habilidades e identidades profissionais.

Se o trabalho já era uma realidade para estas mulheres, as oportunidades de acesso e permanência na escola eram precárias. Do grupo de trabalhadoras que aqui participaram da nossa pesquisa, poucas chegaram a concluir o antigo curso “primário”, outras nunca frequentaram a escola e poucas concluíram o ensino médio. Observemos o relato seguinte a respeito desta relação trabalho e escola que dona Raimundinha destaca:

Estudei até a 5º série e parei. Eu tinha que ir para Araguaína para estudar naquela época. Era mais difícil, era mais difícil, o pai não deixou a gente ir, a gente ficou aqui mesmo, para estudar e trabalhara ajudando ele. (Entrevistada, Raimundinha, 2024)

A fala de dona Raimundinha reflete as dificuldades enfrentadas por muitas jovens em contextos onde a educação não é acessível. O fato de ter que viajar para estudar mostra as barreiras físicas e financeiras que existiam, além da pressão familiar para ajudar no trabalho em vez de continuar os estudos. A decisão do pai de não deixá-la ir estudar destaca como as dinâmicas familiares podem influenciar as oportunidades educacionais. A declaração de dona Alzenir revela uma desmotivação em relação aos estudos, o que é comum em muitos jovens que não veem relevância ou apoio em sua educação. A pressão que ela menciona de seu pai e irmão ilustra

uma tensão entre desejos pessoais e expectativas familiares, um dilema que pode impactar o futuro acadêmico e profissional de uma pessoa.

É evidente que esses trabalhadores possuem uma consciência clara sobre a importância da educação em suas vidas. Embora muitos delas não tenham tido a oportunidade de estudar ou tenham enfrentado limitações em sua trajetória educativa, a perspectiva que apresentam revela um reconhecimento profundo do valor que a educação representa. Essa percepção destaca uma lacuna significativa em suas experiências, indicando o desejo de se envolver em um aprendizado que lhes foi negado. Dona Maria de Jesus (2024) expõe sua insatisfação em sua fala:

Eu queria ter estudado quando era nova, meus pais não deixou porque aqui não tinha estudo, aí tinha que ir para Araguaína, pagando carro, e tinha que ajudar nos afazeres aí ele preferiu que eu trabalhasse do que estudar. Ficar no trabalho era o que me restava para me sustentar e sustentar a família.

Percebemos na fala de dona Maria de Jesus, que os desafios e escolhas foram difíceis. A mesma expressa o desejo de ter estudado mais na juventude, porém, enfrentou obstáculos como a falta de oportunidades na sua cidade natal e a necessidade de ajudar na renda familiar. A decisão de trabalhar em vez de continuar os estudos foi uma consequência das circunstâncias, priorizando a sobrevivência e o sustento da família.

Enquanto Eliane destaca que apesar de ter completado o ensino médio e realizado cursos técnicos, ela sente que não pôde alcançar tudo o que gostaria na educação formal, o que é uma realidade comum para muitas pessoas que tiveram que abrir mão de seus sonhos acadêmicos devido às responsabilidades e limitações econômicas. "Eu sempre quis investir em minha educação, mas as dificuldades financeiras e a necessidade de ajudar em casa acabaram adiando meus planos. Ainda assim, acredito que nunca é tarde para buscar novas oportunidades e continuar aprendendo".

Já Iranilde, chama atenção para o fato de que?

Quando saímos para a escola era escuro ainda, a escola fica 10 quilômetros de onde morávamos. No inverno era chuva e lama, mas nós vinha pra escola. Estudei até, terminar o segundo grau. Aí eu parei. Estudei, mas continuo na mandioca, continuo trabalhando aqui na mandioca. (Iranilde 2024).

Dessa forma, podemos observar dois contextos distintos relacionados à educação dessas trabalhadoras: um em que as famílias precisavam levar os filhos para o campo, conciliando trabalho e cuidados familiares e outro em que os pais exploravam a mão de obra das crianças, impedindo-as de frequentar a escola, mesmo diante da possibilidade de acesso à educação. Assim, o trabalho para ajudar a família se configurava como uma realidade para essas agricultoras. Essa situação, somada às dificuldades financeiras e à falta de instituições educacionais na zona rural, resultou em uma quase total exclusão dos agricultores do ensino formal.

Nesse sentido, a fala das mulheres relacionam a falta da escolaridade com as dificuldades financeiras enfrentadas na família. O período da infância dessas trabalhadoras corresponde a tempos mais difíceis. Ao analisar essas trajetórias, é fundamental reconhecer que o desenvolvimento na infância e as experiências educativas desempenham papel crucial na formação de suas percepções sobre o trabalho e a vida. As narrativas de Dona Alzenir e Eliane revelam que o trabalho não é apenas uma atividade econômica, mas também uma expressão de herança cultural, de pertencimento social e de autoestima.

Dessa forma, a trajetória de vida das trabalhadoras torna-se extremamente significativa, permitindo-nos compreender o relato como um elemento que “[...] constrói e reelabora percursos, imagens e representações de si e de eventos que se desviam e se deslocam continuamente, situados inexoravelmente nos contextos sociais e culturais ocupados pelos sujeitos” (Silva & Paulilo, 2008, p. 45). Esses relatos refletem uma forte marca da memória do trabalho, na qual suas experiências nos diversos ofícios do campo ocupam um papel significativo, destacando-se nas narrativas. Em seguida, dão espaço às afetividades, à vida familiar, ao cotidiano e às formas de lazer. Esse diálogo entre trabalho e educação evidencia que a vida no campo promove não apenas o desenvolvimento de habilidades práticas, mas também uma formação social e cultural.

Este capítulo, buscou evidenciar que as trajetórias individuais são compostas por uma combinação de fatores históricos, culturais, familiares e pessoais que, juntos, constituem as formas de ver e viver o trabalho. Compreender essas trajetórias é essencial para promover políticas e práticas que respeitem e valorizem as

experiências e conhecimentos dessas mulheres, contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva.

As mulheres interlocutoras da pesquisa do povoado Floresta preferem ser chamadas de “descascadeiras de mandioca”, possivelmente a expressão se refere a uma condição física ou social decorrente do intenso trabalho manual na lavoura. Esse termo é afirmado na fala da senhora Alzenir uma das interlocutoras quando ela diz: _ “Siá nós somos descascadeiras de mandioca, é assim que gostamos que nos chame, porque raspadeira só raspa, nós faz é descascar”(Raimunda, Entrevista, 16/01/2024). Durante o nosso trabalho não aparece um homem aqui, de vez enquanto aparece o esposo de uma das mulheres, mas não ajudam em nada, ficam por aqui e vão embora, eles não gostam de descascar mandioca, chegam aqui no forno quando as mandioca estão descascadas e limpas, prontas para o processo de prensagem e torração.

Este parágrafo destaca a resistência das mulheres que realizam o trabalho de raspagem de mandioca, uma atividade tradicionalmente feminina nesta comunidade. A escolha de usar sempre o feminino ao se referir às raspadeiras reforça essa identidade de resistência, pois evidencia a exclusão dos homens dessa tarefa, que historicamente não participam dela, uma situação que remete referências às indígenas no período colonial, como mencionado por Cascudo (s/d). Além disso, o relato sobre a ausência de homens ajudando na atividade reforça a resistência cultural e social dessas mulheres, que realizam sozinhas uma tarefa que os homens preferem não assumir, chegando ao ponto de serem vistas como parte de uma condição de resistência e autonomia na comunidade. Os homens, quando aparecem, não participam do trabalho, apenas chegam ao final para pegar a mandioca já pronta, o que evidencia a divisão de tarefas e a resistência feminina à imposição de papéis tradicionais de gênero.

As participantes da pesquisa são as descascadeiras de mandioca do povoado Floresta, mulheres que se organizam, compartilham saberes, vivências, sentimentos e aspirações. Elas são responsáveis pela descascagem de mandioca onde aprenderam desde cedo essa habilidade para garantir seu sustento. Através das matriarcas de suas famílias, adquiriram o domínio de seu principal instrumento de trabalho: a faca, um pedaço de pano sobre a perna e a mandioca.

Desde a infância, a vida dessas mulheres tem sido marcada pela produção de farinha. São mulheres negras, com mais de trinta e cinco anos, com pouca ou quase nenhuma escolaridade formal, que ao descascar a mandioca defendem seus modos de vida no território onde a pesquisa foi realizada, tendo a produção de farinha como elemento central em suas experiências diárias. Esse trabalho é essencial na rotina dessas mulheres, influenciando e orientando suas vidas. Os modos de viver das descascadeiras de mandioca podem ser vistos como um ato de resistência às imposições do mundo capitalista, pois envolvem a valorização de saberes tradicionais, práticas sustentáveis e o fortalecimento da autonomia das comunidades. Além disso, isso representa um modo de vida, um elemento dos modos de vida, pois essas características refletem valores, práticas culturais e relações sociais específicas. São elementos que definem e distinguem os modos de vida dessas comunidades, evidenciando sua identidade e resistência cultural.

3. HISTORICIDADE DO TERRITÓRIO POVOADO FLORESTA: LUGAR SIMBÓLICO DE RITOS E TRABALHO DE MULHERES CAMPONESAS DESCASCADEIRAS DE MANDIOCA

Historicamente, a Casa de Farinha surge como uma resposta à necessidade de transformação dos alimentos. Desde os tempos pré-coloniais, a moagem de grãos e raízes foi uma prática comum entre os povos indígenas e, posteriormente, entre os colonizadores. No Brasil, por exemplo, as casas de farinha se estabeleceram em várias regiões, particularmente no Nordeste, onde a mandioca e outros tubérculos são amplamente cultivados.

Esses espaços, frequentemente construídos em madeira e adobe, foram se moldando ao longo do tempo, incorporando técnicas que variavam de acordo com as influências culturais e os recursos disponíveis. A Casa de Farinha, portanto, não é apenas uma construção física, mas representa um processo histórico de transformação cultural e social ao longo dos séculos.

Uma das características mais marcantes da Casa de Farinha é sua função social. Mais do que um local de trabalho, é um espaço de convivência onde a comunidade se reúne para produzir e partilhar alimentos. Este ambiente propicia a

troca de saberes, a transmissão de tradições e o fortalecimento dos laços comunitários. As mulheres, muitas vezes responsáveis pela produção da farinha, desempenham um papel central neste espaço, perpetuando práticas que muitas vezes remontam a gerações anteriores.

Os rituais que cercam a utilização da Casa de Farinha são ricos em simbolismo. Desde o plantio da mandioca até a celebração da colheita, cada etapa é marcada por práticas que conectam os indivíduos a sua ancestralidade. As reuniões na Casa de Farinha são oportunidades de contar histórias, celebrar conquistas e enfrentar desafios comuns, reforçando a identidade coletiva da comunidade.

As memórias que surgem em torno da Casa de Farinha são profundamente ligadas com a história do povo. Cada moagem de farinha carrega consigo as lembranças de famílias e suas trajetórias. As canções e danças que muitas vezes acompanham esse trabalho estabelecem uma ligação entre o passado e o presente, fazendo com que jovens e adultos se sintam parte de um cenário histórico.

Essa relação temporal é essencial para a compreensão da identidade cultural. A Casa de Farinha é um microcosmos, onde o tempo se desdobra: os gestos dos mais velhos se refletem nos das novas gerações, criando uma teia de interações que perpetuam os ensinamentos ancestrais. É nesse espaço que a história não é apenas contada, mas vivenciada e sentida.

Com os avanços tecnológicos e as mudanças nos padrões de consumo, a Casa de Farinha enfrenta um desafio de adaptação. As moagens industriais e a globalização da alimentação têm impactado a forma como as comunidades se relacionam com seus alimentos e tradições. No entanto, muitas dessas comunidades têm se esforçado para manter viva a Casa de Farinha como um espaço de memória e resistência cultural.

Ao chegarmos ao local da pesquisa, encontramos nos quintais das residências pequenas estruturas chamadas "casas de farinha" ou "fornos de farinha". Esses espaços são utilizados para a preparação da farinha e são identificados apenas pelos telhados que cobrem os equipamentos de produção.

Figura 11 - Casa e/ou Forno de Farinha onde as mulheres descascam mandioca



Fonte: Sousa (2024)

Denominada aqui como "casa de forno", esse espaço é dedicado à produção de farinha, em geral localizado nos fundos ou ao lado das residências. Embora a nomenclatura possa variar de acordo com a região — sendo chamada também de retiro, farinheiras, oficina de farinha, entre outros —, o termo mais comum permanece como "casa de farinha". De acordo com a definição do SEBRAE (2008), essas casas são estabelecimentos com foco na produção de farinha, normalmente associadas a empreendimentos de pequeno porte, em contraste com as grandes farinheiras que operam em escala industrial (Silva, 2011, p. 46). Atualmente, o povoado conta com dezesseis casas de farinha. Essas casas de farinha mantêm a produção quase todos os dias". A estrutura das casas é simples, com chão de barro ou sobre piso, sem paredes e um telhado de telha Brasilite, que substituiu as tradicionais palhas. Embora o espaço interno não seja muito amplo, ele é suficiente para acomodar os equipamentos e as pessoas que trabalham na torrefação da farinha e no descascamento da mandioca, além de outros que apenas observam ou conversam.

A Casa de Farinha é um dos símbolos mais potentes da cultura alimentar e da vida comunitária de vários povos, especialmente nas regiões onde a agricultura é a base da economia. Assim, observamos como esse espaço, mais do que um mero local de produção de farinha, se transforma em um ponto de encontro de memórias, tradições e narrativas coletivas. Ao longo do texto, abordaremos a

importância histórica da Casa de Farinha, seu papel na estrutura social das comunidades e o modo como ela serve como um repositório de saberes ancestrais.

A revitalização das práticas tradicionais e a valorização da produção local são caminhos que algumas comunidades têm seguido, buscando unir o antigo e o novo. Projetos de agroecologia e turismo sustentável, por exemplo, têm surgido como maneiras de preservar essas tradições, educando as novas gerações sobre a importância da Casa de Farinha não apenas como um local de produção, mas como um símbolo de identidade e pertencimento. No entanto, além de serem locais de produção de alimentos, as casas de farinha fortalecem os vínculos de pertencimento e identidade das comunidades que reconhecem a relevância da produção de mandioca e dessas pequenas fábricas em suas vidas. Isso é especialmente verdadeiro para as populações da zona rural. É nesta pequena comunidade que moram as mulheres descascadeiras de mandioca, cujas mãos habilidosas são fundamentais para a produção da farinha. Este processo envolve várias etapas, desde a colheita da mandioca até o descascamento, ralagem e, finalmente, a torrefação.

Precisamos compreender o espaço e o território como conceitos que evidenciam os elementos resultantes da construção das territorialidades e territorialização das famílias residentes no povoado Floresta no município de Wanderlândia/TO. Esses conceitos são coerentes entre si, uma vez que estabelecem o espaço geográfico como local de vivência e residência das pessoas. Em outras palavras, o indivíduo se torna mais humano quando se sente seguro e conhecedor do ambiente onde reside. Executa suas tarefas por meio da interação que cria com os recursos disponíveis. É o caso das famílias residentes nesta comunidade que ocupam seu território de maneira a manter suas raízes e sua autenticidade cultural. Segundo (Santos, 1999, 51):

[...] entende-se espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Os objetos ganham uma significação, ou seja, dão ao espaço um sentido através de uma intenção. Nesse caso, entende-se que o espaço passa a ter uma função de possibilidades de usos quando usado na forma como estou abordando.

O autor destaca que o espaço não é apenas um lugar vazio, mas um conjunto de objetos e ações que estão ligados entre si. Os objetos presentes nele ganham

significado porque as pessoas têm uma intenção ao usá-los, ou seja, eles têm um propósito ou uma função. Assim, o espaço passa a ser entendido como um lugar com possibilidades de uso, dependendo de como as pessoas interagem com esses objetos e ações. É uma visão de espaço mais dinâmica, que depende da relação das pessoas com o ambiente ao seu redor.

Quanto ao plantio da mandioca na comunidade, assim como em outras regiões, envolve práticas que se adaptam às condições climáticas e de solos locais. A mandioca é uma cultura bastante resistente e pode ser cultivada praticamente o ano todo, mas os períodos de plantio podem variar dependendo da região específica e das condições climáticas. Na comunidade pesquisada, o plantio geralmente ocorre na época de chuvas, de dezembro a março, quando o solo úmido favorece o enraizamento.

Figura 12 - Plantio de mandioca brotando



Fonte: Sousa (2024)

Nesta imagem, podemos observar as mudas de mandioca recém-plantadas, ainda no início do desenvolvimento. As plantas estão pequenas, mas já demonstram o início do crescimento, com as raízes começando a se estabelecer no solo. Essa

fase é fundamental para garantir uma boa formação das plantas, que dependerá de uma adequada gestão de irrigação, controle de pragas e fertilização.

Figura 13 - Plantio de mandioca crescida



Fonte: Sousa (2024)

Nesta segunda imagem, a mandioca já apresenta um crescimento mais avançado, com plantas mais altas e robustas. Essa fase indica que a cultura está se desenvolvendo bem, preparando-se para uma futura colheita. A manutenção adequada nesta etapa é essencial para maximizar a produção de raízes, que posteriormente serão processadas na fabricação de farinha de mandioca, um produto bastante importante na culinária local e na economia agrícola.

Com a crescente demanda por produção voltada para os mercados externos, ocorreu uma transição significativa de uma economia predominantemente local para uma economia mais ampla e orientada à mercantilização. Essa mudança alterou as práticas tradicionais e a escala de produção. Hoje, a necessidade de importar mandioca de cidades vizinhas para suprir a demanda de 60 sacas diárias confirma essa transformação, evidenciando como a economia, que antes atendia exclusivamente às necessidades locais, se tornou influenciada não apenas pelos interesses internos, mas também pelas dinâmicas do mercado mais amplo. Isso desafia a visão de uma economia isolada e autossustentável.

Figura 14 - Sacas de farinha produzidas

Fonte: Sousa (2024)

Figura 15 - Sacas de farinha produzidas

Fonte: Sousa (2024)

Sacas de farinha produzidas, exibidas alinhadas e empilhadas em configurações simples, evidenciando a quantidade total produzida e a organização logística para armazenamento e distribuição.

A economia substantiva, conforme proposta por Karl Polanyi, enfatiza a interdependência entre a economia e a vida social, argumentando que as atividades econômicas estão profundamente enraizadas nas relações sociais e nas práticas culturais de uma comunidade. No contexto do Povoado Floresta, a produção de mandioca exemplifica bem esse conceito: inicialmente, as pequenas propriedades atendiam às necessidades locais, promovendo um sistema de subsistência que respeitava o ritmo e os valores da comunidade. As Casas de Farinha, funcionais e essenciais para o processamento da mandioca, refletiam um modelo econômico que priorizava a autossuficiência e a solidariedade social.

Observa-se uma forte ligação entre a mandioca e as populações tradicionais da região, refletida na diversidade de formas de produzir e consumir o produto. No entanto, como aponta, Santana (2018), as comunidades têm passado por influências externas que impactam suas práticas tradicionais. A autora destaca que “as famílias que praticam as farinhadas atualmente enfrentam um processo de subalternização do saber fazer, impulsionado por instituições como a Embrapa” (Santana, 2018, p. 34). Essas instituições propõem padrões que desafiam a lógica de vida dos agricultores tradicionais, pois consideram a farinha como um produto voltado, principalmente à comercialização, ao passo que, para os agricultores, ela

representa o alimento cotidiano, o pão de cada dia. Um exemplo dessa dinâmica ocorre na comunidade Floresta.

Na localidade, as relações de produção da farinha de mandioca podem ter sido influenciadas por atores externos, justificando a necessidade de compreender esse cenário de mudanças. Essa transformação reflete, de certa forma, a crescente influência da economia de mercado, que criou um novo tipo de sociedade. Como afirma Polanyi (1968, p. 62), o sistema produtivo ou econômico, atualmente está nas mãos de um aparelho automatizado, um mecanismo institucionalizado que controla, tanto as atividades cotidianas dos seres humanos, quanto os recursos naturais, evidenciando uma mudança profunda nas dinâmicas sociais e produtivas.

As casas de farinha são locais tradicionais de processamento da mandioca, onde diversos equipamentos são utilizados para transformar a raiz em farinha. Esses equipamentos são dispostos nos cantos ou laterais do espaço para otimizar a circulação e facilitar o manuseio da mandioca durante o processo de descascamento e beneficiamento. Os materiais utilizados na confecção desses equipamentos e utensílios são tradicionalmente provenientes de materiais locais, e seus processos de fabricação são artesanais, o que garante sua durabilidade e funcionalidade. Entre os componentes da casa do forno, encontramos o coxo, que serve como recipiente para receber a mandioca descascada; a banca com o motor elétrico do ralador, responsável por triturar a raiz; o forno, usado para secar a farinha; a prensa, que ajuda na extração do líquido ou na secagem; e outros instrumentos essenciais na fabricação da farinha, como o rodo e a faca de madeira, utilizados na manipulação e transporte da mandioca e da farinha, além de bacias, peneiras, carrinho de mão, litros, facas, cuias de cabaça, tamboretas e cepos (tronquinhos de madeira para sentar).

A seguir, apresentamos uma descrição detalhada de cada um dos equipamentos mencionados, comumente encontrados em casas de farinha, incluindo suas finalidades, formas de funcionamento e os materiais utilizados na sua fabricação para oferecer uma compreensão mais completa e precisa:

Figura 16 - Coxo

Fotografia: Sinhá Sousa Rosaldina, 2024

Figura.15. Coxo: É um recipiente grande e profundo, geralmente feito de madeira ou cimento, utilizado para colocar a mandioca após seu descasque. Ele serve como um local de armazenamento temporário durante o processamento da mandioca.

Figura 16. Banca com o motor do ralador

Fonte: Sousa, Rosaldinha S. de. 2024

Figura.16. Banca com motor elétrico do ralador: A estrutura da banca é confeccionada com madeira de lei ou metal reciclado, reforçada para suportar o peso do motor e da mandioca. O motor elétrico, muitas vezes, é adaptado de equipamentos antigos ou adquiridos de fornecedores locais. O ralador, que pode ser de ferro ou aço, possui lâminas afiadas que são fixadas à estrutura, garantindo eficiência no processamento da mandioca.

Figura 17. Forno

Fonte: Sousa, Rosaldinha S. de. 2024

Figura 17. Forno: O forno utilizado para assar a farinha, conhecido como forno de farinha ou forno de pão, é um equipamento tradicionalmente estruturado para garantir temperaturas controladas e uniformidade no cozimento. Construído com tijolos de barro cozido ou de cimento, o forno é projetado com uma câmara de queima onde se colocam brasas ou lenha. O revestimento interno é feito de argila ou barro resistente ao calor.

Figura 18. Prensa

Fonte: Sousa, Rosaldinha S. de. 2024

Figura 18 Prensa: A prensa é frequentemente feita com madeira de lei, como o jatobá ou o angelim, trabalhada artesanalmente para criar uma estrutura robusta. É um equipamento que aplica pressão sobre a mandioca ralada, ajudando a

extrair o excesso de líquido. Isso é importante para que a farinha não fique muito úmida, o que poderia comprometer sua conservação.

Figura 19. Rodo de madeira



Fonte: Sousa, Rosaldinha S. de. 2024

Figura 19. Rodo de madeira: Um instrumento utilizado para ajudar a espalhar a massa ralada no forno e garantir que ela seque de maneira uniforme. O rodo é essencial para a manipulação e distribuição da mandioca durante o processo de secagem.

Figura. 20. Bacia/caixa d'água



Fonte: Sousa, Rosaldinha S. de. 2024

Figura. 20. Bacias/caixa d'água: Recipientes utilizados para armazenar a mandioca descascada, ralada ou já processada. Elas são essenciais para organizar o fluxo de trabalho e manter os ingredientes prontos para as próximas etapas.

Figura 21. Faca de madeira



Fonte: Sousa, Rosaldinha S. de. 2024

Figura. 21. Faca de madeira: feitos a partir de troncos ou tábuas de madeira dura, A faca de madeira utilizada para espalhar a massa de mandioca no forno é um utensílio artesanal e funcional.

Figura 22. Peneira



Fonte: Sousa, Rosaldinha S. de. 2024

Figura.22. Peneiras: Utilizadas para filtrar a farinha, removendo grumos e impurezas. As peneiras ajudam a garantir que a farinha tenha uma textura fina e uniforme.

Figura 23. Carrinho de mão



Fonte: Sousa, Rosaldinha S. de. 2024

Figura 23. Carrinho de mão: Um equipamento prático para transportar a mandioca, a farinha e outros materiais dentro da casa de farinha. Facilita o Carrinho de mão: geralmente feito com estrutura de madeira reforçada com ferro ou aço, e rodas de madeira ou metal, montadas com pregos ou parafusos.

Figura 24. Litro



Fonte: Sousa, Rosaldinha S. de. 2024

Figura 24. Litro: medidor de farinha, que é um recipiente utilizado para quantificar a quantidade de farinha depois de torrada. Geralmente, esse tipo de medidor possui marcações que indicam o volume, facilitando a precisão na medição. No caso específico, o litro é utilizado para medir a farinha após ela ter passado pelo processo de torragem.

Figura.25.Cuia



Fonte: Sousa, Rosaldinha S. de. 2024

Figura.25. Cuias de cabaça: Utilizadas para armazenar e servir a farinha já processada. Feitas de cabaça, essas cuias são tradicionais e oferecem um toque rústico às práticas culinárias.

Figura 26. Faca lâmina



Fonte: Sousa, Rosaldinha S. de. 2024

Figura 26 Faca: A lâmina é afiada o suficiente para cortar a casca dura da mandioca, que pode ser bastante resistente.

Figura 27. Tamborete



Fonte: Sousa, Rosaldinha S. de. 2024

Figura 27. Tamboretos: Assentos de madeira onde as trabalhadoras podem se sentar enquanto realizam as atividades na casa de farinha.

Figura 28. Lenha



Fonte: Sousa, Rosaldinha S. de. 2024

Figura 28. madeira cortada utilizada como combustível. A lenha queima de forma a gerar um calor mais uniforme, o que é essencial para a torrefação da farinha, garantindo que todo o produto seja aquecido de maneira consistente

Figura 29. Cepo



Fonte: Sousa, Rosaldinha S. de. 2024

Figura 29. Cepos: Tronquinhos de madeira que podem ser utilizados como bancos ou suportes. Além de funcionais, eles também refletem a rusticidade e simplicidade dos equipamentos encontrados nas casas de farinha.

Esses equipamentos são fundamentais para o funcionamento eficiente das casas de farinha, permitindo que o processo de transformação da mandioca em farinha ocorra de forma organizada e prática.

3.1 O Mantimento da Terra: A Cultura da Produção da Farinha de Mandioca

Quando eu lembro da massa da mandioca mãe (Da massa)
 Quando eu lembro da massa da mandioca mãe (Da massa)
 Quando eu lembro da massa da mandioca mãe (Da massa)
 Quando eu lembro da massa da mandioca mãe (Da massa)
 Nunca mais me fizeram aquela presença, mãe (Da massa)
 Da massa que planta a mandioca, mãe (Da massa)
 A massa que eu falo é a que passa fome, mãe (Da massa)
 A massa que planta a mandioca, mãe (Da massa)

(Raimundo Sodré e Jorge Portugal, 2015).

Esse refrão da música de Sodré e Portugal, ressalta a obra que retrata o esforço das mulheres na manipulação da mandioca em um contexto de dificuldades econômicas que afetavam o país na época. Ela evidencia o contraste presente em

uma sociedade marcada por desigualdades na busca pela sobrevivência. O refrão da música reforça a ligação com a memória e a tradição familiar, especialmente relacionada à mandioca e à terra. Sua repetição simboliza a importância da "massa da mandioca mãe" como elemento de sustento, identidade e conexão com as raízes rurais. Além de transmitir uma nostalgia, a letra também provoca uma reflexão sobre a fome e o trabalho agrícola, aspectos que parecem marcar a experiência de quem canta ou ouve a canção.

A trajetória da mandioca, desde o cultivo até o processamento, é profundamente marcada pelo legado cultural indígena. Conforme enfatizado por Pedroza (2014), as narrativas coletadas ao longo de mais de quatro séculos revelam a significativa influência das comunidades indígenas nas práticas relacionadas à mandioca. Os relatos, que abrangem o período de 1587 a 2004, evidenciam não apenas a nomenclatura dos instrumentos e produtos, mas também as técnicas utilizadas e a organização do trabalho nas comunidades tradicionais.

Este conhecimento, transmitido de geração em geração, sobrevive até os dias atuais, sendo parte integrante da vida em diversas comunidades rurais. Assim, a mandioca não é apenas um alimento, mas também um símbolo de memórias e práticas culturais que permeiam a identidade local das populações que dependem desse recurso.

Ao resgatar e preservar formas de cultivo e processamento que respeitam o ritmo da natureza e as necessidades locais, essas práticas se opõem à lógica da exploração e da produção em massa, característica do capitalismo. Além disso, essa resistência pode se manifestar na busca por alternativas que promovam a justiça social e a valorização do trabalho local, em contraste com os sistemas que priorizam o lucro a qualquer custo. Ao focar em modos de vida que favorecem a comunidade, a solidariedade e a preservação cultural, as descascadeiras de mandioca reafirmam seu lugar e sua identidade em um mundo que muitas vezes tenta homogeneizar e desvalorizar essas práticas. Práticas essas, consideradas como cultura, o Manuela Carneiro da Cunha (2009), destaca ser uma categoria de ida e volta, algo que, como argumento, saiu da academia, se resignificou, e volta como objeto de estudo para "assombrar" aqueles que a criaram – os antropólogos. Os antropólogos originalmente conceberam a cultura como uma invenção dos próprios nativos, uma

forma de explicar e dar sentido às suas vidas e práticas. Contudo, ao longo do tempo, essa ideia ganhou força e se consolidou, sendo apropriada por agentes internos e externos aos grupos culturais, com objetivos econômicos, políticos e identitários. Assim, a noção de cultura deixou de ser uma simples expressão das comunidades originárias para se transformar em um conceito moldado, manipulado e muitas vezes instrumentalizado por atores externos, como governos, empresas e instituições acadêmicas, que passaram a utilizá-la como ferramenta de controle, exploração e legitimação de interesses específicos.

Essa apropriação resultou na estabilização de identidades culturais que nem sempre correspondiam às experiências, histórias ou valores autênticos dessas comunidades. Muitas vezes, ela contribuiu para a marginalização e invisibilidade de suas realidades, reforçando estereótipos e impedindo o reconhecimento de suas diversidades internas. Dessa forma, o conceito de cultura transformou-se em um campo de disputa, onde narrativas e representações passaram a ser negociadas, moldadas e, em alguns casos, fabricadas, influenciando profundamente a percepção social dessas comunidades e os tratamentos a elas destinados. Essa dinâmica evidencia a complexidade e o poder das representações culturais na construção de identidades e na definição de relações de poder na sociedade.

Corroborando com o debate sobre cultura que Cunha (2009), apresenta, Thompson (1988, p. 22), trata do termo, cultura como sendo:

Um emaranhado, que ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade, confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com muito cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais do trabalho.

Tompson nos convida a pensar que a cultura, muitas vezes apresentada como uma unidade coesa, na verdade é um feixe complexo de atividades, atributos e significados que, ao serem agrupados, podem acabar ocultando as distinções essenciais entre seus componentes. Essa ideia reforça a necessidade de "desfazer o feixe" e examinar cuidadosamente cada elemento que o compõe: os ritos, os modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume

de geração e o desenvolvimento do costume sob formas específicas das relações sociais do trabalho. Ao inserir essa perspectiva no contexto da análise social, podemos entender que cada um desses componentes desempenha um papel distinto e muitas vezes interligado, mas que não deve ser confundido ou tratado como uma única entidade homogênea. Por exemplo, os ritos e modos simbólicos representam as práticas culturais que sustentam a hegemonia, enquanto a transmissão do costume de geração garante a continuidade dessas práticas ao longo do tempo, dentro de relações sociais do trabalho específicas.

Essa abordagem também nos ajuda a compreender que, ao "desfazer o feixe," podemos identificar as forças que constroem a cultura em suas diferentes dimensões — econômica, política e social — e como elas se relacionam. Na esfera econômica, por exemplo, as relações sociais do trabalho e o desenvolvimento de costumes específicos refletem e são moldados por contextos históricos e econômicos particulares. Na política, a hegemonia e os mecanismos de poder sustentam essas práticas culturais e sociais, enquanto a resistência surge como uma possibilidade de contestação, revelando as tensões e contradições internas ao sistema.

Portanto, o "desmanche do desfecho" que Tompson propõe é uma metodologia interpretativa que nos permite separar e compreender a complexidade de cada componente cultural, social e político, reconhecendo suas especificidades e suas inter-relações dentro de um quadro histórico e social. Essa análise detalhada é essencial para entender como as estruturas de poder, os costumes e as práticas culturais se entrelaçam e se manifestam na vida social, econômica e política, possibilitando uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas de transformação e resistência presentes na sociedade. Nesse sentido o autor, chama atenção para as variadas definições tratadas pela literatura sobre o termo cultura. Conceituando, muitas vezes, como se tudo fosse a mesma coisa. E, propõe que separemos os seus componentes, como por exemplo os modos simbólicos.

Na particularidade, as Casas de Farinha representam a "coisa em si"; são os locais de produção que guardam em si mesmas o saber ancestral e as técnicas que foram transmitidas ao longo das gerações. Contudo, inseridas nesse contexto, observamos que estão cercadas por um modo de produção capitalista que, muitas

vezes, desconsidera e explora seu valor. Esse sistema as vê não como detentoras do conhecimento sobre a matéria-prima que manipulam, mas como meras depositárias de um saber que lhe é alheio.

A casa de farinha é um espaço comunitário onde surgem lideranças e relações de poder que moldam a organização social. As práticas e conhecimentos transmitidos de geração em geração conferem poder simbólico aos que dominam essas técnicas. Em comunidades indígenas e afro-brasileiras, ela também representa resistência cultural e identidade comunitária. Os objetos presentes nesse espaço vão além da utilidade prática, revelando a conexão entre natureza, economia e poder, além das relações sociais e culturais que as envolvem (Unesco, 2003, p. 4).

A citação destaca a importância simbólica e social da casa de farinha, não apenas como um espaço de produção, mas como um centro de formação de liderança, transmissão de conhecimentos e conservação de identidades culturais. Ao enfatizar que as práticas e técnicas passadas de geração em geração conferem poder simbólico, ela revela como o domínio dessas habilidades confere prestígio e influência dentro da comunidade. Além disso, a referência às comunidades indígenas e afro-brasileiras evidencia que esse espaço também funciona como um símbolo de resistência cultural e afirmação identitária, preservando tradições frente às pressões externas. Os objetos presentes na casa de farinha, portanto, vão além de sua funcionalidade, refletindo uma conexão profunda entre natureza, economia e relações de poder, que moldam a organização social e cultural dessas comunidades. Assim, essa citação reforça a ideia de que o espaço da casa de farinha é um palco onde se articulam aspectos econômicos, culturais e sociais, sendo fundamental para a manutenção e fortalecimento das identidades e resistências comunitárias.

Quando essas Casas de Farinha são capturadas por um modo de produção distinto daquele ao qual pertencem, sua existência se torna usurpada, relegando-as a meros "lugares de memória". Nesse sentido, elas perdem não só a sua função original, mas também a conexão vital com as comunidades que dependem delas, transformando-se em relíquias de um passado que, embora valioso, corre o risco de ser esquecido.

O processamento da mandioca ocorre em estruturas conhecidas como Casas de Farinha, que, embora simples em sua arquitetura, desempenham um papel fundamental na produção artesanal deste alimento. Desde o cultivo até a

transformação do tubérculo em farinha, a habilidade dos indígenas em lidar com a terra e cultivar a mandioca se destaca como um elemento dessa narrativa.

A aproximação com comunidades rurais, mediada pelas Casas de Farinha, evidencia a contínua necessidade histórica do capital em dominar o trabalho humano, seja por meio de sua apropriação, migração ou transformação. Esse processo desarticula modos de vida e formas de produção, operando dentro de uma lógica incessante que busca controlar a terra, os frutos e as riquezas minerais. O ser humano, enquanto trabalhador, é essencial para a reprodução desse ciclo de acumulação. Ao longo do tempo, o capital aprimora suas estratégias de dominação, sem jamais se afastar de sua essência desagregadora em relação a estilos de vida e métodos de produção que fogem da lógica capitalista.

Dessa forma, a desintegração da relação entre homem e natureza, entendida como um bem comum e coletivo a ser compartilhado por famílias e grupos humanos, resulta em uma nova materialidade da vida, que se transforma ao ser percebida como mercadoria. Nesse sentido, a mandioca, sem dúvida, ocupa um papel central. Entre seus subprodutos, a farinha destacou-se como a mais apreciada, tendo um grande impacto na culinária colonial. Cascudo (s.d.) referiu-se a ela como a "rainha da mesa", ressaltando sua relevância na alimentação popular, pois, inicialmente, seu principal objetivo era atender à necessidade de sustento dos mais necessitados.

De fato, a mandioca parece ser uma referência essencial, cuja menção é quase inevitável em qualquer análise sobre o tema. Sua citação se entrelaça intimamente com a produção de farinha, o que reforça sua importância cultural e econômica. Dada a abundância de relatos, seria redundante e exaustivo repetir cada um deles.

A variedade que Amaral (1958) menciona reside, na verdade, na forma como cada autor a apresenta: enquanto alguns relatos são mais contidos, outros se mostram exuberantes, com diferentes tonalidades e enfoques. Contudo, a essência da mandioca permanece constante, ecoando nos versos de Santa Rita Durão, a sua primeira poetiza:

⁵É sustento comum raiz presada,
Donde se extrai com arte útil farinha

Que, saudável ao corpo, ao gosto agrada,
 E por delícia dos Brasil se tinha
 Depois que em boladeiras foi ralada,
 No tapiti se espreme e se convinha;
 Fazem a puba então e a tapioca
 Que é todo mimo e flor de mandioca
 Chama o agricultor raiz gostosa
 Aipi por nome,
 em gosto se parece.
 Com a mole castanha saborosa,
 De que tira o país vários interesses,
 Ótimo arroz em cópia prodigiosa
 Sem cultura nos campos aparece,
 No Pará, Cuiabá, por modo feito,
 Que iguala na bondade o mais
 perfeito.
 (Santa Rita Durão, 1945).

A letra de Santa Rita Durão é um tributo à mandioca, celebrando suas qualidades culinárias, sua importância cultural e sua contribuição à economia. O poema nos convida a reconhecer e valorizar um alimento que é um verdadeiro patrimônio nacional, refletindo a relação do povo

As formas de fazer farinha criam e estabelece entre os indivíduos uma ação coletiva gerando nos laços sociais e a sociabilidade, ação mútua de cooperação, experiências comunicacionais entre os grupos que partilham os mesmos quadros e identificam as mesmas ressonâncias históricas de um passado comum. Essa ação coletiva gera uma divisão de bem comum substanciada no trabalho que socialmente resulta na transformação do produto de consumo.

Ao analisar os processos de produção da farinha de mandioca em comunidades tradicionais, observa-se uma forte relação entre a técnica e o ambiente local. Como aponta Dernival Venâncio Júnior (2022), a adaptação dos equipamentos de produção à disponibilidade de recursos naturais e a transmissão de conhecimentos entre as gerações permitem um certo grau de autonomia aos produtores. Essa característica é fundamental para a compreensão da resistência dessas comunidades frente às mudanças socioeconômicas.

Cormineiro (2010, p.14), apresenta uma perspectiva sobre a história e a cultura dos sertanejos pobres.

[...] compreender e reconstruir os modos de viver dos sertanejos pobres a partir da percepção de que as lutas sociais e culturas são diferenciadas, mas são também parte de um mesmo processo de construção e

transformação da vida que faz com que entender o passado ajude a compreender o presente e projetar o futuro.

A autora nos convida a reconhecer que as lutas sociais e culturais dos sertanejos são únicas e diferenciadas, mas que fazem parte de um todo mais amplo. Entender que o passado dos sertanejos não é um fato isolado, mas sim um elemento fundamental para compreender as realidades atuais e projetar as transformações futuras. Perceber que a vida é um processo contínuo de construção e transformação, onde as experiências do passado organizam o presente e o futuro. As mulheres descascadeiras de mandioca representam um aspecto importante da cultura sertaneja, assim como mencionado na reflexão sobre as lutas sociais e culturais dos sertanejos, as mulheres descascadeiras enfrentam desafios específicos, como a valorização de seu trabalho, a desigualdade de gênero e a busca por reconhecimento e direitos

Em relação a produção de farinha de mandioca no Povoado Floresta sustenta a segurança alimentar, a qualidade de vida e a economia de muitas famílias. Além disso, o modo de fazer farinha produziu no povoado um conjunto de artefatos artesanais representantes da identidade cultural local que também traz a memória como elemento central.

A princípio, a memória pode ser percebida como um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa” (Pollak, 1992, p.2.)

a memória pareça ser um fenômeno individual próprio de uma pessoa, devemos entender que a memória deve ser entendida como “um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”, no qual a memória individual vai existir sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

Os acontecimentos, segundo Pollak (1992, p.2), são vividos tanto de forma pessoal quanto coletiva. Podemos afirmar que os modos de viver, as culturas, os saberes e as práticas culturais desse contexto possuem na subjetivação um componente essencial na construção das narrativas sobre a realidade e nas vivências compartilhadas pelas mulheres envolvidas nesse trabalho. As singularidades dessas mulheres, que atuam nas descascagem de mandioca, podem ser percebidas e/ou fortalecidas por meio de suas memórias compartilhadas, narradas e recontadas,

revelando a riqueza de suas histórias e experiências (Pollak, 1992). A memória material da cultura da farinha de mandioca produziu uma série sequencial desenvolvida na manufatura do produto, que ao longo do tempo se transformou em ícone da cultura local (Denardin et al., 2009). Por outro lado, ao revisitarmos as casas de farinha nos dias atuais, percebemos que os conhecimentos tradicionais permanecem vivos, possivelmente fortalecendo o imperativo que impulsiona as mudanças no mundo: o trabalho humano, fundamental para todas as transformações. Inspirando-se em Krenak (2020, p. 29), onde diz “não foi eu quem criou isso, mas me inspiro na resistência contínua desses povos, que preservam a memória profunda da terra”. O autor ainda destaca que a perda de saberes tradicionais pode contribuir para um erro civilizacional.

As Casas de Farinha do povoado Floresta, espaços, além de resguardarem um importante legado histórico em sua constituição, ainda produzem farinha de maneira rústica, mantendo viva a tradição e o trabalho de homens e mulheres do campo. Essas trabalhadoras não apenas conferem valor de uso à produção, mas também possibilitam o acesso a outros bens por meio da comercialização de sua farinha.

3.2 Se tem mulher descascando mandioca, tem farinhada: Os modos de viver das mulheres descascadeiras de mandioca do Povoado Floresta

Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade.

Simone de Beauvoir.

Esse trecho de Simone de Beauvoir traz uma reflexão sobre a construção social dos papéis de gênero, questionando a ideia de qualidades e valores exclusivamente femininos. Ao afirmar que não existem modos de vida ou qualidades específicos de mulheres, ela desafia o mito de uma "natureza feminina" pré-determinada, que muitas vezes é usado para justificar a opressão e limitar a

autonomia das mulheres. Para Beauvoir, o verdadeiro objetivo não é que as mulheres se afirmem como mulheres dentro de um molde imposto, mas que busquem sua plena humanidade, reconhecendo-se além das construções sociais que tentam defini-las.

A partir dessa reflexão, podemos pensar na importância de compreender o trabalho das descascadeiras de mandioca não apenas como uma atividade tradicional, mas como uma expressão de força, resistência e autonomia feminina. Irei falar mais sobre esse trabalho, abordando suas características, desafios e o papel que desempenham na sociedade, sempre considerando essa perspectiva de valorização da mulher enquanto ser humano completo, além dos estereótipos de gênero.

É nas casas de farinha do povoado Floresta também chamado de interior, que localizamos o cotidiano compartilhado entre as diversas mulheres, firmes, criativas, que apresentam uma pluriétnia diversificada culturalmente, configuradas nos modos cooperativos e tradicionais. Exponho aqui que as, descascadeiras de mandioca têm uma forte ligação com seu passado ancestral, o que faz com que elas reafirmem suas identidades, preservando sua cultura, sua história. A cultura da mandioca é bastante disseminada no Povoado Floresta/Wanderlândia, sendo explorada, basicamente por pequenos produtores e tendo um papel preponderante na sua sobrevivência.

Essas mulheres assumem o principal papel nesse processo em que ocorre a limpeza das raízes no momento da descascagem, a casca é retirada totalmente, dados revelados por (Xavier; Lima; Andrade 2020, p. 786), vê-se que a maneira de descascar a mandioca realizado pelas mulheres é feita de maneira, totalmente manual, se tornando uma etapa fundamental seguindo os padrões de processos produtivos tradicionais.

Buscando compreender sua própria visão sobre o trabalho analisando suas narrativas e memórias a partir do seu lugar de trabalho. Veja o que afirma Dona Raimundinha (Entrevistada, 2024):

Nós trabalha na diária. Nós sai de casa as 7h e retornamos as 11 h para fazer almoço e cuidar dos serviços domésticos como: limpar casa, lavar roupa, cuidar das crianças, levar para escola, e dos nossos esposos, tudo isso em 2h de almoço. Retornamos para o trabalho as 13h e dependendo

da quantidade de mandioca trabalhamos até as 21h.

Analisando a jornada de trabalho de dona Raimundinha, que começa cedo e se estende até a noite, destaca-se a dedicação necessária para gerenciar as responsabilidades profissionais e domésticas. A divisão do tempo entre a produção de mandioca e as tarefas do lar evidencia a sobrecarga enfrentada por muitas mulheres, que equilibram obrigações em casa e a necessidade de contribuir financeiramente para a família. Ter apenas duas horas para fazer o almoço e cuidar de outras atividades mostra a pressão sobre essas trabalhadoras, sendo exequível o uso do seu tempo.

A variação na duração do trabalho, dependendo da espessura das raízes da mandioca, ilustra como fatores externos impactam a rotina, tornando-a imprevisível e afetando a renda com base na quantidade de dias trabalhados em cada casa de farinha. Essa realidade ressalta a importância de compreender e valorizar o trabalho das camponesas, trabalhadoras rurais, que, frequentemente não recebem o reconhecimento adequado por suas contribuições à sociedade. A luta por melhores condições de trabalho, reconhecimento e apoio é fundamental para melhorar a qualidade de vida dessas pessoas.

A rotina de uma equipe dedicada à produção de farinha de mandioca é marcada por intensidade e complexidade, refletindo não apenas a carga de trabalho, mas também as responsabilidades domésticas, como cuidar da casa e da família. A organização necessária para equilibrar obrigações profissionais e pessoais é evidenciada pelos horários, que incluem sair de casa às 7h e retornar às 11h para o almoço, além do tempo limitado de apenas 2 horas para tarefas domésticas, ressaltando a sobrecarga enfrentada.

Seguimos uma jornada de trabalho de segunda a quarta feira dependendo da espessura das raízes da mandioca, se for grossa leva menos dia, se a raiz for mais fina leva mais dias para fazer a descasca e as vezes completamos a semana em outras casas de farinha no mesmo povoado (Dona Raimundinha, 2024)

A jornada de trabalho se adapta à natureza do produto, cujas espessuras das raízes variam, demonstrando a flexibilidade e a resiliência das camponesas trabalhadoras diante das condições do cultivo e da colheita. Dona Raimundinha

afirma que “quando a espessura das raízes é mais grossa, o trabalho rende mais; quando é fina, demora muito” (Dona Raimundinha, entrevista em 04/12/2024). A possibilidade de trabalhar em diferentes casas de farinha dentro do mesmo povoado, dependendo da demanda, sugere uma importante adaptabilidade dessas trabalhadoras, além de refletir uma rede de colaboração e interdependência entre elas, evidenciando uma dinâmica comunitária onde o sucesso de uma impacta o das outras. Assim, essa realidade é um testemunho dos desafios diários enfrentados por muitas trabalhadoras rurais, que lutam para sustentar suas famílias e contribuem para a economia local.

Federici (2014) defende que o trabalho de reprodução deve ser reconhecido e valorizado, e que a resistência e a organização coletiva buscam não só justiça para as mulheres, mas também uma nova forma de pensar a economia, que valorize todas as formas de trabalho. Assim, ela nos lembra da importância de lutar por igualdade e justiça de maneira integrada, valorizando o trabalho de cuidado e colaborando entre diferentes movimentos sociais para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

A pesquisa retrata a realidade de mulheres trabalhadoras rurais que como diaristas trabalham de descascar mandioca. Essas mulheres saem de suas casas cedo pela manhã, dedicando as primeiras horas do dia ao trabalho em local específico e, em seguida retornam para realizar as tarefas domésticas, como preparar o almoço e cuidar dos filhos, em um intervalo limitado de tempo. As mulheres, em sua maioria, gerenciam uma carga dupla de obrigações: o trabalho remunerado e as responsabilidades de cuidar do lar. O valor da diária, estipulado em R\$50,00, cinquenta reais, é um reflexo das condições econômicas e das limitações enfrentadas por essas mulheres, especialmente aquelas cujos companheiros estão empregados em outras cidades. A Fala de dona Raimundinha (Entrevistada, 2024), chama atenção para o fato de que, “A renda que recebo aqui é burbuc⁵o, é só um complemento, não dar para sustentar a casas”.

A fala da entrevistada evidencia a luta diária destas mulheres, que, apesar de suas jornadas intensas e do trabalho exigente, assumem a responsabilidade,

⁵ Burbuco, segundo dona Raimundinha significa muito pouco, insuficiente para manter a família.

tanto pelo sustento financeiro da família, quanto pelos cuidados do lar, o que ressalta a importância de valorizar seus esforços e a desigualdade enfrentada por elas no mercado de trabalho e na vida familiar.

Pensar o cotidiano das mulheres camponesas descascadeiras de mandioca implica explorar diversas vertentes que se entrelaçam com suas atividades, o que Silvia Petersen (1995) nos convida a refletir sobre o cotidiano como um território que abrange toda a complexidade do ser humano, reconhecendo-o como um aspecto insubstituível da vida. Para essas mulheres, a rotina diária não é apenas uma série de atividades laborais, mas também um espaço onde se desdobram suas vivências, relações sociais e o exercício de suas identidades.

A autora aponta que, por muito tempo, o cotidiano foi visto apenas como um espaço neutro, marcado pela repetição e pela tradição, em que a continuidade era evidenciada, mas sem a devida consideração pelas transformações que poderiam ocorrer. Essa visão resultou na banalização do cotidiano, que passou a ser reduzido a uma mera reprodução automática e rotineira, limitada pela falta de uma análise que evidenciasse significados positivos e paralelos, frequentemente ignorados.

Para Petersen (1995), a vida cotidiana transcende essa noção de rotina. O cotidiano é um momento rico e dinâmico, onde “[...] se dão as interações, onde se produzem sentidos, onde surgem os amores, onde se substituem os interlocutores, onde sobrevém a catástrofe, onde a surpresa está presente, onde um sorriso, uma palavra, um ato provocam subversões imprevistas” (Petersen, 1995, p. 10). Essa perspectiva destaca a complexidade e a relevância dos eventos cotidianos, revelando um espaço propício para novas experiências e transformações.

O trecho traz uma reflexão profunda sobre a importância de verificar o cotidiano das mulheres, especialmente aquelas que trabalham com a descascagem da mandioca, como um espaço repleto de significados e possibilidades. Corroborando com Petersen (1995) ao nos lembrar que o cotidiano não deve ser reduzido a uma rotina monótona e sem significado, mas sim reconhecido como um campo de experiências ricas, onde emoções, relações e transformações acontecem de forma contínua. Para essas mulheres, suas atividades diárias vão além do aspecto meramente produtivo; elas também constroem suas identidades, fortalecem laços sociais e vivenciam momentos de surpresa e resistência. Essa visão mais

ampliada do cotidiano nos ajuda a valorizar suas trajetórias e a compreender o potencial de transformação presente nas ações cotidianas, muitas vezes invisibilizadas por uma perspectiva que as reduz à repetição e à banalidade.

A vida dessas trabalhadoras reflete não apenas as ações que envolvem a descascagem da mandioca, mas também suas interações familiares, o cuidado com os filhos, as tradições culturais que preservam e as dinâmicas comunitárias das quais fazem parte. Através de seus olhares, podemos perceber como essas práticas cotidianas estão entrelaçadas com a reprodução social, moldando e sendo moldadas por suas experiências e contextos.

Assim, analisar essas vivências considerando essas contemporaneidades, o cotidiano das mulheres descascadeiras é um campo fértil para a compreensão das diversas facetas da vida social, revelando a força dessas mulheres e o impacto de seu trabalho na conservação de saberes e na manutenção de suas comunidades. Essas histórias diárias são fundamentais para reconhecê-las não apenas como trabalhadoras, mas como agentes ativas e essenciais na construção de suas realidades.

3.3 Para nós, trabalhar é como ir à escola (Alzenir, 2024)

⁶Eu não estudei, mal fiz a 2ª série, eu gosto mesmo é de trabalhar, trabalho desde criança com meus pais, agora que tô velha é que não vou estudar,vou morrer na labuta de descascar mandioca para ganhar o pão. (Dona Alzenir, 2024)

No início deste capítulo, somos apresentadas a uma mulher camponesa e descascadeiras de mandioca que reflete a realidade de muitos, que por diversas circunstâncias, não tiveram a oportunidade de estudar. Seu desânimo em relação à educação e a valorização do trabalho duro revelam uma luta constante entre as obrigações da vida e os sonhos de um futuro melhor. A menção à mandioca simboliza não apenas o trabalho árduo, mas também a conexão com suas raízes e a resistência diante das adversidades. É um retrato sincero de uma realidade que merece ser ouvida e compreendida.

⁶Alzenir Pires Feitosa.

Nossa intenção aqui é o ressoar das vozes femininas, numa perspectiva de abordar os principais desafios enfrentados por elas na produção de farinha de mandioca, como questões econômicas, acesso a recursos e reconhecimento do seu trabalho. Além disso, será discutido como essas experiências contribuem para o fortalecimento da identidade das mulheres na comunidade, evidenciando suas lutas e conquistas. O capítulo também apresentará relatos de vivências e experiências que ressaltam o papel das mulheres como agentes de transformação social, o papel das mulheres na produção de farinha de mandioca, os métodos de trabalho, as tarefas desempenhadas, como se organizam no trabalho.

Nesse sentido nos apropriamos da história oral por ser uma manifestação da cultura e ao mesmo tempo “responsável pela transmissão de saberes, fazeres e viveres culturais” e considerando ser este o meio pelo qual as descascadeiras de mandioca transmitem o seus modos de vida para as novas gerações.

A partir de então, iremos compreender como a descascagem da mandioca para fabricação de farinha entrou na vida dessas mulheres. Utilizaremos o termo “descascadeiras de mandioca” para nos referir a elas. Sentar naquele tamborete, conversando com Dona Alzenir, me trouxe lembranças da minha vivência com minha avó. Os olhos encharcados não me permitiram segurar as lágrimas, que começaram a escorrer pela face. É bonito perceber como uma atividade tão simples, como descascar mandioca, se transforma em um verdadeiro legado de geração em geração, carregado de significado e orgulho. Dona Alzenir demonstra que, para ela, essa tarefa vai além do trabalho cotidiano: é uma forma que encontrou de manter viva os ensinamentos transmitidos pelos seus pais, uma maneira de não apagar a memória e a cultura da sua família.

Já Dona Raimundinha, mesmo cansada, revela sua consideração pela descascagem da mandioca. É impressionante como, mesmo após tentativas de parar, ela sente saudade e retorna com vontade de continuar, porque essa prática faz parte de quem ela é. Essas histórias mostram que certas profissões, por mais simples que pareçam, carregam emoções, história de vida e identidade.

Em seus relatos, Dijé também expressou satisfação que sente em descascar mandioca. Ela aprendeu essa arte com as colegas e, assim como as outras, essa prática se tornou uma parte fundamental de sua vida, da qual não

pretende se afastar. O relato de Dijé revela uma afetividade com a prática de descascar mandioca, que vai além de uma simples tarefa. Ao aprender essa habilidade com suas colegas, ela não apenas adquiriu uma técnica, mas também fortaleceu laços de convivência e tradição dentro de seu grupo.

Para compreender a resistência construída pelas mulheres, recorreremos a Gaspareto (2018, p.198), onde afirma que:

É preciso analisar as relações políticas, econômicas, sociais e culturais, que em cada espaço-tempo orientam e dão sentido à vida no território, buscando as articulações ao invés da setorialização e do isolamento, gerando um sentido de complementaridade e de interação.

A descascagem de mandioca é uma prática que faz parte da vida dessas mulheres desde a infância, quando foram ensinadas por seus pais e avós a importância dessa atividade. As histórias de Dona Alzenir, Dona Raimundinha e Dijé revelam não apenas uma atividade laboral, mas também um profundo significado cultural. Para elas, descascar mandioca vai além do ato físico; representa um legado familiar e um vínculo intenso com suas origens. Cada lâmina retirada da raiz é um resgate de memórias, tradições e ensinamentos que foram passados de geração em geração, fortalecendo laços e perpetuando a identidade cultural de suas comunidades. Essa prática se transforma, assim, em um verdadeiro ritual que celebra a vida e a continuidade de suas histórias, reafirmando a herança deixada por seus pais e avós e a importância de manter vivas essas tradições.

Eu prefiro continuar trabalhando aqui, como sou mãe solo e a minha filha é pequena, ainda depende muito de mim, só tem eu para olhar, para cuidar, para mim é mais vantajoso tá aqui perto, trabalhar aqui perto de casa, para cuidar dela na hora da doença, levar para escola, ir nas reuniões escolares, para mim é mais acessível, porque daí se eu trabalhasse em outro lugar renumerado teria que ser em Araguaina, pra isso eu teria que pagar transporte, alimentação e alguém que cuidasse dela e aí o salário não ia compensar (Eliane, 2024).

Assim, para Eliane o trabalho significou, mais do que nunca, a autonomia para a agricultora, principalmente em um momento em que ela passou a enfrentar o desafio de criar sua filha sozinha. Na condição de mulher e mãe solteira, Eliane nos mostra, a partir de sua experiência de vida, uma condição de mulher autônoma: agricultora e mãe solteira que buscou alternativas próprias para criar sua filha.

Nesse sentido, o trabalho dessas mulheres, garantem a sobrevivência da família, além de gerar renda e produtividade, logo o que fazem é fundamental na cadeia produtiva da mandioca e seus derivados, pois é a partir do seu trabalho que se faz produtos da cultura dessa comunidade como, farinha, polvilho entre outros que movem a economia local."Eu acho que meu trabalho é muito importante, porque é o que sei fazer e faço com amor. Meu pai fazia isso, ele me deixou essa herança e eu agradeço a ele todos os dias, faço com muito gosto" (Entrevistada, Alzenir, 2024).

Ao refletirmos sobre as memórias das trabalhadoras envolvidas nas farinhadas, adentramos o universo de suas percepções e experiências relativas às transformações no mundo do trabalho. Essas memórias, moldadas pelo tempo de lembrança, representam imagens do passado que são reinterpretadas à luz do presente, revelando como as mulheres enxergam sua trajetória, suas lutas, suas conquistas e suas identidades. As representações que elas constroem refletem suas visões de mundo, suas vivências diárias e aspectos de sua personalidade, muitas vezes marcadas por resistências. Para Cabral Filho (2004), essas representações são dinâmicas, estando em constante transformação à medida que as trabalhadoras se posicionam frente às mudanças sociais e econômicas contemporâneas. Para compreender de fato o significado dessas experiências, é fundamental ir além da simples análise dos níveis de escolaridade, atentando também às crenças, valores e tradições que as mulheres compartilham e que orientam suas ações diárias. Essas dimensões culturais são essenciais para entender como elas interpretam, resistem e se adaptam às mudanças em seu contexto de trabalho.

Nestes relatos, observamos que o ato de trabalhar vai além da simples necessidade econômica; se torna um ato de respeito às tradições familiares. As interlocutoras, ao olharem para o passado, criam um significado, ressignificam suas histórias e, por conseguinte, suas identidades.

A função da divisão social do trabalho não se resume a aumentar a produtividade e a eficiência, mas tem como "mais notável efeito" produzir o efeito moral de criar a solidariedade entre os membros da sociedade. (DURKHEIM, 1999, p. 27).

O autor ainda enfatiza que os efeitos morais da divisão do trabalho não consistem na geração de riqueza e na felicidade individual, mas na centralidade de

funções solidárias que asseguram a coesão social.

Nessa perspectiva, o autor sublinhou que a divisão do trabalho não é apenas econômica, mas produz regras de convivência. Quando as funções sociais se tornam interdependentes, a sociedade se fortalece pela solidariedade orgânica, que substitui a solidariedade baseada na similaridade e na cooperação direta. Assim, o valor moral da divisão do trabalho reside menos na produção de riqueza ou na satisfação individual e mais na integração social: cada função sustenta o conjunto e, por meio dessa interdependência, a coesão do grupo é preservada.

O trabalho, em suas diversas formas, desempenha um papel fundamental na vida dos indivíduos, proporcionando não apenas a subsistência, mas também um espaço de convivência e desenvolvimento pessoal. Para muitos, o local de trabalho se torna um ambiente onde se criam laços e se compartilham experiências. A nossa interlocutora Eliane expressa essa perspectiva de maneira tocante: “Eu gosto do que faço, gosto de trabalhar com mandioca, de estar com as outras mulheres, da rotina diária. É um trabalho cansativo, mas prazeroso.”

Para Durkheim, a divisão do trabalho nas sociedades capitalistas não pode ser explicada pela busca da felicidade individual nem pelo simples desejo de ampliar a produção econômica. A explicação do desenvolvimento social das sociedades modernas depende de um fenômeno distinto: a interação entre o volume e a densidade dos laços materiais e morais presentes na sociedade. Nesse sentido, ele enfatiza que os efeitos morais da divisão do trabalho não consistem em gerar riqueza ou satisfação pessoal, mas em tornar as funções solidárias mais formas de cooperação que asseguram a coesão social. Ao fazer isso, Durkheim também critica o individualismo utilitarista dos economistas e dos filósofos políticos ingleses, defendendo a necessidade de impor limites aos desejos egoísticos dos indivíduos e posicionando-se em oposição à ética liberal do século XIX

Essa perspectiva abre a porta para entendermos o que o trabalho representa para essas mulheres: um espaço de socialização e construção comunitária. O labor diário, embora repetitivo, é também um momento de confraternização e compartilhamento de experiências, onde a dor e o cansaço são aliviados pela camaradagem. As narradoras compartilham que, inicialmente, não acreditavam ter histórias significativas para contar. Esse sentimento de

insignificância é um eco das estruturas de opressão que historicamente marginalizaram o trabalho feminino. No entanto, ao compartilharem suas vivências, algumas reconheceram a importância de suas atividades. Assim como Dona Raimundinha relembra sua lida com a descascagem da mandioca:

Eu tenho 53 anos de idade. Eu era menina ainda quando comecei a descascar mandioca, eu ajudava meu pai em casa mesmo, é assim, em casa todos trabalhavam ajudando meu pai nas farinhadas, menos a mãe. Só que não era muita coisa, igual é hoje. Era as ⁷coisinhas, sabe, mas eu comecei menina ainda, me sinto bem aqui trabalhando sempre esperei que alguém escrevesse sobre a minha vida (Entrevistada, Raimundinha, 2024).

Dona Raimundinha compartilha sua experiência de vida, destacando como começou a trabalhar na descascagem de mandioca, ajudando seu pai nas farinhadas em casa. Ela reflete sobre a importância do trabalho em família e como, apesar das dificuldades, sempre se sentiu bem em suas atividades. Sua história revela um valor profundo nas tradições familiares e no esforço coletivo, e ela expressa o desejo de que sua trajetória seja reconhecida e registrada.

A dona Iranilde também expressa sua experiência no trabalho, mas revela que encontrou satisfação e pertencimento ao voltar a descascar mandioca com suas colegas. Essa atividade, além de ser uma habilidade, representa um retorno às suas raízes e à camaradagem que valoriza. Eu já fiz de tudo um pouco, trabalhei nas cozinhas alheias, fui babá, cozinheira, não me agradei de nenhum, gosto mesmo é de descascar mandioca, por isso voltei pra cá junto das minhas colegas, aqui aprendi e ensinei. (Entrevistada, Iranilde, 2024)

Isso revela um desejo intrínseco de ser vista, de fazer parte de uma narrativa mais ampla que considera não apenas o trabalho em si, mas a construção da identidade feminina.

A partir dessas memórias, podemos explorar os sentimentos de pertencimento de cada narradora em relação ao trabalho colaborativo na

⁷As coisinhas que dona Raimundinha se refere é sobre a produção da farinha que antes não era tão grande como é hoje ela quis dizer que eles produziam menos em menor quantidades e as demandas eram pequenas, além disso ela disse que as coisinhas pequenas se refere também aos poucos recursos, antes tinha que carregar água na cacimba para colocar a mandioca de molho, e também para outros afazeres e os equipamentos eram todos manuais.

descascagem da mandioca, que elas descrevem como participativo, efetivo ou, em algumas passagens, como uma forma de ajuda. Além disso, é possível compreender as relações sociais que se estabelecem nas comunidades, os modos de vida que prevaleciam durante o período pesquisado, bem como as características da região e da localidade. A religiosidade, por sua vez, acrescenta uma dimensão mais íntima à vivência de cada uma delas.

Podemos observar, a partir das narrativas, que o trabalho é fortemente marcado pelo saber transmitido de geração em geração. Ao relatar como aprenderam a trabalhar com mandioca, nossas colaboradoras apresentam seus conhecimentos de forma detalhada e didática, demonstrando a importância da prática na confecção da farinha. Como explica Bosi (2015), a memória do trabalho é tão viva que "[...] transforma no desejo de repetir o gesto e ensinar a arte a quem o escuta" (Bosi, p. 474). Essa expressão evidencia como a transmissão do conhecimento não apenas preserva técnicas tradicionais, mas também fortalece os laços culturais e o orgulho pelo ofício, perpetuando uma herança que vai além da simples execução da tarefa.

Em nossa primeira visita a campo explicamos com clareza os objetivos da pesquisa, após as mulheres entenderem o que realmente estaríamos fazendo ali, elas começaram a compartilhar suas histórias. Muitas falavam que não tinham nada importante para dizer, mas uma delas adiantou que sempre esperou que alguém escrevesse sobre a vida dela, ainda disse que nem todos enxergam o trabalho delas que para ela, trabalhar era sinônimo de vida e resistência.

Nos relatos, a forma como elas vê o trabalho está muito ligada às suas heranças culturais. As mulheres descendentes de migrantes, independentemente da situação financeira ou familiar, viam o trabalho fora de casa como uma etapa essencial na transição para a vida adulta. Trabalhar era como ir à escola, onde era preciso ter um bom desempenho e respeitar as regras. Para elas, mesmo sem receber salário, trabalhar significava buscar condições melhores para suas famílias.

Sentada em um tronco de madeira, entre conversas, risos e a companhia de um grupo de entrevistadas, foi possível observar que a atividade de descascar mandioca funciona como uma forma de terapia para elas. Em determinado momento da roda de conversa, uma das mulheres compartilhou que enfrenta episódios de

ansiedade e que, ao descascar a mandioca e interagir com as demais, consegue acalmar sua mente. Aproveitando o clima descontraído criado pelo ambiente, quase todas as participantes ficaram mais a vontade, fazendo desabaços sobre os desafios enfrentados em casa, além de questões "internas" ou "subconscientes", como uma delas expressou. Essa dinâmica revela o potencial terapêutico do momento de compartilhamento e da atividade manual, promovendo bem-estar emocional e fortalecimento dos laços comunitários.

Às vezes, a gente enfrenta crises de ansiedade, e eu também já passei por isso aqui no meio da nossa rotina. Quando a gente não vem pra cá, trabalhar, aí é que sentimos mal. Aqui tem esses momentos bons onde conversamos e nos distraímos. Não é só eu que lido com esse problema de ansiedade, aqui é quase todas nós. Tem dias que não conseguimos dormir à noite, e quando chegamos aqui, aproveitamos para compartilhar o que estamos sentindo, aí vai melhorando (Dheime Aparecida (Cida), 2024).

A ansiedade descrita pela interlocutora decorre, além do acúmulo de tarefas domésticas, de diversos gatilhos no ambiente de trabalho e na vida cotidiana. Pressões, prazos, metas, avaliações e medo de errar, aliados à insegurança sobre o controle das próprias responsabilidades, podem piorar o quadro. Perturbações do sono, alimentação irregular, cansaço físico e questões emocionais ou familiares também contribuem, bem como o estilo de comunicação e o clima organizacional (falta de apoio e estigma para falar de saúde mental) e a exposição contínua a situações estressantes sem descanso. Para muitas mulheres, a sobrecarga é ainda maior pela soma de tarefas domésticas e trabalho fora de casa. O que a fala de Cida mostra é que o ambiente de trabalho pode atuar como rede de apoio emocional: espaços para conversar, compartilhar experiências e ouvir os outros ajudam a normalizar o que se vive, reduzir o isolamento e, muitas vezes, a ansiedade. Reservar momentos de diálogo e convivência pode trazer alívio, clareza mental e sensação de pertencimento. A fala da Cida destaca uma experiência comum entre muitas pessoas: a luta contra a ansiedade e a importância do ambiente de trabalho como um espaço de apoio emocional. Ela reconhece que a ansiedade pode ser debilitante e que, mesmo em um ambiente profissional, é possível enfrentar esses desafios. Ao compartilhar sua vivência, Cida também enfatiza a importância da conexão e do apoio mútuo entre colegas, sugerindo que a interação social e a troca

de experiências podem ser um alívio significativo para o que estão passando. Além disso, a fala da interlocutora ressalta a ideia de que o trabalho não é apenas uma obrigação, mas também um espaço de socialização e cuidado emocional. O fato de mencionar que "quase todas nós" lidam com a ansiedade sugere que essa é uma questão coletiva, o que pode ajudar a desestigmatizar o problema e encorajar outras pessoas a falarem sobre suas próprias lutas.

Por fim, a maneira como Cida expressa que se sente melhor ao compartilhar seus sentimentos indica a importância da empatia e do suporte emocional no ambiente de trabalho. Isso pode criar um clima mais saudável e colaborativo, onde todos se sintam à vontade para discutir suas dificuldades e buscar ajuda. A renda tirada aqui não é o suficiente para o sustento da minha família, eu recebo a diária daqui, a pensão da minha filha e o auxílio do governo, o bolsa família, sou mãe solo.

Ao analisarmos o trabalho dessas mulheres, é importante destacar a dupla dimensão do trabalho discutida por Ecléa Bosi (2015), que dialoga profundamente com as experiências das camponesas. A primeira dimensão envolve uma série de movimentos do corpo que penetram na vida psicológica: o período de treinamento, repleto de exigências e receios, e a longa fase de prática, que se mistura ao cotidiano do trabalho. Para as mulheres, esse trabalho muitas vezes é uma continuidade da vida, uma forma de sustento e de identidade que se envoluta ao seu ser mais profundo.

De acordo com Bosi (2015), também destaca a importância da significação subjetiva do trabalho, que se torna parte da essência da vida dessas mulheres. O trabalho não é apenas uma atividade econômica, mas uma expressão de resistência, cuidado e amor pela terra e pela família. A memória do trabalho, especialmente quando revivida em lembranças de momentos de maestria e dedicação ao ofício, adquire um significado mais profundo, revelando a força, o orgulho e a história de vidas construídas no campo.

As mulheres camponesas desempenham um papel fundamental na construção de suas comunidades, carregando não apenas a experiência diária do trabalho no campo, mas também uma memória de lutas e resistência que moldaram suas identidades ao longo do tempo. Sua trajetória revela a força e a dignidade que

encontram na terra e na cultura de seus povos, enquanto enfrentam desafios e situações de exploração. Nesse contexto, apresentamos a fala da interlocutora Eliane "Considero o meu local de trabalho muito importante, além de ser uma cultura do nosso povoado, é um trabalho tão importante quanto qualquer outro, porque dá renda pra gente" Eliane compartilha suas percepções sobre a relevância do seu trabalho, suas conquistas e as dificuldades que enfrenta, oferecendo uma perspectiva valiosa sobre a complexa realidade dessas mulheres e suas vidas no campo.

Nas memórias das nossas interlocutoras, a descascagem de mandioca nas casas de farinha são representadas e ultrapassam sua atuação meramente profissional, transformando-se em uma interação entre mulheres que estabelecem, por meio dessa prática, laços de solidariedade. O passado delas mulheres muitas vezes é visto como um tempo de lutas, dificuldades e vidas árduas. Elas refletem sobre um tempo de sofrimento e amargura, lembrando de tudo o que enfrentaram ao longo de suas jornadas. Como diz Eliane, "a vida não foi boa pra nós", o que revela a força dessas mulheres. Apesar de tantas experiências difíceis, elas continuam a lutar e a preservar suas histórias, mostrando uma coragem admirável. Assim, suas trajetórias nos ensinam que, mesmo diante das adversidades, a esperança e a resistência são fundamentais para seguir em frente e construir um futuro melhor.

3.4 “Aqui não temos nenhum direito, só a diária que recebemos mesmo, Nada mais! E tchau, tchau”

Tomando como ponto de partida a fala de dona Raimundinha nos aponta para o fato de que:

Aqui não temos nenhum direito, só a diária que recebemos mesmo, Nada mais! E tchau, tchau. Não temos direito a nada, nada. O único direito garantido é as dores nas costas, essa é desde quando eu carregava água do ribeirão nas latas na cabeça, colocava uma rudia na cabeça e passava de manhã para meio dia carregando água (Entrevistada, Raimundinha, 2024).

No trecho mencionado, a interlocutora expressa uma profunda insatisfação

e desilusão com sua condição de trabalhadora, colocando em evidência a precariedade de sua situação. Na fala “Aqui não temos nenhum direito, só a diária que recebemos mesmo, nada mais! E tchau, tchau.” É um retrato agudo da exploração e da falta de garantias trabalhistas que permeiam a vida das descascadeiras de mandioca, de forma contundente, essa é uma realidade enfrentada por muitas dessas mulheres trabalhadoras em situações precárias, revelando uma crítica profunda à ausência de direitos e à desumanização que permeia sua rotina. Ela expõe a precariedade de sua situação laboral, onde o que deveria ser garantido por lei e ética, como direitos trabalhistas, segurança e dignidade, se transformou em uma mera troca de esforço por uma diária básica. Nela, há um sentimento de indignação combinado com uma crítica social contundente. A utilização do "tchau, tchau" no final pode ser interpretada como um fechamento abrupto uma espécie de despedida que sugere que não há esperança de mudança ou melhora na sua condição. A trabalhadora se vê refém de um sistema que não lhe oferece nada além do básico, o que revela a dura realidade enfrentada por muitas mulheres que, em busca de sustento, muitas vezes precisam aceitar condições desumanas de trabalho.

Sua menção às "dores nas costas" não é apenas uma queixa física, mas um simbolismo das cicatrizes que a exploração de classe deixa. Este relato aponta para uma luta contínua e histórica das classes trabalhadoras, que, desde a infância, já enfrentavam a dura realidade de carregar água do ribeirão, reflete não só um acúmulo de esforço e sacrifício, mas também a falta de reconhecimento e valorização pelo trabalho árduo realizado.

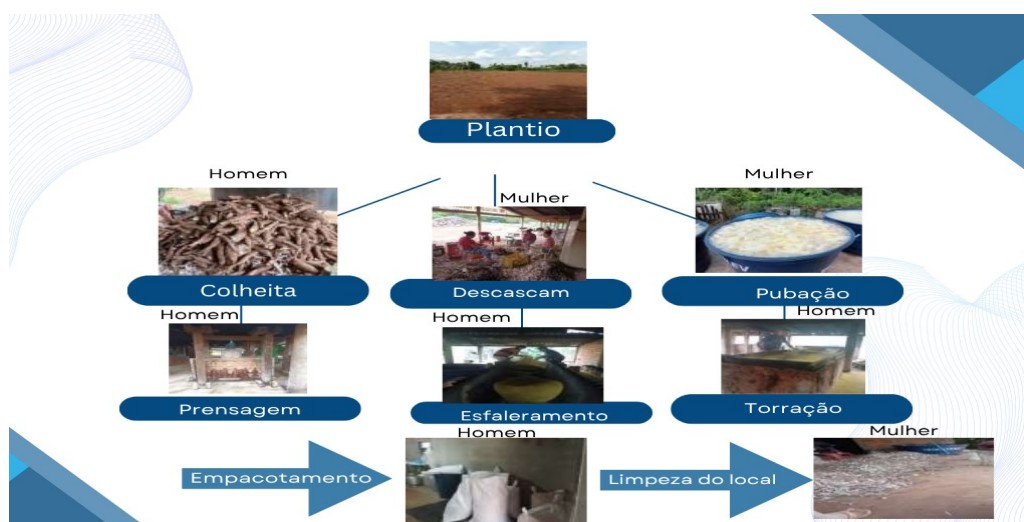
Assim, é possível argumentar que a fala de Dona Raimundinha (Entrevistada, 2024) é um chamado à consciência social sobre a urgência de se discutir e promover Direitos Humanos e Trabalhistas, estabelecendo a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre, como a sociedade valoriza diferentes formas de trabalho e quais são os mecanismos que perpetuam essa desigualdade. Dona Raimundinha representa, não só sua realidade individual, mas a voz coletiva de muitos que, como ela, lutam por dignidade e direitos fundamentais. A sua experiência deve servir como um impulso para a mobilização social e a reivindicação de um tratamento justo e humano no ambiente de trabalho.

Esse relato é também um chamado à reflexão sobre a invisibilidade e a falta de reconhecimento do trabalho feminino, especialmente em atividades que, embora essenciais, são frequentemente marginalizadas e desvalorizadas. A força da voz da interlocutora, mesmo em meio à impotência, ecoa a luta coletiva por direitos e dignidade, revelando a necessidade urgente de uma mudança nas estruturas que perpetuam a desigualdade e a exploração.

As tarefas nas casas de farinhas são divididas da seguinte forma: a mulher é responsável pela descascagem, limpeza das raízes e higienização da casa de farinha, o homem rala, prensa, peneira e torra. Observa-se, que na etapa da raspagem o homem não participa dessa ação, configurando, que o trabalho de descascar a mandioca é inferior na engrenagem do trabalho com a produção da farinha.

A Figura 17 ilustra a distribuição das atividades relacionadas à produção de farinha, segregando-as por gênero. A representação visual evidencia as diferenças na participação de homens e mulheres em cada etapa do processo produtivo. Observa-se que, em algumas fases, há uma predominância de um gênero específico, sugerindo possíveis desigualdades ou especializações tradicionais dentro da cadeia produtiva.

Figura 17 - Divisão das atividades da produção de farinha por gênero



Fonte: Sousa (2024)

O processo das atividades por gênero são, Mulheres: Descacamento, limpeza das

raízes, colocam a mandioca para pubar e faz a higienização da casa de farinha. Enquanto as atividades desenvolvidas pelos homens são: Plantio, Colheita, trituração, prensagem, esfarelamento, torração, Empacotamento.

Essa organização do processo de trabalho visa explicar como é feito a divisão de trabalho e da forma com que as descascadeiras de mandioca contribuem com despesas de casa e o papel do homem nessa engrenagem. Assim, a análise da rotina de trabalho desses produtores é dividida em várias etapas até chegar ao produto para ser distribuídos ao mercado consumidor, ainda demonstrando que as raspadeiras, além de realizar os afazeres de casa conseguem desenvolver várias funções nas casas de farinha para garantir a qualidade do produto fabricado. Portanto, mesmo com avanço da tecnologia possivelmente não haverá substituição do modo de produzir tradicionalmente a produção da farinha. As qualidades de seus produtos que é realizado de forma artesanal com muita dedicação por parte dessas mulheres. Neste sentido, há de se destacar que há uma demanda por trabalho braçal na produção da farinha com uso da força de trabalho da família, que envolve o homem e a mulher. Por outro lado, dada a baixa inserção em setores empresariais, sem a criação de uma marca que demanda uma agregação de valor na farinha, os rendimentos não são limitados aos trabalhadores, em sua maioria diaristas.

Ainda na escuta dos relatos das mulheres sobre a vida cotidiana nos contara, que recebem uma diária de R\$50,00 cinquenta reais, as que são casadas disseram que os esposos que não trabalham na roça são empregados em Araguaína e elas ficam por conta do trabalho fora e dos afazeres domésticos. Todas elas relataram que não conseguem dormir por conta de dores nas costas, nas juntas das mãos, nas pernas e sofrem de ansiedade, na maioria das vezes tomam remédios para dores e fazem uso de remédios controlados para ansiedades. Disseram também que daqui mais uns anos não vão conseguir desenvolver esse tipo de trabalho e que as jovens não querem, preferem saírem para estudar fora, e que elas como mães, tias e avós preferem que os filhos estudem do que desenvolver esse tipo de trabalho.

Quando nos relataram que recebem uma diária de 50,00 cinquenta reais, essa informação já mostra o baixo valor que elas recebem pelo trabalho, o que

provavelmente não é suficiente para cobrir todas as necessidades básicas. Isso evidencia uma situação de vulnerabilidade econômica, comum em trabalhos informais ou rurais, onde a remuneração muitas vezes não reflete o esforço ou o risco envolvidos. *As que são casadas disseram que os esposos que não trabalham na roça são empregados em Araguaína e elas ficam por conta do trabalho fora e dos afazeres domésticos*, essas falas revelam uma divisão de tarefas desigual e responsabilidades bastante tradicional, onde a mulher assume a maior parte do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos, mesmo que o marido tenha uma ocupação fora da roça. Além disso, mostra que o marido tem um emprego em uma cidade próxima, o que pode indicar uma busca por melhores condições de vida, mas ainda assim, a carga de trabalho sobre as mulheres permanece alta. Todas elas relataram que não conseguem dormir por conta de dores nas costas, nas juntas das mãos, nas pernas e sofrem de ansiedade, na maioria das vezes tomam remédios para dores e fazem uso de remédios controlados para ansiedades."

Percebe-se o impacto físico e emocional do trabalho intenso que realizam. As dores físicas são comuns em trabalhos manuais pesados, mas o fato de usarem remédios controlados para ansiedade indica que o estresse e a pressão emocional também são grandes. Isso aponta para uma situação de saúde precária, que pode se agravar sem apoio adequado. É preocupante que, além do esforço físico, elas enfrentem problemas de saúde mental, muitas vezes invisíveis, mas igualmente graves. Disseram também que daqui mais uns anos não vão conseguir desenvolver esse tipo de trabalho e que as jovens não querem, preferem sair para estudar fora, e que elas como mães, tias e avós preferem que os filhos estudem do que desenvolver esse tipo de trabalho. Aqui, expressam uma preocupação com o futuro, reconhecendo que a idade e o desgaste físico vão limitar sua capacidade de trabalhar na roça. Além disso, percebem uma mudança de valores nas gerações mais jovens, que preferem estudar a seguir o mesmo caminho. Como mães, tias e avós, elas demonstram uma preocupação legítima com o bem-estar e o futuro das próximas gerações, valorizando a educação como uma forma de melhorar de vida. Essa fala também revela uma certa esperança de que as novas gerações terão possibilidades diferentes das que tiveram. Suas oralidades retratam a realidade de muitas mulheres rurais que vivem uma rotina exaustiva, marcada por trabalho

pesado, pouca remuneração, problemas de saúde e uma preocupação constante com o futuro. É importante reconhecer a força dessas mulheres, que, apesar das dificuldades, demonstram preocupação com o bem-estar das próximas gerações e valorizam a educação como uma esperança de mudança. Essas histórias merecem atenção e ações que promovam melhores condições de trabalho, saúde e oportunidades para essas comunidades.

As mulheres camponesas descascadeiras de mandioca ganham pela quantidade de mandioca que descarregam, quem descarrega mais, ganha mais. Por essa razão, procuram não perder tempo com distrações durante o período de trabalho, pois têm consciência de que uma pequena distração pode reduzir sua renda no final de semana. A vida dessas mulheres gira em torno da casa de farinha. Ao mesmo tempo em que descrevem o cansaço e os desafios do dia a dia, elas se sentem satisfeitas por terem esse meio de sobrevivência, especialmente porque, em outras comunidades é mais difícil obter um trabalho fixo.

4. CASA DE FARINHA: ONDE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA DE MULHERES CAMPONESAS SE ENCONTRAM

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. (Bosi, 1994, p. 55).

A reflexão de Ecléa Bosi nos convida a compreender a memória não como um simples ato de recordar passivamente, mas como um processo ativo de reconstrução e reinterpretação do passado. Ao afirmar que lembrar é, na maior parte das vezes, refazer e repensar experiências com as lentes do presente, ela destaca a natureza dinâmica e criativa da memória, que exige esforço e trabalho para dar sentido às nossas histórias.

Esta sessão introdutória tem como propósito reexaminar a trajetória histórica da população brasileira, destacando o processo entre a mandioca e as origens das Casas de Farinha. A produção de farinha é profundamente interligada à história do Brasil, iniciando com as práticas agrícolas familiares dos povos indígenas e, posteriormente, evoluindo para os interesses comerciais que surgiram com a chegada dos europeus. Ao longo do tempo, esses interesses foram se

adaptando, moldados pelos diversos fatores socioeconômicos que os influenciavam.

A proposta é delinear um panorama dos primeiros indícios da desarticulação do trabalho familiar, entendida como um reflexo da transição entre modos de produção não capitalistas. Nos estágios iniciais desse processo, os interesses mercantis, impulsionados pela infiltração do capital e pela acumulação primitiva, reconfiguraram o uso do território. Esse avanço na dominação acelerou a transformação das dinâmicas sociais, inicialmente sob o controle dos colonizadores e, posteriormente, através de outros movimentos que também contribuíram para a desestabilização do trabalho familiar, considerado um modo fundamental de produção da vida.

Nesse contexto, a diversidade de experiências vivenciadas na casa de farinha evidencia momentos significativos dentro da Comunidade. Um exemplo disso é o relato da interlocutora Dheime, que compartilha uma lembrança especial associada a esse espaço:

A maior alegria que eu tive aqui foi quando meu filho nasceu. Eu tive ele trabalhando aqui, trazia a redinha dele e atava ali debaixo do pé de manga, quando íamos embora tava todo picado de mosquito, fazia dó. Foi um sofrimento, e uma felicidade ao mesmo tempo, por ter meu filho e está trabalhando para sustentar ele. Isso nunca será esquecido. (Dheime Aparerida, descascadeira de mandioca, 41 anos).

A partir do relato acima, podemos entender que a casa de farinha é, antes de tudo, um espaço de vida, onde o ser humano vivencia a experiência da superação cotidiana por meio da convivência familiar. Nesse ambiente, é reproduzido o legado mais importante deixado pelos pais, que será transmitido aos filhos ao longo de suas vidas: a prática de fazer farinha.

Assim, surge a necessidade de preservar esse elemento identitário da cultura, especialmente diante das transformações sociais, econômicas e ambientais que podem impactar sua sustentabilidade para as gerações futuras. Falar do trabalho das mulheres nas casas de farinhas é conseqüentemente, falar da própria história de vida delas, pois faz alusão à relação que Rosa (2012, p. 99) estabeleceu entre o camponês e a terra, afirmando que “o camponês não tem clareza de onde termina a terra e onde começa o seu ser, sendo e se vendo ao mesmo tempo como terra e indivíduo”. Podemos considerar que essa relação se revela na experiência

dessas mulheres da comunidade do povoado Floresta com a casa de farinha, a qual, para muitos, é entendida como o lugar de vida e de perpetuação de um saber que se transmite de geração para geração.

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória (Pollak, 1989, p. 5).

Segundo as palavras de Pollak 1989, a memória não é apenas uma recordação individual ou física da vida de uma pessoa, mas também é uma construção social e coletiva que é influenciada pelo momento presente em que ela é evocada. Ou seja, nossas lembranças são moldadas pelo contexto emocional, social e histórico em que as expressamos. Além disso, ele reforça que a memória é uma ferramenta fundamental na construção da história, especialmente quando se trata de experiências de grupos sociais, como as mulheres descascadeiras de mandioca. Essas memórias compartilhadas não apenas preservam suas experiências de trabalho, resistência e luta, mas também ajudam a formar uma identidade coletiva que desafia a invisibilidade e o esquecimento.

Para mim, essa reflexão reforça a importância de valorizar e escutar as vozes dessas mulheres, reconhecendo que suas experiências não são apenas relatos pessoais, mas parte de uma narrativa maior que contribui para a compreensão do passado e para a valorização de suas contribuições na história. No caso das descascadeiras de mandioca, suas experiências compartilhadas de trabalho, luta e resistência são fundamentais para a construção de uma identidade coletiva. Essas memórias, além de serem importantes para o reconhecimento das contribuições dessas mulheres, também servem para a construção de uma narrativa histórica que desafia a invisibilidade que muitas vezes estão sujeitas.

As memórias das mulheres que experienciam o ofício nas casas farinhas nos levam ao universo de suas representações sobre as transformações no mundo do trabalho. Essas representações emergem de uma relação profunda com o tempo de recordação, apresentando imagens do passado que são reinterpretadas à luz do presente, permeando a memória.

A memória torna o passado significativo, o mantém vivo e o torna uma parte essencial da orientação cultural da vida presente. Essa orientação inclui uma perspectiva futura e uma direção que molde todas as atividades e sofrimentos humanos. A história é uma forma elaborada de memória, ela vai além dos limites de uma vida individual. Ela trama as peças do passado rememorado em uma unidade temporal aberta para o futuro, oferecendo às pessoas uma interpretação da mudança temporal. Elas precisam dessa interpretação para ajustar os movimentos temporais de suas próprias vidas. (Rusen, 2009, p. 164).

Elas refletem a maneira como os trabalhadores percebem seu entorno, suas vivências e aspectos de sua identidade. Cabral Filho (2004) destaca a dinamicidade dessas representações, que estão em constante evolução à medida que uma nova consciência contemporânea se forma. As experiências dos indivíduos constituem a essência das representações sociais, e para compreendermos as ações desses sujeitos nesse contexto é essencial transcender as limitações impostas pelos seus níveis educacionais. É igualmente importante “[...] considerar a especificidade das crenças e valores que são comumente compartilhados, pois estes são fundamentais na ação e no comportamento dos indivíduos” (Filho, 2004, p. 32).

As lembranças são recuperadas por meio de imagens que são moldadas pela nossa experiência presente, durante o processo de criação e reconstrução da memória. Nesse contexto, Cabral Filho (2004) afirma que a memória passa a ter um significado de herança, sendo transmitida de geração em geração, ampliando seu alcance aos que a recebem. A elaboração da memória ocorre por meio da transmissão de lembranças, porém, esse processo “[...] está relacionado ao momento em que as lembranças estão sendo expressas: as circunstâncias deste momento influenciam diretamente na estruturação da memória.” (CABRAL FILHO, 2004, p. 29).

Por sua vez, o autor também aponta que a memória possui um caráter seletivo, uma vez que ela é resultado de um trabalho de organização, dependendo do contexto ou da situação em que as lembranças são evocadas. Nesse mesmo sentido, Ecléa Bosi (1998) interpreta a memória como um esforço consciente de refazer as experiências passadas a partir de ideias e imagens do presente. Ela afirma que “A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 2015, p. 55). A construção da memória se dá com os elementos do momento atual, sempre partindo de um presente específico. Assim, ao recordarmos algo, a imagem que surge do passado

nunca é exatamente a mesma que foi vivenciada, por mais nítida ou parecida que seja, pois mudanças ocorrem em nós: adquirimos novas percepções, visões de mundo e valores ao longo do tempo.

4.1 Condições de vida das mulheres camponesas descascadeiras de mandioca

O barulho das facas descascando as mandiocas misturadas ao canto dos pássaros preenche o ar logo bem cedinho, é como se ouvisse a trilha sonora principal do local. O som ritmado das lâminas cortando as raízes e o chilrear alegre das aves criam uma sinfonia matinal que ressoa em cada canto do pequeno povoado. O aroma doce e terroso das mandiocas frescas se mistura ao frescor da brisa, enquanto os primeiros raios de sol começam a iluminar os campos.

Nesse dia quando cheguei na casa de farinha já encontrei essas tres mulheres no processo de descascagem de mandioca, era por volta das 14h15min, me disseram que iam até as 21h para poder terminar no outro dia.

Figura 18 - Mulheres descascando mandioca



Fonte: Sousa (2024)

As mulheres saem de suas casas, e as conversas se juntam com a melodia

da natureza. A tranquilidade do momento é quebrada apenas pelo riso das crianças que brincam ao redor, formando um quadro encantador que traz à mente a simplicidade e a beleza do cotidiano. É um cenário que, mesmo repetido dia após dia, nunca deixa de encantar e aquecer o coração. Entre conversas animadas e risadas, essas mulheres se divertem, rindo e lembrando das histórias que acompanham aquele trabalho que, até hoje, é duro para elas. Enquanto elas se divertem com as histórias relembradas, os risos soltos, pingando de suor o monte de mandioca vai diminuindo aos poucos.

As mulheres que atuam nas casas de farinha iniciam a atividade de descascar mandioca ainda na adolescência, muitas vezes antes dos 18 anos. Além disso, uma parte considerável das descascadeiras, quase 50%, está na faixa etária de 25 a 65 anos. Elas dedicam suas vidas a um trabalho insalubre, enfrentando condições sanitárias inadequadas e sem acesso a momentos de lazer, devido à carga horária exigida, que será discutida a seguir.

Esta descrição nos convida a explorar o fascinante universo da produção farinheira, por meio das valiosas recordações das agricultoras que trabalharam nas casas de farinha. Conhecidas também como “fornos de farinha” no povoado Floresta, esses espaços de produção compartilham diversas semelhanças, desde a configuração física até os instrumentos e utensílios utilizados pelas trabalhadoras.

Ao observarmos a fotografia percebemos que as condições de trabalho dessas mulheres nas casas de farinha são permeadas por muitas inconsistências, onde não oferece nenhum tipo de facilidade ou conforto. Elas passam horas sentadas no chão batido, troncos de madeiras ou em pequenos tamboretos para rasparem uma quantidade enorme de raízes de mandioca. As atividades realizadas por elas não são tão simples ou fáceis como imaginamos. Se observarmos as expressões faciais, corporais, posturas, musculaturas, percebemos que é empregada força para descascar a dura raiz como mostra a figura. 1. Talvez o processo de descascar uma ou duas raízes não seja tão difícil como realizar essa ação por muitas vezes repetidamente dependendo de força e condicionamento físico.

Abaixo as imagens de alguns utensílios que elas utilizam na descascagem da mandioca. A faca que segundo elas são trazidas de casa, pois, o proprietário não fornece, cada uma tem que ter a sua, um retalho de pano para apoiar a

mandioca depois de despontada para não sujar.

Figura 19 - Faca ponteaguda utilizada para descascar mandioca



Fonte: Sousa (2024)

Figura 20 - Retalho de pano para apoiar a descascar mandioca depois de despontada



Fonte: Sousa, Sinhá, Rosaldina (2024).

À medida que mergulhamos nessa narrativa, somos levados a apreciar não apenas as práticas tradicionais, mas também a rica história cultural que permeia esses locais emblemáticos. Silva (2008) explica que o trabalho nas casas de farinha representa, além de mão-de-obra, um indício da interação desenvolvida entre se ou entre outros participantes em torno da produção” (Silva, 2008.p. 244). Assim como relata dona Eliane (2024):

Gosto do trabalho com mandioca, gosto da companhia das outras mulheres, gosto da rotina diária. É um trabalho cansativo ao mesmo tempo prazeroso, aqui a gente conversa, fala um pouco da vida da gente, é repetitivo né, todo dia você tem que fazer a mesma coisa: descascar, levar as cascas, colocar as mandiocas de molho, mas é muito bom.

Podemos perceber em sua fala a intensidade da interação e do diálogo existente entre as pessoas durante a descascagem de mandioca, uma maneira que expressa a sensação de uma jornada de trabalho até mais curta, pois “de repente o dia ia se embora”. As conversas, as atualizações sobre assuntos cotidianos, as histórias e as lembranças transformam a casa de farinha em um “palco para a socialização” (Silva, 2008, p. 244), onde o ofício e a interação se entrelaçam.

Nesse sentido, é evidente que as interações mútuas e os diálogos entre as camponesas estão profundamente ligados ao seu cotidiano, criando um ambiente de trabalho agradável. Essas memórias ilustram como a socialização contribui para tornar o trabalho mais leve e prazeroso. Nessa mesma perspectiva, dona Raimundinha (Entrevistada, 2024) que trabalha em outras casas de farinha, nos fala a respeito da interatividade existente nas farinhadas:

O momento da descascagem da mandioca aqui é animado, nós põe os papos em dias, canta, conta histórias, fala de quem já morreu, discutimos de tudo um pouco, relembramos os velhos tempos e fazemos graças uns com os outros e assim o tempo vai passando e nós vence os montes de mandioca que estão expostas em nossa frente.

Quando penso na construção da memória, percebo que ela acontece por vários caminhos diferentes. É como se fosse um movimento que envolve a liberdade do nosso espírito, que se depara com a matéria, os momentos de sonho e imaginação — aquilo que chamo de memória-sonho. Ao mesmo tempo, ela também é moldada pelos contextos sociais em que estamos inseridos, pelas pessoas ao nosso redor, pelos costumes e pelas tradições que nos delimitam — a memória-trabalho. E, claro, tudo isso passa por várias mediações ao longo do tempo, que vão formando quem somos e o que lembramos. É por isso que, ao ouvir o psicólogo (William Stern apud Bosi, 1994, p. 68) dizer que “a lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivência”, entendo que nossa memória é, na verdade, uma narrativa pessoal que revela nossa relação com o mundo e nossas experiências.

Lembro de uma cena simples, como a de descascar mandioca, e como ela

transmite uma sensação de conexão, alegria e tradição. Essas ações cotidianas, que parecem tão simples, se transformam em momentos de convivência e afeto. É nesses instantes que a gente fortalece laços, mantém viva a cultura local e valoriza nossas raízes. Conversar, rir, contar histórias durante uma atividade como essa faz com que o trabalho se torne uma oportunidade de criar memórias especiais, que carregam nossos valores e tradições. Acredito que preservar esses momentos é fundamental, porque eles enriquecem nossa história e reforçam o sentimento de comunidade. São essas pequenas ações do dia a dia que, juntas, constroem uma memória coletiva cheia de significado e afeto.

Certamente! As narrativas que envolvem conversas, causos e cantorias são expressões culturais importantes que muitas vezes surgem como uma forma de resistência e alívio diante das duras realidades do trabalho rural. Nas farinhadas e em outros contextos de trabalho agrícola, esses momentos de sociabilidade e diversão não só proporcionam um escape temporário das intensas jornadas, mas também fortalecem os laços comunitários.

Essas manifestações culturais servem para preservar tradições, transmitir histórias, valores e saberes populares, além de promover a identidade coletiva. A música e a oralidade, nesse contexto, tornam-se não apenas formas de entretenimento, mas também meio de expressar sentimentos, emoções e experiências compartilhadas, criando um espaço onde as dificuldades do cotidiano podem ser mitigadas, pelo menos por um tempo.

Além disso, os cantares e as narrativas refletem a criatividade dos trabalhadores em transformar a luta diária em arte, ressaltando a capacidade humana de resistência e adaptação diante das adversidades. Essa troca de histórias e melodias é um testemunho da vida em comunidade e do poder da cultura como uma forma de enfrentamento dos desafios impostos pelo trabalho duro e pela exploração. Nessa perspectiva, percebamos que a 'descontração' acontecia durante as etapas da descascagem da mandioca, não havendo necessariamente uma separação entre trabalho e pequenas diversões, rompendo com a lógica de uma sociedade burguesa (Souza, 2006) na qual muitas vezes trabalho e diversão estão relacionados no cotidiano dos trabalhador e a falta de registros escritos sobre a vida cotidiana das descasdeiras de mandioca motivou a escolha da história oral como

método para captar as práticas e representações que permeiam o seu cotidiano. A oralidade se apresenta como um caminho eficaz para compreender as dinâmicas do dia a dia, sem desconsiderar a ideia de totalidade, que é o objetivo principal do historiador.

Durante a pesquisa, ficou evidente que as mulheres envolvidas na descasca de mandioca pertenciam a diferentes contextos culturais, tornando qualquer generalização inviável. Ao lidarmos com culturas distintas, enfrentamos diferentes narrativas históricas. Assim como a escrita histórica não recria o passado, mas o narra de uma forma específica, a história oral busca reinterpretar a realidade sem pretender estar mais próxima das experiências vividas.

O afeto pelo trabalho como descascadeiras de mandioca se constrói cotidianamente, permeando as relações familiares e a cultura local. Esse carinho e respeito pela profissão são transmitidos de geração em geração, como uma herança cultural que valoriza os conhecimentos e os saberes femininos. Para as descascadeiras de mandioca, a descascagem da mandioca para a produção da farinha é muito mais do que um alimento; representa o sustento da família e a força de suas tradições. Assim, mergulhar nas narrativas dessas mulheres é desvendar não apenas suas lutas, mas também o amor e a sabedoria que envolvem o trabalho com a mandioca, essencial para a sobrevivência e a identidade de suas comunidades.

A história das mulheres descascadeiras de mandioca é marcada por uma rica tapeçaria de resistências e lutas que refletem sua força e resiliência ao longo do tempo. Apesar de enfrentarem desafios, como a desvalorização de seu trabalho e a falta de reconhecimento, elas desenvolvem seu trabalho valorizando suas tradições, tornando-se um símbolo de luta e afirmação de identidade.

Argumenta-se, entretanto, que a identidade da mulher vai se constituindo culturalmente na ideia e em discursos baseados a história oficial, que viola a liberdade do seu protagonismo, por não serem consideradas sujeitas históricas, sendo tratadas como inferior ao sexo masculino, esse discurso vai se fortalecendo e sendo vivenciado na experiência pós-colonial, pois, segundo o que nos afirma Lima, (2019, p. 52):

Ao falar de mulheres colonizadas, não nos referimos apenas às que viveram na época colonial, mas também às que, após esse período, continuam sofrendo as consequências da violência simbólica, cultural e política da colonização sobre seus corpos, vidas e processos de formação, enfrentando racismo, patriarcado e inferiorização, especialmente nas antigas colônias europeias na América do Sul, África e Ásia. É importante também contextualizar essa luta considerando a diferença entre sociedades modernas e tradicionais.

Nas concepções trazidas por Hall (2006), a sociedade moderna é diferenciada da sociedade tradicional devido a primeira sofrer mudanças constantes, rápidas, permanentes, envolvidas com a globalização que coloca a frente com o diferente, no qual a mulher possui múltiplos papéis, mãe, esposa, administradora do lar, profissionais de diferentes áreas de atuação; enquanto na segunda o passado é reverenciado, os símbolos se mantêm vivos, os saberes tradicionais se fortalecem continuamente entre as gerações, a mulher também assume diferentes papéis: mãe, esposa, cuidadora do lar, trabalhadoras, colaboradoras em diferentes espaços. Mesmo tendo clareza da diferenciação entre a sociedade moderna e tradicional, ainda é muito forte a ideologia de um sistema patriarcal em que as decisões do homem são determinantes. Então, é fato que em sociedades tradicionais os saberes e fazeres, envolvendo o papel da mulher, são reafirmados para a posteridade através das práticas intergeracionais, vivenciadas no cotidiano, como forma de dar continuidade ao legado de saberes e fazeres. Por isso que tradicionalmente as crianças participam ativamente das atividades com seus familiares, como parte do processo educativo, formativo.

É perceptível na fala de Farias (2014) que apesar das conquistas de espaço no mundo do trabalho, ainda é necessário a continuidade dessa luta pelo respeito e reconhecimento das mulheres em comunidades tradicionais, onde desempenham culturalmente papéis fundamentais que garantem a sobrevivência da família, exercendo uma diversidade de atividades.

O trabalho dessas mulheres, garantem a sobrevivência da família, além de gerar renda, e produtividade, logo o que fazem é fundamental na cadeia produtiva da mandioca e seus derivados, pois é a partir do seu trabalho que se faz produtos da cultura dessa comunidade como farinha, polvilho entre outros que movem a economia local.

Federici (2014) argumenta que o trabalho de reprodução (tarefa de cuidar,

educar, cozinhar, etc.) é fundamental para a economia capitalista, mas muitas vezes é invisibilizado e não remunerado. A autora enfatiza a importância da resistência e da organização coletiva, afirmando que as lutas feministas e operárias são interligadas e essenciais para a transformação da sociedade. Federici (2014) destaca sobre como o trabalho de cuidado e manutenção da vida, como cuidar de crianças e fazer tarefas domésticas é essencial para a sociedade e a economia, mas costuma ser ignorado e desvalorizado, o que contribui para a desigualdade de gênero e a exploração das mulheres. Ela destaca que as lutas feministas estão ligadas a outras lutas dos trabalhadores e que, para mudar a sociedade, é preciso unir forças e desafiar as estruturas de poder.

4.2 A construção social do trabalho

Em meadas do século XIX e início do século XX os homens eram os principais responsáveis abastecedores dos recursos financeiros familiares, enquanto as mulheres se beneficiavam unicamente desses recursos e não eram permitidas trabalharem fora de casa, tornando assim dependentes de seus maridos. Entendendo a figura masculina como único provedor e a mulher para cuidar do lar e de todos os componentes familiares e os espaços públicos eram ocupados em sua maior parte, pelos homens, enquanto os espaços privados/domésticos ou aos que designavam o ato de cuidar como os espaços de saúde e educação ocupavam-se por mulheres que podem ser entendidas como estruturais ou culturais.

O distanciamento dessas mulheres enquanto agentes de processos sociais, se desdobra, contemporaneamente, em algumas discussões que desconsideram as opressões históricas sofridas por elas. A submissão das mulheres na sociedade, dar-se como forma de opressão que vai se fortalecendo ao longo da trajetória, nos adentro sociais, impulsionando forças aos movimentos de lutas feministas ocasionando a divisão sexual do trabalho, impulsionando nessas relações de produção e reprodução social a dominação do poder masculino.

Nesse sentido do cuidado como atribuição feminina se constitui uma das mais potentes formas de opressão por afastar mulheres do espaço público e da

atuação política, onde circunscreve o território privado, limitado aos afazeres domésticos, explicado por Françoise Vergé (2023, p.16,) ocupando-se da tarefa de limpar o mundo.

Esses fatores reforçam a visão corrente das mulheres mais como donas de casa, ajudantes do companheiro e não como sujeitas produtivas (Maneschy, 2000, p. 88), mas não se trata, apenas, de uma identidade que se realiza com a articulação dessas categorias, de modo a conhecer as práticas sociais, as representações sobre o ambiente, os valores socioculturais que são gerados para marcar a diferença entre os moradores do povoado Floresta e os demais atores sociais que habitam essa região.

Atualmente, percebe-se a divisão sexual do trabalho imposta pela sociedade às mulheres, além de trabalharem fora de casa, ainda são as responsáveis de cuidar da casa e da família, bem como outras demandas da sociedade, assim como nos afirma Alvarez (2008, p. 267):

O capitalismo como forma de controle, dominação, exploração para obtenção de maior lucro, estabelece uma relação de opressão, a luta pela libertação das mulheres é um componente fundamental da luta de todos os oprimidos para construir uma nova sociedade, uma luta por liberdade, direitos, uma vez que no sistema capitalista as relações de gênero moldam as relações mulher/homem, as divisões de trabalhos e os papéis estabelecidos previamente.

A citação faz uma análise crítica do capitalismo, considerando-o não apenas como um sistema econômico, mas como uma estrutura que perpetua controle, dominação e exploração, beneficiando as classes dominantes às custas da dignidade de diversos grupos, incluindo as mulheres. Ela destaca que a luta pela libertação das mulheres é parte integrante da resistência contra todas as formas de opressão, já que as desigualdades de gênero estão interligadas às estruturas de exploração promovidas pelo sistema capitalista. Assim, a luta feminista busca transformar tanto as relações de gênero quanto a sociedade como um todo, visando uma sociedade mais justa, igualitária e livre de exploração.

Como sabemos, as mulheres são socializadas para acreditar que suas qualificações e suas competências (destreza, habilidade, competência em matéria de cuidar...) são fatos da natureza, e não da cultura. Algumas mulheres questionam

essa afirmação e se rebelam contra esse estado de coisas. Mas isso ocorre depois de um longo trabalho consigo mesmas, sobre sua subjetividade e sobre o quanto a sua consciência é também uma consciência colonizada pelas dominações. (Federici, 2014, p. 15).

O conceito de divisão sexual do trabalho não consegue abordar de forma completa a complexidade das relações laborais, que são, na verdade, um reflexo das interações sociais, influenciadas por contextos culturais e históricos mutuamente interligados, entre homens e mulheres. Há diversas abordagens que determinam as dimensões históricas e culturais das relações de trabalho, além de enfatizarem o trabalho como um espaço de interação que envolve diferentes subjetividades, com o gênero, sendo uma das camadas dessas experiências. (Federici 2014). Acredito que, ao compreendermos essas múltiplas dimensões, podemos avançar na construção de ambientes de trabalho mais justos e inclusivos, onde as experiências e identidades de cada indivíduo sejam reconhecidas e valorizadas de forma plena.

Quando as relações de trabalho se institucionalizam ou se tornam normas gerais, as estratégias empresariais e as práticas de trabalho se transformam em reflexos de lógicas mais amplas, frequentemente desconsiderando as particularidades da vida cotidiana. A inserção feminina no mercado de trabalho formal pode ser interpretada como uma transição da esfera privada para a pública. Ao adotar o papel de trabalhadora, mesmo que temporariamente, a mulher se depara com novas dinâmicas de poder, tanto no âmbito familiar, quanto no local de trabalho, além das relações afetivas e comunitárias.

O desenvolvimento histórico da trajetória das mulheres é marcado por construções sociais que definem seu lugar na sociedade, fundamentadas em regras culturais e econômicas. Essas construções têm suas bases na divisão sexual e racial do trabalho, a qual passou por transformações significativas com a transição para o modo de produção capitalista. Essas normas estabelecem o que caracteriza o trabalho feminino e o trabalho masculino, relegando ao que é considerado "segundo sexo" tarefas de natureza doméstica e de cuidado com os outros. (Federici 2014).

Esse processo reforça a ideia de que o trabalho realizado por mulheres não é visto como uma força produtiva essencial da sociedade. Em vez disso, há a crença

de que esse "dom" é algo intrínseco à subjetividade de cada mulher desde o seu nascimento, sugerindo uma inclinação natural para servidão e cuidado. O trabalho doméstico, por sua vez, é frequentemente considerado improdutivo por não gerar diretamente mais-valia.

A aptidão das mulheres para tarefas desvalorizadas na sociedade resulta de esforços historicamente construídos para a sua domesticação, com o objetivo de mantê-las na esfera privada da família ou sujeitá-las a relações de exploração na dinâmica entre patrões/patroas e empregadas. Nesse contexto, Saffiote (2013) ressalta que “a construção da subjetividade feminina, historicamente marcada por relações de poder, se inscreve em práticas sociais que reforçam a divisão e a hierarquização dos papéis de gênero, perpetuando a imagem da mulher como responsável pelo espaço doméstico e pelos cuidados”.

Ao investigar as mudanças nas rotinas diárias das mulheres que ingressam no mercado de trabalho, é essencial que considere a análise das relações de poder que permeiam as relações de gênero. Essa análise permite observar como se redefine o papel da mulher dentro da estrutura familiar e nas variadas esferas de interação social que ela mantém. Os conceitos de gênero formam um conjunto de referências que estruturam a percepção e a organização, tanto concreta quanto simbólica da vida social, influenciando a distribuição do poder.

Ressaltamos que a expressão relações de “gênero” procura diferenciar o social do biológico, isto é, parte de uma concepção da construção social da identidade da mulher e do homem (Alvarez, 2008, p. 267), seja nas sociedades modernas ou sociedades tradicionais. Mesmo que as mulheres ao longo dos últimos anos tenham conquistado, consideravelmente seu espaço no mundo do trabalho, ainda há muito a ser feito, visto que, infelizmente, grande parte do trabalho que elas realizam continua associado a atividades rotinizadas, manuais e repetitivas

A compreensão das experiências femininas na sociedade contemporânea demanda uma análise aprofundada que reconheça a complexidade de suas vivências. Conforme apontado por Farias (2014, p. 37-38), a acumulação de saberes sobre essas experiências revela uma contradição fundamental: por um lado, há o crescimento do conhecimento sobre a vivência das mulheres; por outro, permanecem valores culturais que sustentam e reforçam a lógica da dominação.

Essa reflexão evidencia que a luta por reconhecimento e igualdade não se dá apenas no campo do saber, mas também na contestação de estruturas culturais que perpetuam a desigualdade.

Ao discutir a dinâmica entre dominador e dominado, é fundamental evitar a simplificação de que cada grupo possui uma identidade única e homogênea. Essa abordagem simplista corre o risco de ignorar as múltiplas realidades, diferenças internas e interseccionalidades que caracterizam as experiências de diferentes grupos sociais.

A citação de Farias destaca a importância de compreender a produção de conhecimento como uma ferramenta de resistência, capaz de confrontar e questionar os valores culturais que sustentam a dominação. Ela reforça a ideia de que o avanço no entendimento das vivências das mulheres é, ao mesmo tempo, uma estratégia de desafiar estruturas opressoras enraizadas na cultura.

As formas de fazer farinha criam e estabelece entre os indivíduos uma ação coletiva gerando nos laços sociais e a sociabilidade, ação mútua de cooperação, experiências comunicacionais entre os grupos que partilham os mesmos quadros e identificam as mesmas ressonâncias históricas de um passado comum. Essa ação coletiva gera uma divisão de bem comum substanciada no trabalho que socialmente resulta na transformação do produto de consumo. Ao analisar os processos de produção da farinha de mandioca em comunidades tradicionais, observa-se uma forte relação entre a técnica e o ambiente local.

Para refletir sobre tradição das descacadeiras de mandioca, recorreremos a Hobsbawm (2002), que entende tradição como um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, regulado e aceitas por regras e por todos, visando desenvolver determinados valores na cultura e normas de comportamento por meio da relação com o passado e repetição constantes das práticas no processo de trabalho realizado nas casas de farinha, onde, perduram nos dias atuais a memória dos povos que habitam no povoado Floresta. Essa continuidade revela a importância da preservação cultural e o fortalecimento dos laços comunitários, demonstrando como as tradições tradicionais ainda desempenham papel fundamental na identidade local.

Cormineiro (2010, p. 14) destaca a importância do tema da farinha na narrativa histórica da região norte do Tocantins, sugerindo que esse elemento

cultural e econômico é um componente relevante na construção do entendimento sobre a história local. A produção de farinha de mandioca no Povoado Floresta proporciona a segurança alimentar, a qualidade de vida e a economia de muitas famílias. Além disso, o modo de fazer farinha produziu no povoado um conjunto de artefatos artesanais representantes da identidade cultural local.

Halbwachs (1990) argumenta que a memória coletiva é construída através das interações sociais e é essencial para a formação da identidade de um grupo.

As relações sociais desempenham um papel fundamental na formação da identidade de um grupo, pois são por meio dessas interações que os indivíduos compartilham valores, normas, crenças e práticas culturais. Essas conexões permitem que os membros do grupo desenvolvam um senso de pertencimento, solidariedade e compreensão mútua. Além disso, as relações sociais contribuem para a construção de símbolos, tradições e histórias comuns, que reforçam a identidade coletiva. Ao interagir com outros membros e com o ambiente ao seu redor, o grupo consolida sua identidade única, diferenciando-se de outros grupos e promovendo a coesão social. Portanto, a dinâmica das relações sociais é essencial para fortalecer a identidade de um grupo, influenciando sua cultura, comportamento e forma de se perceber no mundo.

Hall (2006) corrobora para o debate da identidade cultural a partir dessas memórias e práticas compartilhadas, sendo um processo contínuo de construção e reconstrução. Partindo da ideia de invenção da cultura, podemos olhar o problema dos usos cotidianos da cultura por outro prisma. A reflexão de Hall (2006) destaca como a cultura é um processo dinâmico, construído e reconstruído diariamente por meio das memórias e práticas compartilhadas. Ao pensar na invenção da cultura, percebemos que seus usos cotidianos não são fixos, mas moldados por nossas experiências e interpretações contínuas, o que enriquece nossa compreensão de identidade cultural como algo vivo e em constante transformação.

A partir da leitura de relatórios de estudos realizados no Povoado Floresta é possível perceber que muitos dos problemas que passam a população local, especialmente a parcela que depende da pequena agricultura como meio de trabalho e obtenção de renda, são comuns e têm raízes no processo histórico de desenvolvimento (ou não-desenvolvimento) no município. Tomando a

sustentabilidade em suas dimensões social, econômica e ecológica, a pesquisa busca ainda a compreensão das inter-relações existentes entre estas dimensões, as quais circundam, envolvem e permeiam a produção de farinha na região. Sendo assim, os trabalhos executados por mulheres nessas casas farinheiras são permeados pela invisibilidade, estão relegados à categoria de ajuda, muitos dos trabalhos assumidos por elas em comunidades na raspagem da mandioca são permeados por irregularidades, tendo as mesmas que compatibilizar o tempo com os afazeres de casa. Federici (2004), corrobora nessa perspectiva que o trabalho das mulheres no setor agrícola é fundamental para a sustentação das economias locais, embora frequentemente invisibilizado e subvalorizado.

No contexto de Wanderlândia, TO, as mulheres que trabalham na descascagem da mandioca desempenham um papel fundamental na economia familiar e comunitária. Embora seja evidente que este grupo social não é visto pela comunidade, sociedade e poder público em que estão inseridas, como também há ausência de autorreconhecimento pelas próprias mulheres enquanto executoras destas atividades. Nesse sentido, os estudos realizados por alguns sociólogos são referências importantes porque mostram como o ambiente é muito mais do que um simples cenário sobre o qual as pessoas desenvolvem suas atividades, devendo ser tomado como parte constitutiva da análise.

Tratando-se de uma situação dialética entre sociedade e ambiente, onde este, ao mesmo tempo em que constrói, também é construído pela sociedade, ao compreender a maneira como um grupo social se relaciona com o seu ambiente é possível chegar a outras esferas da estrutura social, e para isso Hall (2006), afirma que os indivíduos precisam sentir-se identificados a um grupo social, sentindo-se ser vivente e atuante na sociedade.

A identidade é definida historicamente e não biologicamente [...] e se distingue em três tipos de sujeitos na construção da identidade: o sujeito do iluminismo, pautado numa concepção de sujeito unificado; o sujeito sociológico, que entende a importância da relação do eu com a sociedade para a formação da identidade, o sujeito não é mais unificado, a identidade, nessa visão é percebida entre espaço e "interior" e o exterior' entre o mundo pessoal e o mundo público (Hall, 2006, p. 11).

A afirmação de Hall (2006) ressoa profundamente no contexto das mulheres

que trabalham na descascagem da mandioca em Wanderlândia, TO, pois evidencia a complexidade na construção da identidade, que não é algo fixo ou biologicamente predeterminado, mas sim um processo histórico e social. Essas mulheres, muitas vezes invisíveis para a comunidade, sociedade e poder público, constroem suas identidades não apenas através do trabalho que realizam, mas também pela relação que mantêm com o ambiente em que estão inseridas, que, por sua vez, é moldado por essas mesmas relações sociais. Ao entender a identidade como um conceito que se constrói na interseção entre o "eu" e a sociedade, fica claro que o sentimento de pertencimento, de ser reconhecida e de atuar no seu espaço social é fundamental para que essas mulheres se percebam como agentes de sua própria história.

Elas podem não se identificar oficialmente ou serem vistas pela comunidade, mas, de acordo com a perspectiva de Hall, sua relação com o ambiente e o reconhecimento social contribuem para a formação de uma identidade dinâmica, que oscila entre o espaço pessoal e o mundo público. Essa visão reforça a importância de reconhecer o ambiente não como um cenário passivo, mas como parte ativa na constituição da identidade dessas mulheres. Como elas se relacionam com o ambiente de trabalho, com a comunidade e com as estruturas de poder influencia quem elas são e quem podem se tornar. Assim, compreender essa construção identitária sob a ótica do sujeito sociológico ajuda a entender que o reconhecimento social e o sentimento de pertencimento são essenciais para que essas mulheres se vejam como protagonistas dentro de sua realidade, promovendo uma maior valorização de suas atividades e de sua presença na sociedade.

4.3 Resistências e Relações de Gênero nas Atividades de Descascagem de Mandioca

Ao assumir a função de trabalhadora, mesmo que temporariamente, a mulher sempre se depara com novas relações de poder mesmo sendo dentro da própria família, no ambiente de trabalho, nas relações de afeto e vizinhança,.. Através desta avaliação, poderemos entender o processo de redefinição do papel

feminino na estrutura familiar, além das várias esferas de relações sociais que ela mantém.

Essas mulheres, que se dedicam ao trabalho repetitivo e muitas vezes invisibilizado na descascagem da mandioca, trazem reflexões sobre resistência, solidariedade e a luta por reconhecimento e valorização do seu trabalho. As trocas entre elas, enquanto compartilham suas vivências, tornam-se momentos de empoderamento, desafiando a ideia de que estão apenas cumprindo seus papéis tradicionais. Assim, apesar das obrigações que a sociedade impõe, elas constroem um espaço de força e comunidade que ressignifica suas identidades e coloca em evidência suas contribuições essenciais para a cultura e economia locais.

Ao perguntar para elas se o trabalho que elas desenvolvem é bem-visto, se elas se reconhecem e são reconhecidas na comunidade ou pelas pessoas que adquirem os produtos produzidos ali, a maioria respondeu da seguinte forma: “Eu acho que meu trabalho é visível, as pessoas que vem comprar farinha aqui sempre elogiam e dizem que somos guerreiras”. Já Outras disseram que poucas pessoas reconhecem elas como parte principal na produção, veem mais o serviço dos homens por eles desenvolverem a parte mais pesada, tem pessoas que nem sabe que nós desenvolvemos a primeira etapa, nem sabe que existe descascadeira de mandioca, somos fantasmas, só somos vista quando aparece uma aqui e vê nós atrás desse monte de mandioca (Aparecida 04/12/2024).

Sobre a apropriação do trabalho feminino e/ou feminilizado pelo modo de produção capitalista, Heleieth Saffioti, ao analisar a situação das mulheres na sociedade de classes, afirma que:

[...] a inferiorização social de que tinha sido alvo a mulher desde séculos vai favorecer o aproveitamento de imensas massas femininas no trabalho industrial. As desvantagens sociais de que gozavam os elementos do sexo feminino permitiam à sociedade capitalista em formação arrancar das mulheres o máximo de mais-valia absoluta, através, simultaneamente, da intensificação do trabalho, da extensão da jornada de trabalho e de salários mais baixos que os masculinos, uma vez que para o processo de acumulação rápida de capital era insuficiente a mais-valia relativa obtida através do emprego da tecnologia de então. A máquina já havia, sem dúvida, elevado a produtividade do trabalho humano; não, entretanto, a ponto de saciar a sede de enriquecimento da classe burguesa. (Saffioti, 2013, p. 67).

Contextualizar as relações de solidariedade entre as mulheres é essencial

para entender as dinâmicas de opressão que elas enfrentam. Embora essas relações não estejam isentas de desafios e dificuldades, é evidente que as mulheres já formavam um corpo organizacional consciente e coeso. Essa organização é crucial para compreendermos como, com o avanço do capitalismo, a exploração e a opressão se intensificaram. Nesse contexto, o papel das mulheres na esfera doméstica e na reprodução social passou a ser desvalorizado, sendo frequentemente classificado como trabalho improdutivo. Essa desvalorização evidencia a necessidade de reconhecer e valorizar as contribuições femininas em todas as esferas da vida social e econômica.

O capitalismo surgiu em meio a um complexo conjunto de transformações econômicas, sociais, culturais e científicas. Portanto, é fundamental desmistificar a ideia de que seu desenvolvimento representa uma simples evolução da economia feudal. Na realidade, o capitalismo emergiu de uma "contrarrevolução que destruiu as possibilidades que haviam surgido da luta anti feudal" (Friderici, 2017, p. 46), com o intuito de estimular o processo de acumulação de riqueza. Essa perspectiva ressalta que o capitalismo não se limitou a um desdobramento do feudalismo, mas constituiu uma ruptura significativa, marcada pela busca de novas formas de organização econômica e social.

Friderici (2017) defende que a luta por um reconhecimento e valorização do trabalho das mulheres é essencial para mudar a dinâmica de poder entre os gêneros. A autora acredita que as mulheres devem reivindicar seus direitos e lutar contra a exploração que enfrenta tanto em casa quanto no trabalho formal.

A autora discute como as mulheres são, frequentemente empregadas em condições precárias, recebendo salários mais baixos e enfrentando discriminação no local de trabalho. Isso ocorre tanto nas indústrias típicas de trabalho feminino, como a de serviços e têxtil, quanto em setores mais amplos.

Os cercamentos de terras, as privatizações e a transformação das relações monetárias impuseram desafios, consideravelmente maiores para as mulheres em comparação aos homens. O trabalho de uso próprio, historicamente valorizado, sofreu uma desvalorização significativa com a ascensão do novo modelo econômico, que priorizava apenas o trabalho voltado à produção de mercadorias. Essa mudança resultou na crescente invisibilização e naturalização do trabalho doméstico

desempenhado pelas mulheres, um fenômeno que é amplamente discutido por Friderici (2017).

É importante destacar que as mulheres foram frequentemente excluídas de diversas funções, sendo relegadas a papéis que a sociedade associava exclusivamente aos homens, os quais eram vistos como os detentores da "força física" e da "inteligência necessária". Mesmo quando as mulheres conseguiam trabalhar e receber salários, essas remunerações eram extremamente inferiores às dos homens. Essa realidade contribuiu para a consolidação do ideal de mulher como dona de casa, reforçando a ideia de sua domesticidade e limitando sua liberdade (Federici, 2017).

O corpo passou a ser identificado como um impedimento para o desenvolvimento da razão, por isso era necessário uma conversão do corpo em proletariado e do proletariado em corpo, trazendo nesta concepção que alguns corpos careciam de força e racionalidade, inserindo a ideia de fraqueza e irracionalidade às mulheres, aos considerados selvagens e à população africana que foi escravizada. Uma das principais tarefas da acumulação primitiva foi a transformação do corpo em máquina de trabalho, por isso o processo de caça às bruxas foi essencial (Costa, 2019, p. 29).

Saffioti (2004) discute como o capitalismo e o patriarcado se envolvem na forma como controlam os corpos e a sexualidade, sugerindo que essa dinâmica é fundamental para a manutenção de estruturas de poder e desigualdade. Essa relação reflete não apenas a exploração econômica, mas também um controle social que molda comportamentos, normas e valores em torno da sexualidade.

No contexto do capitalismo, os corpos das mulheres e de outros grupos marginalizados são, frequentemente objetificados e sexualizados, contribuindo para a reprodução de estereótipos e desigualdade de gênero. O controle da sexualidade, por sua vez, está ligado a normas que buscam restringir a liberdade e a autonomia dos indivíduos, especialmente das mulheres, perpetuando a divisão entre os gêneros e reforçando a hierarquia patriarcal.

Assim, Saffioti (2013) sugere que o desafio às normas e ao controle sobre os corpos e a sexualidade é também um campo de luta contra as estruturas patriarcais e capitalistas, enfatizando a importância da emancipação e da autonomia na busca por justiça social e igualdade. Essa análise convida à reflexão sobre como essas relações de poder podem ser transformadas em busca de uma sociedade

mais justa e igualitária.

[...] não consiste apenas na intensa discriminação salarial das trabalhadoras, em sua segregação ocupacional e em sua marginalização de importantes papéis econômicos e político-deliberativos, mas também no controle de sua sexualidade e, por conseguinte, de sua capacidade reprodutiva. Seja para induzir as mulheres a ter grande número de filhos, seja para convencê-las a controlar a quantidade de nascimentos e o espaço de tempo entre filhos, o controle está sempre em mãos masculinas, embora elementos femininos possam intermediar e mesmo implementar estes projetos.

As chamadas cottars, mulheres de pouca renda, pobres que ainda dependiam do cultivo em pequenos pedaços de terra, foram uma das categorias mais severamente perseguidas. Isso ocorreu devido à sua insistência em continuar o cultivo nas terras comunais dos feudos.

As classes menos favorecidas sempre enfrentaram um conjunto de desafios que as prejudica em diversos aspectos, desde suas condições econômicas até suas relações sociais, que foram fragmentadas pelo capitalismo. Essa dinâmica contribuiu para a formação de estereótipos negativos, como a ideia de que as mulheres tinham o poder de enfeitiçar os homens por meio das relações sexuais, levando-os a perderem o autocontrole. Nesse contexto, mulheres que buscavam liberdade eram rotuladas como bruxas, refletindo uma tentativa de controlar e restringir a sexualidade feminina. Conforme aponta Federici (2017, p. 343), “para evitar que as mulheres arruinassem moralmente — ou, mais importante ainda, financeiramente — os homens, a sexualidade feminina precisava ser exorcizada”. Essa perspectiva revela como as estruturas sociais e econômicas.

A divisão sexual do trabalho doméstico continua sendo amplamente dominada pelo padrão tradicional. Nesse contexto, mesmo que as mulheres trabalhem fora, a responsabilidade pelo trabalho reprodutivo ou doméstico, frequentemente recai sobre elas. O trabalho remunerado ou produtivo é culturalmente considerado masculino, enquanto o trabalho doméstico é visto como um papel feminino. Essa dinâmica perpétua desigualdades de gênero no ambiente familiar e profissional, refletindo uma distribuição desigual das tarefas e responsabilidades. Essa realidade exige uma reflexão crítica e a promoção de mudanças que incentivem uma maior equidade na divisão das responsabilidades,

tanto no lar quanto no mercado de trabalho.

É importante destacar que nem todas as desigualdades de gênero são vistas como injustas pelas entrevistadas. A crença de que homens e mulheres têm esferas de atuação diferentes ainda goza de ampla aceitação social. Isso fica evidente nas respostas à afirmação de que o trabalho do homem é ganhar dinheiro, enquanto o da mulher é cuidar da casa e da família. Notavelmente, o envolvimento dos homens nas atividades de cuidado das crianças é considerado mais desejável em comparação com outras tarefas domésticas. Isso possibilitou desenvolver mecanismos destinados a silenciar e marginalizar a presença feminina.

Os episódios mencionados evidenciam a repressão da sexualidade feminina sob o impacto do capitalismo, que há séculos estigmatiza e demoniza a relação da mulher com seu corpo e prazer. Essa dinâmica histórica repercute de diversas maneiras na realidade contemporânea, influenciando como as mulheres se relacionam consigo mesmas, o conhecimento que possuem sobre seus próprios corpos, aquilo que lhes causa dor ou prazer e a forma como cuidam de si. Essa repressão não apenas limita a autonomia feminina, mas também dificulta a construção de uma sexualidade saudável e integral.

Algumas crianças participam desse processo, porém as mães querem que seus filhos tenham outro rito de passagem que não seja tornarem-se produtores de farinha e sim que estudem e tenham outra profissão porque segundo elas para se produzir farinha é um trabalho de sacrifício.

Eu tenho dois filhos, todos dois estudaram e se formaram, Deus me livra deles seguir a minha profissão, eles faz é brigar para eu largar de descascar mandioca, mas eu já disse para eles que enquanto eu der conta de descascar mandioca vou seguir, eu tenho é prazer de descascar.

Esse relato revela um profundo conflito entre a tradição e a modernidade, entre o legado familiar e os desejos de um futuro diferente para as crianças.

Dona Raimundinha (Entrevistada, 2024), ao expressar seu orgulho e prazer em continuar a atividade de descascar mandioca, representa uma valorização do trabalho manual e das raízes culturais de sua comunidade. Para ela, esse trabalho não é apenas uma obrigação, mas uma fonte de satisfação e realização.

Por outro lado, a preocupação das mães com o futuro dos filhos reflete um

desejo de uma vida melhor, onde a educação e a escolha de uma profissão possam garantir uma trajetória mais confortável e menos sacrificante. O trabalho de produzir farinha é visto como uma atividade árdua e que pode limitar as oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

Esse contraste entre as aspirações das mães e a escolha de Dona Raimundinha (entrevistada, 2024), destaca um dilema comum em muitas culturas: a luta entre honrar a tradição e abraçar novas oportunidades. As mães querem que seus filhos tenham uma vida que lhes permita escapar das dificuldades que elas mesmas enfrentaram, enquanto Dona Raimundinha encontra valor e significado em continuar um trabalho que faz parte de sua identidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas a saudade é isso mesmo, é o passar e o repassar de memórias antigas.

Dom Casmurro.

A frase "Mas a saudade é isso mesmo, é o passar e o repassar de memórias antigas" significa que a saudade é um sentimento que envolve revisitar e reviver constantemente lembranças do passado. Ela expressa a ideia de que, ao sentir saudade, a pessoa relembra momentos antigos, muitas vezes com uma mistura de nostalgia e melancolia, e esses pensamentos ficam passando pela mente repetidamente.

Atualmente, quando alguém emprega expressões como "recordar", "lembrar" ou "rememorar" ao invés de "memória", está diante de um exercício habitual: a manifestação mais sutil do conceito. A memória, com suas várias facetas, vai desde um sentimento mental passageiro, espontâneo e individual, até uma expressão pública. Ademais, pode ser eliminada ou negligenciada, estar associada a uma emoção ou a uma imagem, atuando como um recurso essencial e uma dinâmica presente na vida de todos.

Ao longo da nossa pesquisa, as entrevistas foram essenciais para a nossa compreensão de que o diálogo e a escuta das pessoas que entrevistamos nos ajudaram a entender melhor a dinâmica do cotidiano delas. Como destaca

Montenegro (2007, p. 21), esse contato direto é sempre um desafio, pois, mesmo quando pensamos que conhecemos o tema, nos deparamos com aspectos desconhecidos. Cada entrevista nos mostrou o quanto ainda tínhamos a aprender sobre uma realidade que, à primeira vista, parecia familiar.

Durante as entrevistas com as descascadeiras de mandioca, nas Casas de Farinha, fomos muito bem recebidos em todas as visitas. As pessoas que entrevistamos nos ajudaram a guiar nossa pesquisa, e possibilitar visibilidade a essas trabalhadoras. Ao escutar dona Alzenir entrevistada, 2024, narrando suas experiências sobre a descascagem da mandioca, pudemos perceber não apenas a técnica envolvida nesse trabalho, mas também a profundidade das memórias e significados que ele carrega. O olhar atento e as mãos calejadas de Dona Alzenir revelam histórias de esforço, resiliência e pertencimento. Essa prática, muitas vezes subestimada, é fundamental para a cultura local e para a sobrevivência de muitas famílias. Dona Alzenir soltou uma gaitada ao dizer que ama o que faz, compartilhando suas trocas diárias de saberes e alegrias com as colegas.

Essas interações transformam as longas horas de trabalho em momentos de camaradagem e aprendizado mútuo, o que nos leva a refletir sobre a importância do reconhecimento e da valorização dessas experiências no contexto mais amplo da nossa sociedade. As rodas de conversa foram partes importantes da pesquisa. Essa técnica foi adotada de forma espontânea, pois quando o grupo nas Casas de Farinha era diversificado, as mulheres que descascam a mandioca se sentiam à vontade para participar e compartilhar suas experiências. As rodas permitiram que elas se expressassem livremente, contando suas memórias e opiniões sobre o trabalho que realizam.

Dona Iranilde demonstrou que gosta de trabalhar na descascagem de mandioca porque é uma atividade que ela conhece bem e faz parte da sua rotina. Ela também explica que não tem outra profissão, o que é comum para muitas pessoas que dependem do trabalho manual para ganhar seu sustento. Além disso, ela revela que desde pequena tinha o desejo de trabalhar para ter seu próprio dinheiro, o que mostra sua vontade de ser independente e responsável.

A memória adquire uma relevância significativa ao refletir suas expressões e sinais nos desdobramentos da história. Essa primeira forma de memória é uma

operação coletiva que emerge de acontecimentos oriundos de uma experiência vivida, permitindo sua análise histórica na busca da interpretação do passado. Não apenas as recordações são cruciais, mas também seus significados e representações, que viabilizam uma abordagem historiográfica sobre o passado e suas diversas utilizações na construção da narrativa histórica (Pollak, 1989).

Se entendemos que o ato de interpretar é uma forma de nos conhecer também, podemos dizer que ao interpretar sabemos algumas coisas, sobre nós, sobre o outro e sobre o mundo que nos cerca. Assim, interpretar é também nos conhecer. O ato de escutar narrativas é fundamental para a construção de significados e a compreensão intercultural, pois permite que entremos em contato com experiências diversas e amplifiquemos nossa empatia.

Ao ouvir histórias, não estamos apenas consumindo conteúdo; estamos participando de um diálogo rico que nos convidam a interpretar e refletir sobre realidades distintas. Assim, a escuta se torna um ato de co-criação de sentido, onde cada história tem o potencial de transformar a visão que temos do outro e de nós mesmos.

É importante compartilhar essas vivências com aqueles que, com o passar do tempo, se transformam em nossos familiares ou pessoas com quem estabelecemos relações cotidianas. Essas interações constantes nos auxiliam a descobrir e entender melhor quem somos, enriquecendo nossa trajetória individual e fomentando um aprendizado mútuo intenso. Ao compartilharmos experiências e lições, estabelecemos vínculos que nos orientam e nos formam, expondo a complexidade da nossa identidade.

O passado de cada um só existe tendo em vista que se narra o que viveu. Sem narrativa de si, o vivido se perde e o sentido daquilo que vivenciamos em tempos passados, está perdido também. Narrar a própria vida é uma maneira de dar novos significados ao que vivemos, proporcionando a chance de mudança pessoal, já que os novos significados podem fornecer orientações para lidar com a rotina diária e experimentar experiências mais instigantes e formadoras de uma nova maneira de ser.

Todas as participantes se mostraram dispostas a colaborar com as entrevistas, sem limitações. Cada ida à comunidade oferecia uma nova chance de

revisitar a memória de um conjunto de trabalhadoras que cultivavam o trabalho, o dia a dia, a memória e as vivências em ambientes rurais. Ao serem abordadas através de um roteiro de entrevista semiestruturada, muitos mostravam contentamento em serem ouvidas, enquanto outras questionavam o que eu, como pesquisadora, poderia aprender com elas. Sem perceber que são autênticas as memórias sociais, numa sociedade repleta de contradições. A entrevista semiestruturada funcionava como um ponto inicial, mas rapidamente se ampliava conforme nossas participantes da pesquisa forneciam indicações que nos conduziam a novas questões e reflexões.

Com as mulheres da comunidade, compreendemos a conexão entre a natureza e as atividades cotidianas. Apesar da curiosidade sobre algumas tradições, foi dessa forma que entendemos, com base nos conhecimentos populares, a relevância da ligação com o meio ambiente e dos sinais que a natureza nos oferece. Finalmente, a narrativa de mulheres que, com serenidade e discernimento, manifestavam o anseio de dividir saberes e vivências, auxiliando no fortalecimento da identidade e do papel feminino na agricultura e na sociedade.

Por fim, reafirmando nosso compromisso ético (APÊNDICE 05) tanto em relação aos objetivos deste estudo quanto aos participantes da pesquisa, enfatizamos que, durante o desenvolvimento do presente trabalho, priorizamos a garantia dos direitos éticos envolvidos em pesquisas com seres humanos.

Ao concluir esta dissertação sobre as memórias de mulheres descascadeira de mandioca, percebo que suas narrativas revelam trajetórias de resistência e força, reafirmando minha própria identidade enquanto neta e filha de mulher camponesa.

REFERÊNCIAS

Alvarez, Sônia E.. Relações de gênero: uma construção social. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, n. 67, 2008, p. 267.

AMARAL, L. **História geral da agricultura brasileira**: no tríptico aspecto político social- econômico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. v. 1.

Canto VII (**Santa Rita Durão**, 1945).

CABRAL, F. S. **O Pão da memória**: velhos padeiros, lembranças, trabalho e história. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

CASCUDO, L. da C. **História da alimentação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1983. v. 1.

CASCUDO, L. da C. **Histórias da alimentação no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2004.

CASCUDO, L. C. **História da alimentação no Brasil**. 4. Ed. São Paulo: Global, 2011.

CORMINEIRO, O. M. M. **Trilhas, Veredas e Ribeiras: Os Modos de Viver dos Sertanejos Pobres nos Vales dos rios Araguaia e Tocantins (Séculos XIX e XX)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia/MG, 2010. 259 f.

COSTA, Renata Gomes da. **Apropriação das mulheres no Brasil: uma análise feminista e antirracista das consequências materiais do capitalismo dependente**. Tese de doutorado em Serviço Social. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, 2019.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura e Cultura: Conhecimentos Tradicionais e Direitos Intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 313-360.

DOMINICÉ, Pierre. L'Histoire de Vie comme Procesus de Formation. Paris: Éditions L'Harmattan, 1990. DENARDIN, Valdir Frigo; LAUTERT, Luiz Fernando; RIBAS, Claudinei Pedroso; ZANETTI, Ricardo. **Farinha de Mandioca no Litoral Paranaense: um Produto com Potencial Agroecológico**. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 4, n. 2, p, 2009.

DELEUZE, G. & Guatarri, F. (1997). Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (v. 4). São Paulo: 34. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FARIAS, Mícarla Xavier de. **O lugar do trabalho na vida das mulheres raspadeiras de mandioca de Itabaiana/Pureza – RN**. 2014. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social), Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, p. 464, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista** Trad. de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

GALEANO, Eduardo. **Mulheres**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2007.

GERMANI, J. **A sociedade brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora Difel, 1964.

GASPARETO, Sirlei A. K. **Pedagogia da sementeira**: a construção de saberes pelo Movimento de Mulheres Camponesas no Programa de Sementes Crioulas. São Paulo: Ed. Dialogar, 2018.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EDUF, 1997 pg. 42.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**. Ano IX – N° 17 – 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013. Resenha de: SILVA, Giuslane Francisca da. Aedos. Porto Alegre, v.8, n.18, p.247-253, ago., 2016.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados do Censo**, 2022.

LIMA, Maria. **Mulheres Colonizadas**: Resistência e Identidade. São Paulo: Editora Exemplo, 2019. p. 52.

MARTINS, José de Souza. A. **A chegada de Estranho**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

MANESCHY, Maria Cristina. **Da casa ao mar**: papéis das mulheres na construção da pesca responsável. Proposta, Rio de Janeiro, n. 84-85, p. 82-91, mar./ago., 2000.

MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **Oralidade, memória e história**: questões metodológicas. In: Encontro Regional Sul de História Oral, 2., 2005, Porto Alegre, não publicado.

OLIVEIRA, Suely (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

PAIS, J.M. **Vida Cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

Polanyi, Karl. A economia como processo instituído. In: DALTON, George (Org.). **Economias primitivas, arcaicas e modernas**: ensaios de Karl Polanyi. Boston:

Beacon Press, 1968a. p. 139-174.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como Arte da Escuta**. São Paulo: Ed. Letra e Voz, 2016.

PETERSEN, S. Rotina, alienação; resistência, criação: algumas reflexões sobre a teoria da vida cotidiana. **III Semana Acadêmica de História/FURG**. Rio Grande, 16 a 20 de Outubro de 1995.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15.1989.

POLLAK, M. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 02-212.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS JÚNIOR, Darnival Venâncio; SILVA, Harley. Da reprodução social da unidade familiar camponesa: um estudo de caso no vale do Tocantins. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, e 2230202, 4 ago. 2022. DOI: https://doi.org/10.36920/esa-v30-2_02.

RAMOS JR., Darnival V. **Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Oral**.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018.

Rogério Haesbaert: **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/ de(s)colonial na «América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2021.

Rogério Haesbaert- SANTOS, M. et al. **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial, 2002 V. 03 p. 44-71.

ROSA, A. MEDEIROS, C. R. O. Sob as Sombras do Discurso Colonial: Subalternidade e Configurações de Gênero em uma Lavanderia do Interior de Minas Gerais. *In: XXXIV Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração*, 2010, Rio de Janeiro. Anais do XXXIV EnANPAD. Rio de Janeiro : ANPAD, 2010. p. 1-17.

SANTOS, M. A natureza do espaço. **Técnica e tempo**: razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999. 3. ed. 2008.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M.L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. A natureza do espaço. Técnica e tempo: razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999. 3. ed. SANTOS, M.; SILVEIRA, M.L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. Porto Alegre, EST Edições, 2003/2001.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão popular, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Outras Expressões, 2013. p. 134,135.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. São Paulo: Boitempo editorial. 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão popular: fundação Perseu abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero e Patriarcado**: violência contra mulheres. *In*: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol.

SEBRAE - Estudo de mercado sobre a mandioca (farinha e fécula), 2008.

SILVA, Elton Negreiros da. **Memórias de uma territorialização na construção do lugar e da paisagem: cultura e modos de viver dos narradores da Ribeira**. 2017. 123 f. Dissertação de Mestrado Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura e Território/PPGCult. Universidade Federal do Tocantins-UFT, Araguaína, 2017.

SILVA, C. B. & PAULILO, M. I. História Oral e memória: movimentos sociais de mulheres camponesas. *In*: **Revista História Oral**. Rio Grande do Sul, v. 11, n. 1-2, p. 43-60 , jan-dez. 2008.

SILVA, A. S. T. **Entre a casa de farinha e a estrada Bahia-feira: experiências camponesas de conflitos e sociabilidade na garantia da sobrevivência, Feira de Santana (1948-1960)**. Dissertação de Mestrado. UFBA, 2008. SILVA, H. A. Mandioca, a rainha do Brasil? Ascensão e queda da Manihot esculenta em São Paulo. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2008.

SILVA, C. S. S. **Casas de Farinha: espaço de (con)vivências, saberes e práticas educativas**. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Sociais e Educação – UEPA, 2011.

SILVA, Maria de Fátima. **Identidade e Migração**: Narrativas de Mulheres no Contexto da Globalização. Editora XYZ, 2020.

SILVA, C. B. & PAULILO, M. I. História Oral e memória: movimentos sociais de mulheres camponesas. *In*: **Revista História Oral**. Rio Grande do Sul, v. 11, n. 1-2, p. 43-60 , jan-dez. 2008.

FEDERICI, Silvia. **Caliban and the Witch**. Nova York: Autonomedia, 2004.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo. Elefante, 2019.

TOMPSOM, Paul. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1992. 2003/2001. THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa, vol.1. **A árvore da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VERGE, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

XAVIER, Antônio Roberto; LIMA, Liliane Araújo; ANDRADE, Francisco Ari de. Saberes tradicionais do cultivo da mandioca (*Manihot esculenta*) e a produção de farinha: estudo em Beberibe, Ceará. **Revista Cocar**. v. 14, n. 28, p. 781- 801. 2020.

ANEXO 1



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS CÂMPUS DE
ARAGUAÍNA**

Comitê de ética em Pesquisa - CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) Sr(a). _____,
professor(a) de História, a participar da pesquisa intitulada ". **“AS
DESCASCADEIRAS DE MANDIOCA”**: O TRABALHO DA MULHER NO
PROCESSO DE FABRICAÇÃO DA FARINHA NO POVOADO FLORESTA
WANDERLÂNDIA -TO. Este estudo será conduzido pela pesquisadora ROSALDINA
SINHÁ DE SOUSA, aluna do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
DE CULTURA E TERRITÓRIO –PPGCULT da Universidade Federal do Norte do
Tocantins, no Campus de Araguaína, sob a orientação da Profa. **Dra. Rejane Cleide
Medeiros de Almeida**.

O objetivo desta pesquisa é analisar as condições de trabalho da mulher no processo de descasca da mandioca, Município de Wanderlândia, Tocantins e Analisar as condições de trabalho da mulher no processo de descasca da mandioca, Município de Wanderlândia, Tocantins.

Para que tal abordagem aconteça, o percurso metodológico é de fundamental importância. É evidente que há diversas possibilidades para construir esta relação, mas considero que um caminho seria pela história oral que além de permitir o diálogo com outros campos do conhecimento aproxima o pesquisador ao objeto de estudo, pois é um método que propicia o contato direto com os sujeitos assim como nos afirma Thompson que para alguns pesquisadores, os depoimentos orais são fontes meramente subjetivas, sendo falível e fantasiosa, porém a

subjetividade está presente em todos os documentos, seja oral, escritos ou visuais (THOMPSON,1992).

Riscos: Esta pesquisa apresenta o risco mínimo para os participantes tendo em vista que sera realizado procedimentos evasivos ou que envolva contato físico, no entanto acreditamos que possa ter riscos psicológicos ocasionados por gatilhos no momento em que os entrevistados acessem a memória para responder os questionários. Neste sentido para amenizar esses riscos respeitaremos o tempo do participante e se necessario a pesquisadora irá oferecer suporte psicológico.

Benefícios: referido estudo proporciona grandes benefícios para o mundo acadêmico tendo em vista que será construído documentos com resultado da pesquisa que contribuirá com outros pesquisadores que se interessa pelo tema, bem como também na formação de professores por possibilitar dados sobre as demandas existentes.

A participação do(a) Sr(a). neste estudo não implicará custos ou vantagens financeiras. Entretanto, em caso de danos comprovados decorrentes da pesquisa, o(a) Sr(a). terá o direito à indenização, a ser definida pela jurisdição que atende ambas as partes e sob total responsabilidade do pesquisador.

Em caso de dúvidas éticas, o(a) Sr(a). pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Norte do Tocantins (CEP/UFNT), no endereço Av. Paraguai, s./nº, esquina com a Rua Uxiramas - 77824-838 | Araguaína/TO, por meio dos telefones (63) 3416- 5686/5696 ou do e-mail cep@ufnt.edu.br.

O(a) Sr(a). terá esclarecimentos sobre o estudo e total liberdade para participar ou recusar-se a participar, a qualquer momento e sem prejuízos. A participação é voluntária, e a recusa não acarretará penalidades ou modificações no atendimento ao(a) Sr(a.) pela pesquisadora. Os resultados obtidos estarão disponíveis ao(a) Sr(a.) quando finalizados, e sua identidade será preservada em conformidade com as normas éticas e legais.

Este termo de consentimento, em duas vias originais, será arquivado pelo pesquisador responsável na Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus Araguaína. Os dados, materiais e instrumentos da pesquisa ficarão arquivados com

a pesquisadora responsável por cinco anos no Centro de Documentos Históricos da Universidade, e serão destruídos após esse período. A identidade do(a) Sr(a.) será tratada com sigilo profissional, conforme as resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares.

Assumo como pesquisador responsável o compromisso de cumprir todas as exigências éticas estabelecidas pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012, bem como nas contidas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510/2016. Esta pesquisa é acompanhada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Norte do Tocantins - Campus Araguaína-TO, cujos contatos estão disponíveis no endereço Av. Paraguai, s./nº, esquina com a Rua Uxiramas - 77824-838 | Araguaína/TO, pelos telefones (63) 3416-5686/5696, ou via e-mail cep@ufnt.edu.br.

Em caso de dúvidas ou para obter informações sobre resultados parciais que possam ser compartilhados sem comprometer o sigilo de outros participantes, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos - CEP está à disposição para atender o(a) Sr(a). Este contato pode ser feito de forma anônima, se preferir, ou diretamente com a Pesquisadora responsável, ROSALDINA SINHÁ DE SOUSA, pelo telefone 63 99278-4260 ou pelo e-mail < rosaldinas5@gmail.com >, mesmo Após o término da pesquisa, para esclarecimentos ou apresentação de reclamações.

ROSALDINA SINHÁ DE SOUSA

Pesquisadora Responsável

Profa. Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida

Orientadora Responsável

ANEXO 2

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

Questionário aplicado ao dono da casa de farinha

- 1) Nome e Idade
 - 1.1) Sexo
 - 1.2) Nasceu aonde? Local de origem?
- 2) Como aprendeu a trabalhar com a produção da farinha?
- 3) Desde quando exerce essa atividade?
- 4) Escolaridade
- 5) Já exerceu outra atividade antes de trabalhar com farinha?
- 6) A comercialização, a venda e feita mais na porta ou na feira? E qual forma vende mais?
- 7) Existe troca? Por exemplo: trocam por outros produtos ou serviços?
- 8) O que é feito com os dejetos que sobram da mandioca como: cascas e manipueira?

Questionário aplicado as trabalhadoras(as)

- 1) Nome e idade
 - 1.1) Sexo
 - 1.2) Nasceu aonde? Local de origem.
- 2) Como aprendeu a trabalhar com essa atividade?
- 3) Desde quando exerce essa atividade?
- 4) Escolaridade
- 5) Já exerceu outra atividade antes de trabalhar com farinha?
- 6) Gosta do trabalho que exerce?
- 7) Como é a sua rotina diária de trabalho?
- 8) Acreditam que seus direitos são garantidos?
- 9) Além daqui o senhor(a) trabalha em outro lugar?
- 10) A renda é suficiente para garantir o sustento da família?

ANEXO 3



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS CÂMPUS DE
ARAGUAÍNA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E
TERRITÓRIO -PPGCULT**

**Av. Paraguai, s/nº, Setor Cimba | 77823-838 | Araguaína/TO (63) 3416-
5695/5653 | www.uft.edu.br/ppgcult | ppgcult@uft.edu.br**

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, Rosaldina Sinhá de Sousa, fui informado(a) e esclarecido sobre tudo o que consta por escrito neste documento, que li e compreendi, tendo sido resolvidas todas as minhas dúvidas até o momento sobre a pesquisa intitulada **“As descascadeira de mandioca”:O trabalho da mulher no processo de fabricação da farinha no Povoado Floresta Wanderlândia – TO**. Ficaram bem claros seus objetivos, justificativa, procedimentos e tudo o mais que deles decorre. E, levando em conta tudo que me foi apresentado e explicado e a importância de sua realização, eu concordo de maneira livre e esclarecida em participar desta pesquisa, sabendo que nada receberei por isto em remuneração, e ainda, que segundo minhas livres vontades poderão deixar de participar dela a qualquer momento, sem ter qualquer prejuízo. Sei ainda que receberei uma cópia desse documento, devidamente assinada pelo(a) Sr.^(a)

Assinatura do Participante da Pesquisa

ANEXO 4



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS CÂMPUS DE
ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E
TERRITÓRIO -PPGCULT
Av. Paraguai, s/nº, Setor Cimba | 77823-838 | Araguaína/TO (63) 3416-
5695/5653 | www.uft.edu.br/ppgcult | ppgcult@uft.edu.br**

De : Rosaldina Sinhá de Sousa

Para : Sr.

Assunto: (Solicitação de Autorização).

Senhor.....

Eu, Rosaldina Sinhá de Sousa pesquisadora responsável pelo estudo intitulado **“As descascadeira de mandioca”:O trabalho da mulher no processo de fabricação da farinha no Povoado Floresta Wanderlândia – TO**, solicito a Vossa Senhoria Autorização para executar a coleta de dados gravar, imagens e som. Afirmo que estes dados, tanto de vídeo como de áudio, só serão utilizados para esta pesquisa. Comprometo-me fornecer ao senhor/a uma cópia das gravações, nos responsabilizamos por manter sigilo das gravações.

Antecipamos agradecimentos por acreditar que nossa solicitação será atendida.

Atenciosamente.

Rosaldina Sinhá de Sousa

ANEXO 5



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS CÂMPUS DE
ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E
TERRITÓRIO -PPGCULT**

Av. Paraguai, s/nº, Setor Cimba | 77823-838 | Araguaína/TO (63) 3416-5695/5653 | www.uft.edu.br/ppgcult | ppgcult@uft.edu.br

EU, ROSALDINA SINHÁ DE SOUSA *, PORTADORA DO RG 1.604;424 E CPF860.444.601-00 X "PESQUISADORA RESPONSÁVEL DO PROJETO DE PESQUISA INTITULADA "As Descascadeiras de Mandioca": O Trabalho da Mulher NO Processo de Fabricação da Farinha no povoado Floresta Wanderlândia -TO.. COMPROMETEM-ME A UTILIZAR TODOS OS DADOS COLETADOS, UNICAMENTE, PARA O PROJETO ACIMA MENCIONADO, BEM COMO:

1. Garantir que a pesquisa somente será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Norte Tocantins (UFNT), respeitando assim, os preceitos éticos e legais exigidos pelas Resoluções vigentes, em especial a 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde; Desenvolver o projeto de pesquisa conforme delineado;
2. Apresentar dados solicitados pelo CEP-UFNT ou pela CONEP a qualquer momento;
3. Preservar o sigilo e a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados e estudados;
4. Assegurar que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para a execução do projeto de pesquisa em questão;
5. Assegurar que os resultados da pesquisa somente serão divulgados de forma anônima;
6. Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
7. Justificar fundamentadamente, perante o CEP-UFNT ou a CONEP, a interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.
8. Elaborar e apresentar os relatórios parciais e final ao CEP da UFNT;
9. Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico e digital, sob minha guarda e responsabilidade, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Araguaína, 22 de fevereiro de 2024.

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

ANEXO 6



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS CÂMPUS DE
ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E
TERRITÓRIO -PPGCULT
Av. Paraguai, s/nº, Setor Cimba | 77823-838 | Araguaína/TO (63) 3416-
5695/5653 | www.uft.edu.br/ppgcult | ppgcult@uft.edu.br**

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFNT

Carta de encaminhamento

Araguaína/TO, 22 de fevereiro de
2024

De: Rosaldina Sinhá De Sousa
Para: Coordenador do CEP da UFNT

Reencaminho a Vossa Senhoria o Projeto de Pesquisa, de minha autoria, intitulado: "AS DESCASCADEIRAS DE MANDIOCA": O TRABALHO DA MULHER NO PROCESSO DE FABRICAÇÃO DA FARINHA NO POVOADO FLORESTA WANDERLÂNDIA -TO.

Estamos submetendo junco com o projeto brochura detalhado, outros documentos solicitados como TCLE, Declaração do Pesquisador, Declaração do Orientador, Termo de assentimento da instituição pesquisada, folha de rosto, Cronograma da Pesquisa, Orçamento, autorização para gravação.

Aguardo resposta para os futuros encaminhamentos.

Atenciosamente,

Rosaldina Sinhá De Sousa

ANEXO 7



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E
TERRITÓRIO -PPGCULT**

Av. Paraguai, s/nº, Setor Cimba | 77823-838 | Araguaína/TO (63) 3416-5695/5653 | www.uft.edu.br/ppgcult | ppgcult@uft.edu.br

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu, _____ portador do documento de Identidade n.º _____ fui informado(a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa título **AS DESCASCADEIRAS DE MANDIOCA”: O TRABALHO DA MULHER NO PROCESSO DE FABRICAÇÃO DA FARINHA NO POVOADO FLORESTA WANDERLÂNDIA-TO”** de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. A pesquisadora e a professora orientadora certificam-me de que todos os dados dessa pesquisa serão confidenciais.

Em caso de dúvidas poderei chamar a Pesquisadora: Rosaldina Sinhá de Sousa, pelo telefone 63 98464 0933 ou pelo E-mail < rosaldinas5@gmail.com>. Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

**ROSALDINA SINHÁ DE SOUSA
Pesquisadora Responsável**

**Profa. Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida Orientadora
Responsável**

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Nome da Pesquisadora Responsável ROSALDINA SINHÁ DE SOUSA,

Endereço: RUA Dos Axixas, QUADRA 04, LOTE 17, Setor Cimba

CEP: 77824818 Cidade: Araguaína-TO

E-mail: < rosaldinas5@gmail.com>

Telefone: (63) 63 99278-4260

Araguaína-TO, ____/____/____.

Professor participante da Pesquisa

ANEXO 8

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
NORTE DO TOCANTINS
(UFNT)



Continuação do Parecer: 6.911.323

- O benefício é informado no protocolo de pesquisa:

Benefício: São vários os benefícios que esta pesquisa irá proporcionar. A pesquisa irá evidenciar a voz desta comunidade realizando um levantamento das demandas e da dinâmica deste povo. Esta pesquisa também trará contribuição e benefício para o conhecimento científico tendo em vista que irá produzir fontes sobre a comunidade e o modo de vida deste povo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a área de estudo, principalmente, por apresentar a possibilidade de produção de conhecimento científico articulado aos saberes comunitários.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

¿Folha de Rosto: Possui as informações obrigatórias.

¿Projeto de pesquisa completo: Pendências listadas no último parecer foram resolvidas. Possui as informações obrigatórias.

¿TCLE: Pendências listadas no último parecer foram resolvidas.

¿Cronograma: Possui as informações obrigatórias.

¿Orçamento financeiro: Possui as informações obrigatórias.

¿Carta de apresentação ao CEP: Apresentada no protocolo de pesquisa.

¿Declaração de fase inicial da pesquisa: Apresentada na declaração de compromisso da orientadora e da pesquisadora.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências listadas nos pareceres anteriores foram resolvidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2293174.pdf	22/05/2024 20:13:50		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE.docx	22/05/2024 20:12:40	ROSALDINA SINHA DE SOUSA	Aceito

Endereço: Avenida Paraguai, s/n, esquina com Rua Uxiramas, sala 3, prédio do PPGL

Bairro: Setor Cimba

CEP: 77.824-838

UF: TO

Município: ARAGUAINA

Telefone: (63)3416-5686

E-mail: cep@ufnt.edu.br

Anexo 9

A Massa (Raimundo Sodré)

A dor da gente é dor de menino acanhado Menino-bezerro pisado no curral do mundo a penar Que salta aos olhos igual a um gemido calado A sombra do mal-assombrado é a dor de nem poder chorar

A dor da gente é dor de menino acanhado Menino-bezerro pisado no curral do mundo a penar Que salta aos olhos igual a um gemido calado A sombra do mal-assombrado é a dor de nem poder chorar

Moinho de homens que nem girimuns amassados Mansos meninos domados, massa de medos iguais Amassando a massa a mão que amassa a comida Esculpe, modela e castiga a massa dos homens normais

Quando eu lembro da massa da mandioca mãe (Da massa) Quando eu lembro da massa da mandioca mãe (Da massa) Quando eu lembro da massa da mandioca mãe (Da massa)

A dor da gente é dor de menino acanhado Menino-bezerro pisado no curral do mundo a penar Que salta aos olhos igual a um gemido calado A sombra do mal-assombrado é a dor de nem poder chorar

A dor da gente é dor de menino acanhado Menino-bezerro pisado no curral do mundo a penar Que salta aos olhos igual a um gemido calado A sombra do mal-assombrado é a dor de nem poder chorar

Moinho de homens que nem girimuns amassados Mansos meninos domados, massa de medos iguais Amassando a massa a mão que amassa a comida Esculpe, modela e castiga a massa dos homens normais

Quando eu lembro da massa da mandioca mãe (Da massa) Quando eu lembro da massa da mandioca mãe (Da massa) Quando eu lembro da massa da mandioca mãe (Da massa)

Nunca mais me fizeram aquela presença, mãe (Da massa) Da massa que planta a mandioca, mãe (Da massa) A massa que eu falo é a que passa fome, mãe (Da massa) A massa que planta a mandioca, mãe (Da massa)

Lelé meu amor lelé (Lelé meu amor lelé) no cabo da minha enxada não conheço "coroné" (No cabo da minha enxada não conheço "coroné") Eu quero mas não quero (Camarão) Minha mulher na função (Camarão) Que está livre de um abraço (Camarão) Mas não está de um beliscão (Camarão)

Torna a repetir meu amor (Ai, ai, ai!) Torna a repetir meu amor (Ai, ai, ai!) Torna a repetir quem quiser (Ai, ai, ai!) Torna a repetir ta Sodre (Ai, ai, ai!)

Compositores: Antonio Jorge Portugal, Raimundo Sodre.